
CAN HE SAVE ME
FROM DARKNESS?
Breathe
HAZEL ROBINSON

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WAS, fã da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





WAS

Breathe

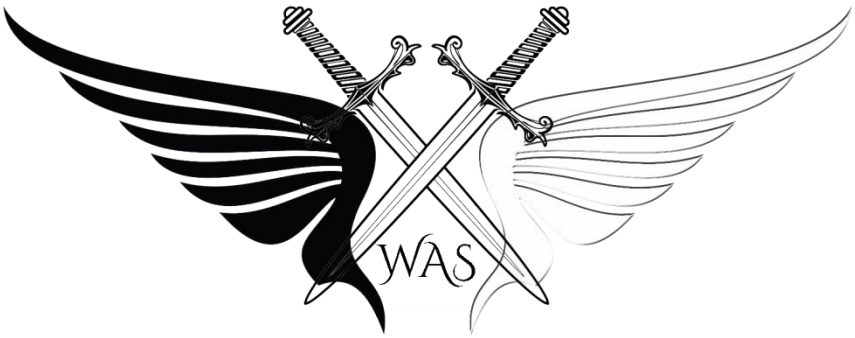
by Hazel Robinson

Breathe

© 2020 Hazel Robinson







Staff

Tradução Mecânica – Sidriel Wings

Revisão Inicial – Justice

Revisão Final – Sidruiel Wings

Leitura Final – Elena

Formatação – Warrior

Janeiro 2021

Breathe
by Hazel Robinson



Sinopse

Eu estava me escondendo...
Correndo de um passado que se escondia nas sombras.

Torturada por sua presença

Até que uma noite um estranho pegou minha mão, me levando para longe do perigo...

Fiquei cega com seu toque

Marcus escondeu um segredo doloroso - um que me forçou a revelar o meu próprio segredo.
Foi fácil com ele.

Mostrou-me como Respirar

Ele estava acostumado com predadores perigosos, lidava com eles todos os dias.
Mas estava prestes a enfrentar meu maior arrependimento.

Meu maior medo

O monstro do meu passado.

Drake...

Algum de nós vai sair vivo?

Capítulo Um

A música bombeia nas minhas veias, e as batidas dançam em minha pele. Sexta à noite no *The Crow Club* é minha noite favorita da semana. Eu caminho para o bar, acenando com minha mão para Justin para outra bebida enquanto a próxima banda se prepara para o palco.

Camden Town é o centro da vida noturna, está repleta de boates, bandas ao vivo se apresentando em todos os outros clubes e pubs, e nossa casa não é diferente; fins de semana são preenchidos com cantores e bandas, fazendo fila para subir no palco do *The Crow*.

— Aqui está, Evvie. — Justin desliza meu copo de vodka pelo bar, dando-me uma piscadela.

— Obrigada, Justin. Quanto devo a você?

— Por conta da casa, menina. — Sua atenção se volta para a loira que estava babando em cima dele a noite toda. Eu amo meu irmão, mas ele precisa aprender a manter o pau dentro das calças! Eu realmente não entendo todo o apelo. Ele prospera com a atenção que as mulheres lhe dão, olhando seus braços cheios de tatuagens, agindo como se nunca tivessem visto um barman de sobrancelha ou piercing labial antes – qual é?! Rolo meus olhos para ele antes de voltar minha atenção para a multidão reunida na frente do palco.

Minha banda favorita *Raven* vem a seguir e eles me imploraram para subir no palco com eles novamente… seu vocalista principal Jensen começou subindo no palco tocando seu violão e cantando apenas há cerca de um ano - ele tem a voz mais emocionante e incrível; ele é um pouco emo[1]. Deixou a cidade há um ano e voltou depois de alguns meses, com uma banda completa, nova imagem e uma lista de músicas incrível - que Jensen escreve.

É minha primeira noite de folga em anos e eu gosto do fato de estar deste lado do bar porque está muito ocupado e os corpos estão empurrando e movendo em todas as direções, a maioria dos quais são os grandes fãs que Raven agora tem os seguindo em torno de cada show.

Eu pulo, quase derramando minha bebida, quando uma mão se enrola em volta da minha cintura. Eu posso sentir sua respiração fraca em meu ouvido fazendo meus ombros arquearem e os cabelos do meu pescoço se arrepiarem. — Ei idiota! O que diabos você pensa que está fazendo? — Eu giro e paro no meio do caminho. Olhos verdes esmeralda estão olhando para mim; arrepios sobem pelos meus braços e percebo que minha raiva inicial está desaparecendo rapidamente enquanto eu o encaro.

— Desculpe, vim falar com você e alguém me empurrou por trás. — O sorriso torto em seu rosto, no entanto, me leva a acreditar no contrário. Eu me afasto por um momento, observando-o. Alto, moreno e

[1] **Emo** ou **emocore**' de ***emotional hardcore*** é um gênero musical surgido no final da década de 1980 com raízes no hardcore punk e fortes influências no post-hardcore, caracterizado pela musicalidade melódica, expressiva, por vezes letras emotivas e confessionais.

muito bonito. Seu cabelo loiro escuro desalinhado cai sobre o rosto, os mesmos olhos esmeralda que me deram arrepios agora vagam para cima e para baixo em meu corpo.

— Sim, bem, mantenha a porra das mãos para você de agora em diante, por favor, — eu bufo e volto minha atenção para o bar.

— Ai! Isso é um pouco rude. — Ele puxa o banco do bar ao meu lado. '*Idiota!*' Eu murmuro baixinho, a paciência lentamente desgastando. Por que cada cara neste lugar pensa que pode me pegar? Não posso apenas sentar em paz e tomar uma porra de uma bebida?

Arranco o elástico do meu pulso e puxo meus cachos vermelho fogo em um rabo de cavalo, voltando minha atenção para ele. — Bem, algum idiota decidiu não apenas tentar colocar as mãos em mim, mas agora ele não vai me deixar em paz para desfrutar da minha bebida! — Eu estalo e viro minhas costas para ele.

Eu pego meu copo, irritada por ele ainda não estar entendendo a mensagem e me deixando sozinha, e despejo a vodca queimando na minha garganta. Posso ouvir a banda se preparando no palco atrás de mim. Virando minha cabeça, eu me levanto para ir embora, mas sua mão agarra meu pulso. — Ei! Você já está fugindo de mim? — Sua pele está quente contra a minha. Um arrepio de calor sobe pela minha espinha. — Você vai pelo menos dançar?

Minha cabeça tomba para trás enquanto tento pensar na melhor maneira de dizer a ele para me deixar em paz. — OK, escute, eu não estou procurando ' ficar ' com você. Não sei quem você é, mas não falo simplesmente com qualquer cara que acha que tem uma chance. Agora, se você não se importa, eu tenho que me preparar para subir no palco logo.

— Ei Evvie, esse cara está incomodando você? — Justin me lança um olhar preocupado através do bar.

Sorrindo, eu aceno minha mão para ele. — Não se preocupe, Justin, ele estava saindo, na verdade. — Eu me viro e sorrio para ele. — Agora, se você não se importa em soltar minha mão, eu tenho que me preparar.

— Deus, você está cheia de si, não é? — Ele solta minha mão e tira os cabelos do rosto. — Para sua informação, eu não estava olhando para enrolar-me com você. — Seu rosto fica tão perto do meu que posso sentir sua respiração no meu pescoço. Sua mão enrola em volta do meu pescoço e ele me puxa para mais perto até que seus lábios tocam os meus, eu não luto contra seu aperto, meu corpo derrete instantaneamente com seu toque. *Deus, esse cara é gostoso.* Seus lábios percorrem os meus; não me beijando, mas me provocando. Devo admitir que por um momento a sala se esvaziou e apenas nós dois ficamos na sala escura e vazia, o calor entre nós como fogo e eu fecho meus olhos, ouvindo meu coração batendo forte contra meu peito e o sangue bombeando em minhas veias.

De repente, ele me solta e sai andando sem nem se despedir! Ele me deixa pendurada e realmente chateada.

— Deus, que completo idiota! — Quem diabos ele pensa que é? Pensar que pode me tratar assim. — Ei idiota... — Eu examino a sala, meus olhos correndo em volta procurando por ele, mas ele se escondeu completamente.

Estou atordoada e sem palavras no bar, minha respiração pesada com raiva e decepção. Eu fui perseguida por muitos caras aqui, mas nenhum nunca me deixou procurando por mais. Eu dou outra olhada ao redor da sala antes de ser arrancada por Justin.

— Evvie. Você é a próxima. — Eu dou uma última olhada ao redor antes de caminhar para os bastidores, empurrando através da multidão, e sinto uma mão roçar meu ombro nu, causando um arrepio na minha espinha. Respirando fundo, seguro a maçaneta por um momento. A sensação de que estou sendo observada percorre meu corpo, os olhos quase queimando minhas costas.

Os pelos do meu braço se arrepiam de medo, é como um sexto sentido, rapidamente me viro, girando nos saltos das minhas botas, meus olhos fechados por um momento. Abrindo-os lentamente, examino a sala...

Nada.

Com uma mão trêmula, eu abro a porta, batendo-a atrás de mim. Respirando fundo novamente, pego o microfone e corro para o

palco; a banda começa, estou frustrada e no limite. Tenho a sensação de que alguém está me observando, e não é meu misterioso arrogante *quase beijador*. Sua presença me deixou querendo mais; esta presença está me deixando com medo. Empurro todos os sentimentos de lado, sorrio para a multidão antes de deixar as palavras fluírem dos meus lábios.

É aqui que estou livre de todas as merdas que tento esquecer.

Fecho os olhos, cantando as palavras para mim mesma, e para a multidão, meu coração bate no ritmo da bateria, conto tudo sobre minhas feridas, o ritmo fala minha dor.

As memórias inundam as letras; dois anos de esquecimento voltam rapidamente enquanto um sentimento familiar toma conta de mim, fazendo minha cabeça girar enquanto meus olhos se abrem.

O horror surge em mim.

Eu procuro Justin no bar, mas não consigo vê-lo.

Entro em pânico enquanto luto para encontrar a letra, minha garganta fraca de medo... meus pés congelados no lugar enquanto fico cara a cara com o monstro dos meus sonhos. Minhas mãos tremem incontrolavelmente, o coração batendo forte contra meu peito. Tento me concentrar no resto da multidão, mas não consigo tirar os olhos de Drake sorrindo para mim.

Não consigo respirar direito. Eu apenas fico olhando para ele.

Vestido com seu terno ajustado limpo usual, as mãos enterradas fundo nos bolsos da calça, parando no meio de todos... Eu tento olhar para longe, mas ele apenas fica lá, sorrindo para mim. *O que diabos ele está fazendo aqui?* Minha mente dispara ao vê-lo, fico paralisada de medo quando a banda percebe que parei de cantar e fico de pé no palco olhando.

Eu me viro para Jensen. — Eu preciso sair do palco agora! — Meu corpo todo treme de medo, quase imploro.

Ele simplesmente balança a cabeça, a preocupação estampada em seu rosto. O palco é o único lugar em que estou no controle total e simplesmente perdi a cabeça! Em frente de todos - eu congelei como uma criança assustada, mas isso é o que eu sou; levada de volta para aquela jovem assustada.

Minhas palmas se fecham quando ele tira o microfone das minhas mãos e se desculpa com a multidão, dando outra olhada, mas não consigo vê-lo, minha cabeça dispara de um lado para o outro, verificando toda a multidão e o clube por qualquer sinal dele... nada.

— Porra. — Eu corro para os bastidores, meu corpo todo tremendo. Pego minha bolsa e, respirando fundo, abro a porta, meus olhos correm ao redor procurando por ele, mas não há sinal. Tento procurar Justin no bar, mas também não consigo vê-lo, então mantenho minha cabeça baixa e caminho pela multidão, esbarrando no alto, escuro

e arrogante de antes, meu corpo treme vigorosamente. Não consigo respirar direito.

— Que diabos! Para onde você está indo com tanta pressa? — Ele ainda segura meus dois braços.

O pânico corre em minhas veias; minha única reação é lutar para me libertar. Tento me livrar de seu aperto, mas ele apenas me puxa para mais perto, peito com peito. Tento me afastar, mas ele continua me segurando. — Eu preciso ir! Solte-me. — Eu começo a tremer. Não consigo evitar que meu corpo trema de pânico. — Eu preciso sair daqui agora! — Imploro a ele.

— Ei, o que é? O que há de errado? — Sua mão se enrola em volta da minha cintura. Ele me puxa para mais perto, estendendo a mão para limpar a lágrima perdida na minha bochecha.

Meu coração bate forte contra o meu peito enquanto tento me concentrar em sua voz.

— Apenas respire devagar e me diga o que há de errado. — Ele me olha preocupado.

— Eu não posso. Preciso sair daqui.

Sua mão segura minha bochecha, quente e gentil. — Apenas respire, — ele me diz calmamente, muito diferente do nosso encontro anterior, sua voz me acalmando, meu corpo trêmulo desacelerando sob seu toque.

Eu seguro firme em sua camiseta, olhando em seus olhos, as lágrimas começam a se acumular, eu tento mantê-las, mas seu toque me enfraquece... minhas paredes começam a quebrar por dentro.

Ele olha profundamente nos meus olhos por um momento; Juro que ele pode ler todos os meus medos. Algo sobre seus próprios olhos... eles mudaram.

— Deixe-me ajudá-la, Evvie. — Ele estende a mão, procuro Justin na sala, voltando minha atenção para ele e aceno com a cabeça.

Ele pega minha mão, segurando firme, e saímos correndo pela porta da frente para a rua principal. Olho para trás enquanto corremos para a estação de trem, nenhum de nós falando.

Ele para na plataforma, conferindo o relógio. — Temos 10 minutos antes do próximo trem.

Eu simplesmente fico encostada no poste e aceno com a cabeça, meus braços em volta de mim para me aquecer.

— Você está congelando, aqui. — Ele tira a jaqueta e a envolve suavemente nos meus ombros.

Eu olho para cima com os olhos encharcados de lágrimas. — Obrigada, — eu digo.

— Você está bem agora? — Ele está ao meu lado, enfiando as mãos nos bolsos do jeans.

Eu balancei minha cabeça. — Não... — Eu acho que nunca estarei bem novamente.

Seu braço envolve meu ombro e ele me puxa para mais perto, apoiando o queixo na minha cabeça enquanto eu deixo as lágrimas fluírem.

Saltando no trem, fazemos a viagem silenciosamente. Descanso minha cabeça em seu ombro enquanto ele conforta as lágrimas que não consigo parar. Passei tanto tempo tentando compensar meu passado, me escondendo e me mantendo segura, e agora que Drake finalmente me alcançou, ele certamente vai me querer de volta. Um soluço escapa dos meus pulmões e seu braço me envolve com mais força.

Olhando para o meu salvador, eu enxugo minhas lágrimas. — Eu ainda não sei o seu nome? — Eu pergunto.

— Marcus, — ele me dá um pequeno sorriso. — Chegamos. — Levantando-se, ele estende a mão diante de mim.

Eu respiro profundo e rouco; lentamente pegando sua mão e seguindo seu exemplo em segurança. Após uma curta caminhada, chegamos ao alto bloco de apartamentos. — Está tudo bem... você está segura comigo. Não vou deixar nada acontecer com você, — ele sussurra suavemente em meu ouvido.

Capítulo Dois

O que estou fazendo aqui? Eu me questiono enquanto estou na entrada para o apartamento desse estranho; um estranho que menos de uma hora atrás estava me atacando e tinha sido um idiota. Envolvo os braços em volta do meu corpo enquanto examino o cômodo em que estou. Um espaço tão aberto me cerca, estantes de livros em toda a parede - fotos em todos os lugares, a sala abre para a cozinha dividida por uma ilha no meio, é enorme! Na minha frente está uma parede de vidro, enormes portas de correr que levam para o céu noturno iluminado, estrelas brilhando contra o céu negro e espesso.

— Você quer algo para beber? Café? Cerveja? — Sua voz instantaneamente me deixando hiper ciente de quão perto ele está atrás de mim. Os pelos da minha pele se arrepiam.

Eu o vejo caminhando para a cozinha, em silêncio, meus nervos ainda abalados pela breve visão que tive. Ele estava realmente lá? Ou eu estava apenas imaginando? Eu já não posso dizer. Depois de passar mais de dois anos correndo e me escondendo, ou posso estar imaginando o rosto dele em todos os lugares.

— Ei Evvie? Você ainda está comigo? — ele se aproxima e coloca a mão no meu ombro. Eu quero tremer ao seu toque, quero dar de ombros,

mas parece seguro e quente. O que há com meus sentimentos e esse cara?

— Sim, desculpe, estou bem, e sim, eu adoraria uma bebida, por favor - café, se você não se importar. — Eu sorrio para ele por um momento, por que diabos estou sorrindo? Vamos, Evvie, acorde porra, sim? Eu digo a mim mesma.

Observo enquanto ele caminha de volta para a cozinha. Ele volta alguns minutos depois com duas xícaras e as coloca na mesinha de centro no meio da sala. Sento-me desajeitadamente no sofá cinza macio, sem saber onde me colocar ou como agir. Nunca fiquei tão nervosa ou inquieta, minhas mãos ainda um pouco úmidas e não consigo afastar o medo de que fomos seguidos. Sei que não fomos, corremos o mais rápido que podíamos para a estação de trem; eu segurei sua mão com tanta força o tempo todo, com medo de soltar - com medo de ficar sozinha.

— Você quer falar sobre o que aconteceu? Por que você estava correndo e por que estava tão assustada? — Ele se senta na cadeira à minha frente, sua perna cruzada sobre a outra, sua mão repousando sobre ela.

Eu levo um momento, meus olhos examinando sua mandíbula quadrada e afiada, a barba por fazer em torno de seu rosto. Ele não se parece em nada com o Drake de olhos azuis profundos e bem barbeado. Marcus se mostra um pouco confiante, eu repasso nosso

primeiro encontro na minha cabeça, mas por outro lado ele tem um charme carinhoso, quase heróico.

Ele se senta relaxado à minha frente, mas posso ver a sensação de preocupação que ele carrega; aos seus olhos, eu era uma donzela em perigo que ele acabou de resgatar. Vejo como suas mãos correm por seu cabelo loiro escuro.

Em meus 24 anos, eu só estive com um homem... O exato oposto do homem sentado na minha frente agora, que por alguma razão desconhecida me dá um frio na barriga com a forma como seus lábios se curvam quando ele sorri.

Eu balanço minha cabeça, desviando meus pensamentos de volta para sua pergunta. Pegando a caneca, meus dedos envolvendo em torno dela para aquecimento e conforto. — Eu realmente não quero falar sobre isso.

— Então, você não quer falar sobre o fato de que eu encontrei você tremendo como uma folha, chorando de medo, e que você voltou para casa comigo - um total estranho depois de me rejeitar no clube? — Ele levanta a sobrancelha para mim, seus lábios se enrolam ao mesmo tempo, caramba, esse cara é como o próximo nível muito gostoso de muitas maneiras. Mas ele tem razão.

— Obrigada por isso, a propósito. — Eu respiro fundo, olhando para as enormes portas de correr ao meu lado. — Por que você ainda estava por ali, afinal?

Ele sorri para mim por um momento, um sorriso tão tentador, pequeno, mas convidativo. — Bem, eu queria me desculpar.

— Pedir desculpas pelo quê?

— Por deixar você pendurada do jeito que eu deixei... — ele para de falar, deixando-me com uma sensação de frio no estômago.

Aquele quase, quase beijo me deixou com uma sensação um pouco quente demais e sim, eu estava chateada por ele ter me deixado pendurada e pelo que ele disse. — Bem, eu acho que fui tão idiota quanto você... Eu fico tão chateada quando os caras vêem uma mulher no bar sozinha e instantaneamente pensam que ela está disponível para ser tomada.

É verdade que lido com isso o tempo todo, na frente e atrás do bar, tantas noites enquanto trabalho que recebo comentário após comentário, alguns caras simplesmente não entendem - nem todas as garotas quebradas estão atrás de um escape.

— O que você está pensando? — Ele me tira do meu transe.

— Eh... desculpe, eu estava apenas...

— Eu não sou esse tipo de cara, sabe? — Ele se mexe na cadeira, inclinando-se para a frente.

— E a que tipo de cara você está se referindo? — Eu questiono, intrigada com seu comentário.

— Não sou o tipo de cara que vai a clubes e bares só para pegar mulheres vulneráveis ...

Eu coloco a xícara de volta na mesa por um momento, a curiosidade me tomando. Recostando-me na cadeira, mordo a unha por um momento, sorrindo. — E é isso que você pensa sobre mim?

— Acho que você atua de forma forte e independente, mas no fundo está magoada e solitária. — Ele imita meus próprios movimentos - sentando-se na cadeira e simplesmente me encara, como se dissesse 'vamos lá, me diga que estou errado'.

— Em primeiro lugar, não é uma atuação! E em segundo lugar, posso estar ferida, sim, mas não solitária. Para sua informação, tive uma vida inteira de merda que você não conseguia nem sonhar, então o discurso de garota durona... não é fingido.

Ele levanta as mãos, sorrindo para mim. — Bem, sinto muito ter entendido errado.

Eu vou deixar ele ficar com essa. Nós dois apenas rimos... Pela primeira vez em anos, não foi uma risada falsa ou um sorriso forçado, foi real.

— Olha, eu não quero soar precipitado nem nada, mas você é mais que bem-vinda para ficar aqui esta noite se quiser, eu tenho um quarto vago. — Ele se inclina para a frente, juntando as mãos.

Eu quero ficar? Se Drake estiver lá fora, ele não vai me encontrar aqui, eu nem sei onde estou, então não há chance de ele me

encontrar. Mas posso realmente passar a noite na casa de um estranho - pelo que sei, ele pode ser pior do que Drake! Eu me levanto bruscamente. — Olha, estou indo para casa.

— Tem certeza de que é isso que quer fazer, Evvie? — Ele se levanta e vem até mim. Meu coração acelera um pouco. Levo um momento, olhando em seus olhos, hipnotizada. Ele é muito mais alto do que eu tão perto - eu não tinha notado antes, mas estava tão perto dele; ele se eleva sobre mim, forte e musculoso. No fundo, acho que não quero ir embora. Cada barreira que tenho parece fraca contra ele e não sei por quê.

— Não. — Quase sai um sussurro, lembrando que seus lábios tocaram os meus antes - a sensação ainda crua em meus lábios.

Ficamos olhando um para o outro, ambos tentando ler as intenções do outro. Este é provavelmente um dos lugares mais seguros em que posso estar agora, e sei quais monstros se escondem na escuridão.

Ele quebra o silêncio primeiro, mudando de assunto enquanto passa as mãos pelos cabelos. — Ok, bem, vou pular no chuveiro e depois vou arrumar o quarto vago para você, sinta-se em casa. — Ele se vira e caminha pelo longo corredor iluminado.

Solto um longo suspiro e, puxando meu cabelo para fora do elástico, os cachos caem sobre meus ombros. Atravessando a sala até à estante de livros, minhas mãos percorrem cada livro. Ouço o som fraco de

água correndo ao longe enquanto vago pela sala, nervosa para tocar em qualquer coisa, mas curiosa para ver mais sobre ele, seu mistério me intriga.

Eu ando até à parede que tem um monte de fotos penduradas em molduras. Meu coração dispara enquanto examino cada uma, maravilhada com as imagens. Tantas fotos de um vasto oceano aberto, peixes, golfinhos. Meu coração para por um momento quando o filme Tubarão vem à mente - um enorme tubarão gigante, cicatrizes de batalha em um lado, água azul profunda o cerca.

Pego a foto na mesinha lateral. Outro tubarão. Olhando mais de perto, posso ver uma figura na foto. Uma daquelas gaiolas de tubarão como você vê na TV, eu não consigo distinguir mais nada, é longe demais para ver, só uma pessoa pequenininha de roupa de mergulho. Olhando novamente para o tubarão, vejo as mesmas marcas de cicatriz da outra foto.

Seguro a moldura por tempos, olhando para ela, depois para a parede de fotos. Quem é esse cara? Eu me pergunto.

— Essa é Betty, — a voz de Marcus ecoa através de mim por trás, me tirando do meu transe. Quase deixo a foto cair. Colocando-a instantaneamente de volta na pequena mesa, eu me viro...

— Estou triste... — Não consigo pronunciar minhas palavras. Ele não tem nada além de um par de shorts pendurados em sua cintura, seu cabelo pingando, pele bronzeada e sedosa. *Porra!* Eu fico olhando para

ele, absorvendo cada parte dele, bebendo em seu corpo... Gotas de água pingam em seu peito. Meus olhos vêem através de uma tatuagem em seu peito, um lobo; seus olhos quase em 3D parecem me encarar. Eu não posso deixar de rastrear meus olhos para cima e para baixo em seu corpo, notando uma cicatriz estranha em sua perna, como marcas irregulares, quase como marcas de dentes, mas grande demais para ser de qualquer animal que eu possa pensar.

Posso sentir o calor saindo de seu corpo por causa da água enquanto ele caminha lentamente em minha direção... o que diabos eu estava dizendo mesmo?

O que ele disse?

— Betty. — Ele aponta para a foto que acabei de colocar de volta na mesa.

— Oh, desculpe. — Eu balanço minha cabeça enquanto ele para a centímetros de mim, tenho certeza que ele está tentando parecer mais sexy do que o necessário agora. — Desculpe, eu estava apenas...

Ele pega a foto, sorrindo. — Ela tem quatro metros de comprimento. Meu tubarão favorito. — Seu rosto se ilumina quando ele fala sobre isso, tanta paixão em seu tom.

— Você gosta de tubarões? — Eu pergunto, desviando meus olhos dele e para a foto.

— Você pode dizer isso. — Ele aponta para a figura na gaiola. — Este sou eu.

— De jeito nenhum. — Eu sorrio, quase tonta para mais informações, como é que eu acho isso completamente quente - não a parte da roupa de mergulho (embora, venha em uma fodida roupa de mergulho!), Mas mais o pensamento dele no belo oceano amplo, completamente livre, nadando com criaturas mais belas do planeta, porém perigosas.

— Sim, eu passei dois anos rastreando-a, monitorando seu comportamento - para onde ela vai, sua área de alimentação favorita, esse tipo de coisa. Até pude entrar na água com ela algumas vezes. Ela foi o primeiro tubarão que eu marquei.

— Você está me zoando? Você nadou com tubarões? — Sento-me na cadeira, olhando para ele com admiração. Esse cara ficou muito mais interessante.

— Sim. Sempre quis trabalhar com tubarões e depois de terminar a faculdade acabei trabalhando na Cidade do Cabo como assistente de pesquisa, fiz isso por dois anos, depois três anos com uma instituição de caridade para tubarões. — Eu posso ouvir o orgulho em sua voz. Ele teve a sorte de experimentar tal paixão.

Um sentimento de arrependimento habita dentro de mim. Para sua sorte, ele viajou pelo mundo realizando seu sonho de toda a vida. Enquanto eu tive todos os meus tirados de mim. Meus sonhos se distorceram até que eu não os tivesse mais, roubados de mim.

— Isso é realmente incrível. — Pareço tão invejosa, amarga até.

Olho para a cicatriz em sua perna novamente, inclinando minha cabeça um pouco para o lado para ver melhor.

Ele imediatamente percebe e vira a perna em minha direção. — Ah, isso não é nada, só um beliscão! — ele ri, e é um som lindo, refrescante e aquecedor.

— Um pequeno beliscão?! — Eu levanto minha sobrancelha para ele... Tem uma cicatriz de mordida de tubarão na perna, e chama isso de beliscão!

— Sim, eu pensei que seria inteligente ir nadar sem meu equipamento e bem uma pequena azul decidiu que queria um gostinho de mim... felizmente, eu nunca vou mergulhar sozinho.

Meu coração bate forte, estou um pouco chocada em como alguém que nada com tubarões pode ser tão imprudente e animada por ele ter um lado tão imprudente. — Uau, você realmente foi mordido por um tubarão. Aposto que foi assustador?

— Por um momento, sim, e então a adrenalina meio que toma conta e eu consegui chutá-la no rosto com meu outro pé e nadar até à superfície. Felizmente, ela era apenas um filhote, então nada muito grande e avassalador. — Ele faz uma pausa por um momento. Posso vê-lo relembrando suas próprias memórias. — Fiquei no hospital pouco mais de uma semana, só Deus sabe quantos pontos levei e depois voltei direto para a água.

— Então, mesmo depois disso, você ainda voltou para a água. Eu teria ficado com muito medo.

Ele ri baixinho. — Sempre foi meu sonho, e eu não ia deixar minha própria estupidez me impedir de voltar à água... Você nunca deve deixar o seu medo controlar você. — Eu sinto uma sugestão de tristeza em seu rosto enquanto seus olhos vidram sobre a foto antes de colocá-la de volta. — Eu tive que parar e voltar para casa.

— Por que você teve que parar?

— Não importa agora, está no passado. — Sua voz falha, só um pouco, mas o suficiente para eu notar. Talvez estejamos escondendo segredos obscuros.

— Então, o que você faz agora? Deve ser muito chato depois de nadar com tubarões para viver? — Eu sorrio, mudando de assunto.

Ele passa a mão pelo cabelo parcialmente seco, sorrindo. — Eu ainda nado com tubarões.

Olho para ele confusa.

— Eu trabalho no centro de vida marinha - alimentando os tubarões, nadando com eles para os visitantes, levando as pessoas nos tanques para mergulhar com eles.

— Então, você ainda consegue viver seu sonho? — Eu me sento na ponta da cadeira. Tão encantada com sua vida. Deve ser tão emocionante passar a vida assim.

— Sim, às vezes não parece... Eu me sinto tão cativo quanto eles.

— Eu conheço esse sentimento, — confesso. Eu sei exatamente como é isso, na verdade.

Ele caminha até mim, tirando meus cachos grossos do meu rosto. — Qual é a sua história, Evvie?

Eu fecho meus olhos, bebendo a sensação de ternura de seu toque, respirando o cheiro fresco de seu banho, cítrico, atraindo minhas narinas. Abrindo meus olhos mais uma vez, quero contar a ele... Sinto que preciso contar a ele, como se algo dentro de mim estivesse gritando para que eu me abrisse para ele, para compartilhar meu segredo escuro e profundo, mas não posso. — Eu prefiro não falar sobre isso.

— Merda. — Eu olho para o meu relógio e de repente percebo que não deixei Justin saber onde estou. Mudando completamente de assunto e quebrando o momento. — Esqueci de avisar meu irmão...

Eu corro para pegar minha bolsa e desenterrar meu telefone... merda, 12 ligações perdidas e incontáveis mensagens de texto. — Você se importa se eu apenas ligar para ele?

— Sim, claro, vou arrumar a cama para você, deixá-la em paz um minuto.

Eu sorrio, vendo-o se afastar. Sacudindo-me para fora de seu transe, rapidamente ligo para Justin.

Ele não demora muito para responder. — Ei Evvie, onde diabos você está? Eu fiquei preocupado pra caralho.

— Estou bem, Justin, não se preocupe. — Eu solto um suspiro.

— Não se preocupe? Você só pode estar brincando. Você foge do clube e depois desaparece...

Eu o cortei antes que ele tivesse tempo de me dar um sermão. — Olha Drake estava no clube, pelo menos eu acho que ele estava, entrei em pânico e bem... o cara de antes me ajudou e me deu um lugar para dormir durante a noite.

Posso ouvi-lo respirando pesadamente ao telefone. — Você está bem, Evvie?

— Justin, eu estou bem. Confie em mim e, se não estivesse, eu lhe contaria, — tento tranquilizá-lo.

— Ok, bem, estou aumentando a segurança no clube amanhã e preciso da foto de Drake, para que eles saibam quem estão procurando. — Ele me instrui com firmeza. — Eu ainda queria que você simplesmente fosse à polícia!

— Justin, você sabe que não posso, é muito arriscado.

Ele suspira mais uma vez na linha. — Faça com que ele seja preso, então ele não pode te machucar... porra, Evvie, isso realmente não é tão difícil.

— Justin, eu não vou à polícia e pronto! Agora é só esquecer. — O telefone fica em silêncio por um momento, mas sei que ele ainda está lá. Posso imaginá-lo esfregando a têmpora, estressado com isso.

— Bem! Apenas fique segura e eu te vejo amanhã. — Com isso, ele desliga o telefone na minha cara.

Preciso de um pouco de ar, coloco meu telefone sobre a mesa e caminho até à porta de correr, abrindo uma rajada de ar fresco que me atinge. Dou um passo para a varanda, envolvendo meus braços em volta de mim. O ar frio da noite morde minha pele, mas eu não me importo, levantando minha cabeça para olhar para as estrelas, solto um suspiro trêmulo, mechas do meu cabelo voam na frente do meu rosto como chamas vermelhas. Nunca esperei estar segura para sempre - poderia correr até o fim da terra e ele ainda me encontraria, só não esperava que fosse tão cedo... Deixei um rastro de migalhas de pão na direção errada e ele ainda me encontrou. Mas então o que pertence a Drake sempre pertence a ele e ele não vai parar até que me tenha de volta, eu sei disso! Eu o conheço melhor do que ninguém.

Aproximo-me das grades, segurando-as e olho para as luzes noturnas de Londres - sempre uma vista de tirar o fôlego que faz meu coração doer com sua beleza.

A brisa fria corre ao meu redor, até que uma mão quente enrola em volta da minha cintura, o calor corre ao meu redor tanto de seu corpo quanto de seu toque, eu me inclino, respirando fundo contra sua camiseta

limpa, o cheiro de seu sabonete cítrico ainda persistente em sua pele, ele me puxa com força. Eu não falo, nenhum de nós fala, ele apenas me segura com força em seus braços, fazendo-me sentir segura. De repente, o frio desaparece e minha preocupação também.

Capítulo Três

Abro os olhos lentamente; o sol penetra pelas cortinas do quarto, lembrando onde estou. A aventura da noite passada agora me deixando com uma dor de cabeça e uma sensação de mal-estar na boca do estômago. Marcus me segurou por mais tempo na varanda e foi tão bom - bom demais.

Ficamos na varanda por mais de uma hora, apenas olhando em silêncio para o céu noturno, até que comecei a sentir sono e a adrenalina passou. Ele me encaminhou para seu quarto de hóspedes, algo dentro de mim não queria ficar sozinha, queria continuar sendo envolta em seu abraço, mas ignorei, afastei enquanto ele seguia atrás de mim e foi para seu próprio quarto através do corredor. Ficamos parados na porta por um momento, sorrindo enquanto dizíamos boa noite um para o outro, eu sorri quando entrei no quarto e tranquei a porta silenciosamente, encostando minhas costas na porta.

Não posso explicar a sensação que me deu estar envolvida nos braços de alguém me sentindo tão segura, ainda que seja um completo estranho, isso me confunde até agora; ele é gentil, mas posso ver que ele é seguro de si; provou isso ontem à noite no clube. Lembro-me da sensação de seus lábios macios e tenros nos meus - apenas por um momento, mas o suficiente para precisar de mais. Uma dor dentro de mim

gritou por seu toque. No calor do momento, tomei uma decisão impulsiva de segui-lo - algo bem no fundo me disse que eu estaria bem com ele.

Pela primeira vez em muito tempo, meus sonhos não foram preenchidos com nenhum tipo de terror. Para ser totalmente honesta comigo mesma, não tinha um bom sono há séculos. A única pessoa assombrando meus sonhos era Marcus, e ele não estava assombrando! Puxando minhas pernas até o peito, sorrio pensando nele. Mas não posso permitir que qualquer sentimento por ele atrapalhe a situação atual em que me meti e não posso colocar ninguém em perigo. Eu não posso arriscar. Se Drake ao menos acha que alguém esteve perto de mim, ele... Eu não posso deixá-lo...

O fato é que meu ex-namorado ainda estava me perseguindo no clube na noite passada, o cara de quem eu passei tanto tempo correndo e me escondendo ainda estava parado na minha frente na noite passada, ainda me paralisava de medo. Não importa o quão segura eu me sinta, nunca estarei completamente livre, não enquanto Drake se esconder nas sombras. Eu sou dele; Eu pertenço a ele e ele não vai parar por nada para me levar de volta.

A razão pela qual me mantive escondida foi para impedi-lo de machucar qualquer pessoa que encontrasse, e agora dei a ele outro alvo - outra maneira de chegar até mim!

E se Drake me viu saindo com Marcus? Não posso colocar outra pessoa em perigo. Ele fará de tudo para me levar de volta... Qualquer coisa.

Eu pulo da cama, correndo para pegar meus pertences, entro em pânico, realmente não importa que nada aconteceu entre mim e Marcus; nem importa se nenhum de nós tem sentimentos pelo outro, mas se Drake achar que sim, ele não vai se importar. Correndo para pegar minhas roupas, eu rapidamente me visto e prendo meu cabelo em um rabo de cavalo. Silenciosamente, passo furtivamente pela porta de seu quarto e entro na sala de estar, pegando minha jaqueta e bolsa, paro por um momento, pego na bolsa uma caneta e um pedaço de papel, rapidamente escrevo um bilhete e saio.

Sinto-me vazia enquanto caminho pela rua, olhando para trás a cada dois minutos, certificando-me de que não estou sendo seguida - paranóica com cada pessoa que passa perto de mim, qualquer pessoa que olha para mim me deixando mais insegura. Finalmente chegando à estação ferroviária, corro para pegar o trem antes que ele saia.

Sem fôlego e cansada, rapidamente envio uma mensagem a Justin para me encontrar. Eu realmente não quero fazer o resto da jornada sozinha porque se Drake me encontrou no clube, então isso significa que ele está realmente aqui e pode estar em qualquer lugar. Nenhuma rua será segura para mim. Preciso me manter escondida por um tempo, esperando que ele pense que não fui eu realmente ou que fugi de novo - pelo menos, espero.

Quando o trem para, eu me levanto e caminho até à porta, ainda minha ansiedade alta enquanto observo qualquer um que se aproxime muito de mim, meu punho cerrado pronto para enfrentar qualquer um que chegue perto.

— Justin. — Eu aceno pulando do trem e corro em direção a ele, seu braço instantaneamente me puxando.

— Porra Evvie, eu estava tão preocupado com você na noite passada! — Ele me beija na testa e então afrouxa seu controle sobre mim.

Enlaço meu braço no dele e descanso minha cabeça em seu ombro. — Me desculpe, Justin, eu deveria ter ligado para você antes, é só que... não sei.

— Porra, certo, você deveria ter, um minuto você está no palco, no seguinte você está fora da porta com um total estranho e nenhuma palavra sobre onde você vai! — sua voz rouca de raiva.

— Ok pai! — Eu estalo para ele.

Ele para no meio do caminho. — Não, Evvie. Não aja como se eu fosse o cara mau...

— Bem, não me trate como uma criança, Justin! — Amo meu irmão completamente e serei eternamente grata a ele por me deixar ficar com ele, mas às vezes acho que ele se esquece de que não sou fraca ou burra!

— Olha, sinto muito mana, eu não quero brigar com você, eu só quero que você tome cuidado... — Ele olha para seus pés por um momento e então de volta para mim. — Você tem que entender; não sabíamos onde você estava por três malditos anos!

Respiro fundo; eu sei o quanto os magoei e os preocupei. Tomei uma decisão estúpida e impulsiva, mas é o que você faz quando pensa que está apaixonada, todo o seu mundo gira em torno deles, você não vê o que está fora da bolha. Eu prometi a mim mesma que nunca seria tão cega novamente.

Ele cutuca meu ombro com o dele, me tirando do meu devaneio. — Venha, vamos te levar para casa. — Ele me puxa para seu abraço, deixando de lado o assunto por enquanto; sei que, no fundo, não será a última vez que ele terá a mesma conversa comigo.

Não moramos longe da estação de trem, mas o suficiente para que meus nervos acelerem quando chegamos ao apartamento, olhando por cima do meu ombro constantemente - é o que você faz quando vive com medo.

Quando eu estava sumida, Justin colocou sua vida em espera - quase perdeu o negócio no processo, e quando eu apareci em sua porta... Eu contei a ele pedaços do que aconteceu comigo, não tive escolha. Acho que no fundo ele sabia que havia mais nessa história. Nenhum irmão mais velho quer ouvir as coisas que ele teve que ouvir, não sobre sua irmã mais nova. Nunca falamos sobre isso... Chorei até dormir em seus braços todas

as noites durante meses, mas eventualmente ele me ajudou a reconstruir os pedaços de mim mesma. Ele sabia que tipo de cara Drake era, até tinha gente checando seu clube quando eu apareci pela primeira vez, ele ouviu o tipo de coisas que aconteciam, mas nunca confessei a ele como minha própria experiência foi sombria, e nunca direi. Não quero que ele conheça essa parte de mim.

Em nosso momento de silêncio, minha mente vagueia de volta para Marcus, posso ver um pouco de Justin nele - protetor, mas escondendo algo, eu não acho que ouvi toda a história dele ontem à noite. Acho que se as coisas não estivessem tão fodidas como estão... talvez... talvez eu gostasse de saber mais sobre ele.

Desejei, no fundo, que ele pudesse ter me salvado quando eu mais precisava... mas não agora, não quando as coisas são muito perigosas.

Eu não posso ter um herói.

Tanto quanto eu quero que ele seja.

Enrolada no sofá com minha calça de moletom e casaco, ouço Justin dar suas ordens por telefone para a segurança do clube. Ele enviou a foto por e-mail para eles mais cedo, mais segurança e funcionários começam amanhã. Justin insistiu em ficar em casa comigo, mas eu disse a

ele que um de nós precisa estar lá para se certificar de que o lugar está bem, e parece que estou em confinamento e ele tem que ir.

Saindo para a cozinha, pego o pote de sorvete do freezer e uma colher. *'Então, essa é minha vida? Sorvete, calças de moletom e filmes inúteis.'* Solto um suspiro.

Justin corre para a sala, procurando por algo. — Você vê minhas chaves em algum lugar?

Eu aponto para a mesa ao lado dele, rindo.

— Obrigado, mana. — Ele corre, beijando-me na testa. — Tem certeza que vai ficar bem sozinha esta noite?

— Sim! Eu vou ficar bem. — Eu dou a ele um pequeno sorriso. — Vou encher minha cara com este sorvete e depois dormir, de qualquer maneira.

— Ok, bem, me ligue se precisar, irei checar você em breve. E mantenha as portas trancadas e...

Eu o cortei. — Sim, eu sei Justin, mantenha as janelas e portas fechadas. Não atenda a porta para ninguém. — Eu rolo meus olhos para ele. — Já superamos isso.

Ele me olha frustrado, deixando escapar um suspiro profundo. — Tudo bem, falo com você mais tarde.

Ele sai, batendo a porta atrás de si.

Folheando os canais de TV, jogo o controle remoto na outra extremidade do sofá, desistindo de tentar encontrar algo para assistir. Pulando de pé, coloco o sorvete pela metade de volta no congelador, vou até ao banheiro e preparo um banho.

De pé na frente do espelho, olho para o meu reflexo, as bolsas sob meus olhos parecendo pesadas, puxo meu cabelo em um rabo de cavalo, tiro minhas roupas de dormir, trocando-as pelo meu grande robe peludo.

Sento-me na beira da banheira vendo ela se encher de água quente, pego meu banho de espuma de jasmim favorito, tiro a tampa e inalo o perfume relaxante por um momento antes de despejá-lo na água.

Saindo da banheira a encher, caminho pelo corredor até o meu quarto para pegar um pijama, de pé no meio do meu quarto sinto uma sensação de segurança no silêncio. É estranho, eu sei, mas quando você está sozinha, quando a única coisa que você pode ouvir é o seu próprio coração batendo, meio que me traz paz. Posso sentir seu ritmo calmo batendo no meu peito, posso ouvir minha respiração estável e lenta.

Rio para mim mesma vasculhando minhas gavetas em busca do meu short favorito; não acho que exista uma garota viva que não tenha aquela única peça de roupa que só faz você se sentir melhor, mas alguns anos atrás eu nem pensava em uma coisa tão insignificante. Eu não me importava com a sensação de roupa de cama recém-lavada na cama ou a sensação de entrar em um banho de espuma quente.

Na primeira noite que passei aqui, Justin fez a cama para mim e me preparou um banho; pareceu a melhor coisa do mundo. Você não percebe o quanto sente falta dessas pequenas coisas até que não tenha escolha nelas. Você não sente falta de uma xícara de café quente antes de pedir para tomar uma.

Todas as memórias dolorosas que tentei tanto afastar e esconder, agora vêm à tona, revelando todas as velhas cicatrizes que cobri tão bem. É como ser despojada para que todos possam ver - exceto que eu sou a única no quarto. Sento-me na beira da cama segurando o short perto do meu peito, tentando cavar fundo em busca de um pequeno pedaço de conforto, em busca de um pequeno fio de normalidade, mas nada é normal sobre mim, não foi por muito tempo. Nada na minha vida foi fácil ou justo.

Sacudindo-me para fora desse pensamento, volto para o banheiro e fecho a torneira, as bolhas quase transbordando da banheira. Recuo por um momento enquanto entro e a água instantaneamente queima minhas pernas, deixando-as vermelhas e formigando.

Deitada, descanso minha cabeça em uma toalha e deixo a água lavar meus pecados.

Fechando meus olhos, eu sorrio com a visão que vejo. Eu sei que não deveria pensar nele... Preciso desligar qualquer tipo de sentimento que tenho por ele - por menor que seja.

Não importa o quão intensos ou profundos eles sejam, eu não deveria estar imaginando seu rosto agora, olhando nos meus olhos com os dele. Gostaria que as coisas pudessem ser diferentes, gostaria que pudéssemos ter nos conhecido em uma noite diferente, de uma maneira diferente. Talvez então eu não precisasse fugir, não precisasse do conforto dele do jeito que preciso. Fui estúpida por quase colocar outra pessoa em perigo por minha própria segurança! No calor do momento, o medo impulsionado pela onda de adrenalina, não parei para pensar no que poderia ter acontecido, o que teria acontecido se Drake tivesse nos seguido.

Eu conhecia os riscos, mas Marcus não; ele foi apenas um salvador na hora certa; ele não precisa saber o tipo de problema que me segue - ele passou muito tempo estudando predadores, não precisa mais disso.

Puxo meu corpo para debaixo da água deixando-a me envolver completamente, fechando meus olhos mais uma vez e finjo que estou flutuando no fundo do oceano, assim como nas fotos em sua parede, prendendo a respiração o máximo que posso, na esperança de ver beleza quando abro meus olhos. Deixo meus braços flutuarem ao meu lado, minhas pernas levantando, elas parecem tão leves.

No momento em que começo a sentir qualquer tipo de liberdade, uma mão sempre me empurra de volta; ela empurra com força contra meu peito até que eu toque o fundo da banheira - de volta à escuridão. Começo a entrar em pânico porque a mão não me deixa ter o ar de que preciso tão desesperadamente. Jogo meus braços para fora da

água, agarrando o lado e tento empurrar com força contra a mão que está me segurando. Consigo dar um rápido fôlego de ar antes de afundar de volta... meu coração para quando vejo seu rosto sorrindo para mim conforme a sua mão empurra forte contra meu peito, me mantendo lá. Eu luto contra o peso, lutando muito para me livrar do aperto, a respiração deixando meus lábios rapidamente, bolhas estourando na superfície, minhas narinas se enchem de água e meus olhos ardem.

Não posso segurar muito mais tempo, eu tento mais uma vez me puxar contra seu aperto, desta vez não desço e sinto o peso ser retirado do meu peito.

De pé na banheira, entro em pânico enquanto meus olhos procuram no banheiro a figura sombria que conheço tão bem...

Ninguém…

O banheiro está vazio para mim, agora de pé na banheira tremendo de medo.

Respiro fundo e pego meu robe, puxando-o em volta do corpo enquanto empurro meu cabelo para trás do rosto e me inclino contra a pia para me apoiar.

As lágrimas começam a cair. Coloco a mão sobre a boca... mesmo nos meus momentos sozinha, não posso escapar dele. Eu nunca estarei livre dele.

Ele deixou uma marca permanente em minha alma da qual nunca estarei livre.

Caio no chão, puxando meus joelhos perto do peito e deixo as lágrimas que segurei correrem livremente.

Capítulo Quatro

6 Anos Antes

Era o início do outono quando nos conhecemos; as folhas começaram a ficar douradas e marrons como eu tanto amava. Nós nos encontramos no parque. Eu tinha 17 anos, ele era mais velho do que eu, intenso e moreno, mas eu gostava disso nele. Toda garota quer um cara com seu próprio clube e casa, não é? Para se sentir desejada... não necessariamente por um cara mais velho.

Ele me possuiu desde o início.

Ele foi meu primeiro e na época eu pensei que era tudo para mim. Eu não tinha nada com que comparar - nenhum toque gentil para medir contra suas mãos ásperas. Nenhum momento repentino de intenso prazer de sacudir a terra para combinar com sua transa rápida no chão de seu quarto. Eu não sabia a diferença naquela época.

Ele apenas me deixou com fome de mais.

Me reivindicando.

Marcando-me a partir do momento em que sua pele tocou a minha.

Era quente desde o início; Eu ansiava por ele quando ele não estava perto de mim e não conseguia o suficiente dele quando ele estava. Olhando para trás agora, não é assim que uma garota de 17 anos deveria olhar para uma pessoa, é foda pensar no quanto eu precisava dele, ele me deu minha primeira sensação de liberdade.

Ele se sentava e me ouvia cantar, me dizendo que um dia eu estaria no grande palco com uma banda atrás de mim, reivindicando o mundo para mim.

Eu mudei por dentro.

Parei de confiar nas pessoas que realmente se importavam comigo. Excluí-os da minha vida e os virei contra mim. Quebrei minha família em pedaços.

Até que um dia ele me ofereceu um caminho para sair da minha maçante vida, ele me deu o caminho para subir que eu tanto desejava. Você já esteve tão apaixonada que daria as costas a tudo que conhecia? Esteve tão nublada por outra pessoa que eles eram tudo o que importava?

Foi o que me aconteceu. Ele transformou minha vida familiar feliz e próxima em pais controladores que não queriam que eu vivesse minha vida.

Ele me fez acreditar que eu estava melhor com ele, que ele era a única pessoa que realmente me amava. O único que me deixaria viver meus sonhos.

Então, um dia, fiz minha mala e saí de casa... correndo para os braços de um monstro, iludida por suas mentiras e charme. Eu não vi o problema em que estava... o perigo para o qual estava correndo.

Nos Dias de Hoje

Eu me puxo para fora da cama, arrastando meus pés para a cozinha. Tornei-me uma sombra nos últimos três dias, me escondendo no apartamento idiota com apenas Justin como meu contato com o mundo exterior. Drake não voltou ao clube. Estou começando a duvidar que ele alguma vez tenha estado - talvez apenas minha imaginação pregando peças em mim novamente. O medo me mantendo trancada como uma garotinha assustada, do jeito que Drake sempre me quis, assustada e miserável.

Eu nunca disse a Justin - ou a qualquer outra pessoa - o quão ruim tinha ficado, nunca falei sobre as coisas que ele fez.

Eu não posso.

A vergonha que sinto por esses momentos assombra meu sono.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha com o quão estúpida eu era, o fato de que eu estava tão apaixonada por ele que achava que essas

coisas eram normais, eu nunca quis chateá-lo ou afastá-lo de mim... mas com o tempo eu o afastei. Eu estava encontrando minha voz e lutando contra o normal, e ele não gostou; disse que estava ficando muito vocal para o meu próprio bem.

— Dia. — Justin me acorda do meu devaneio, me fazendo pular... os pelos dos meus braços se arrepiam.

Eu me viro, entregando-lhe um café. — Dia. — Eu coloco um sorriso falso. — Como foi o trabalho ontem à noite?

— Sem dormir de novo? — Ele me olha com simpatia nos olhos. Justin é cinco anos mais velho do que eu, crescendo éramos nós contra o mundo; não importava que eu fosse mais jovem, ele me amava de qualquer maneira, até que me virei contra ele também.

Tomo um gole do meu café, balançando a cabeça. Lutando contra as lágrimas, segurando firme o medo.

Ele coloca a xícara no balcão, eu sei que ele está preocupado, mas também com raiva, no momento em que apareci em sua porta, dois anos atrás, ele tentou envolver a polícia mas eu não deixei, eu estava preta e azul, solitária e quebrada. Ele me acolheu e cuidou de mim durante as muitas noites em que chorei.

Ele gritava e berrava comigo dia após dia para derrubar o idiota - derrubar seu pequeno império, mas eu não o deixei.

Até agora, Drake não tinha ideia de onde eu estava ou com quem estava. Ele não tinha ideia de que Justin havia saído de casa e se mudado

para Londres. Nenhuma pista de que eu voltaria correndo para minha família... Tanto quanto Drake sabia, eu não tinha ninguém e fugi para a Escócia.

— Você sabe o que eu quero que você faça, Evvie! — seus braços se cruzam firmemente em seu peito. — Eu te disse uma e outra vez para ir à polícia!

— NÃO! — Eu bato minha xícara no balcão, o café voando para fora da xícara e por toda a minha mão. — Eu te disse! Sem polícia... olhe. Ele provavelmente nem estava no clube na outra noite. Provavelmente apenas minha imaginação de novo. — Pego a toalha e limpo minha mão. — Pare com isso, Justin.

— Se for esse o caso, por que você está se escondendo aqui? — Ele faz uma pausa por um momento. — Por que você não sai deste lugar desde...

Ele estava certo se não há nada com que me preocupar, por que estou me escondendo? A realidade é uma merda, tenho medo de encarar o fato de que ele poderia estar lá fora, mas no fundo também tenho tanto medo de que ele não esteja. E se eu estiver me escondendo vivendo meia vida e não houver perigo?

Vejo Justin sair pelo corredor em direção ao seu quarto, a porta batendo atrás dele. Solto um suspiro triste.

Passei dois anos me mantendo segura, sempre permanecendo nas sombras.

Recusando todos os homens que tentaram sua sorte - para ser honesta, os únicos que tentaram a sorte foram idiotas de qualquer maneira, bem, todos exceto Marcus, mas até ele era um idiota no início. Acabou sendo o único a pegar minha mão e me mostrar a segurança.

Vivo à sombra do meu irmão, trabalhando em seu clube, morando em seu apartamento - não tenho nada que me pertença, estou vivendo no meu passado, se Drake estava lá fora me caçando; ele teria me pego enquanto tinha chance! Ele teria me arrebatado do clube enquanto me tem em vista, eu o conheço melhor do que ninguém e esperar no escuro não é seu estilo.

Eu me empurro contra o balcão, invadindo a sala à procura do meu telefone, sentada no sofá com as mãos trêmulas procuro na internet por apartamentos, sei que são caros nesta área e Justin não vai querer que eu saia, mas se conseguir um barato fora da área, mas ainda perto o suficiente do trabalho e de Justin, então posso fazer nós dois felizes.

Encontrando um, envio meus dados online para uma visualização e corro para o quarto para me vestir. Justin está certo se não há nada para me preocupar, por que estou me escondendo no apartamento?

Depois de ajeitar meu cabelo no espelho, escrevo um bilhete para ele e pego minha jaqueta, saindo pela porta e respiro fundo, tanto o medo quanto a excitação revoam em volta do meu estômago como se estivessem brigando para ver quem ganha.

Minhas mãos estão suando enquanto espero o elevador descer, checando meu telefone para tirar minha mente da ansiedade que está se instalando, o sino do elevador me fazendo pular.

Paro na porta da frente, segurando a maçaneta por um momento, respirando fundo antes de abri-la, o ar frio mordendo minhas bochechas instantaneamente. Faz apenas três dias, mas parece que não saio há muito mais tempo.

Desço a rua até à padaria, ficando atenta às pessoas ao meu redor no caminho, aos carros que param, às pessoas correndo; telefones colados às orelhas. Eu caminho lentamente observando todos eles, olhando por cima do ombro de vez em quando.

Depois de pagar pelo pão e pelos pastéis, atravesso a rua até ao parque. Árvores altas cercam a área, cachorros correndo soltos. Eu amo a sensação das folhas caídas sob meus pés, esta é minha época favorita do ano, os cheiros e cores. Sorrio ouvindo as folhas caindo, chutando-as enquanto ando lentamente em um devaneio.

Sento-me no banco mais próximo, puxando meu croissant da sacola de papel, esticando os pés antes de relaxar e observar os arredores.

Por que eu estava tão preocupada? Eu me pergunto, enquanto penso na noite com Marcus... Eu me sinto tão culpada, ele se importou comigo, cuidou de mim e então eu saí correndo na manhã seguinte sem nada além de um bilhete dizendo que não posso vê-lo de novo e para não me procurar.

Tivemos química, a sensação de seu toque... tão gentil e carinhoso. Ele me intriga.

Ele pareceu arrogante no começo, mas tive a sensação de que era apenas para se exibir. Havia outro lado dele, algo doce e apaixonado. Do jeito que ele falava da vida dele, ele gostava de viver, e você não consegue pessoas assim.

Solto um suspiro pesado, mais uma vez estou me punindo, me restringindo de qualquer tipo de vida normal, mesmo que apenas por uma noite...

Ele gostaria de estar com alguém como eu?

Meu telefone vibra no bolso, roubando minha atenção dele por um momento.

É uma mensagem da agência de aluguel informando que o apartamento havia sido alugado uma hora antes de eu entrar em contato com eles, mas eles têm outro apartamento que estará disponível em um mês. Ela afirma que estou no topo da lista de espera. Sorrindo para o meu telefone, posso sentir minha vida começando de novo, finalmente. Sim, estou arrasada, o apartamento não está disponível, mas pelo menos estou indo na direção certa, é um começo, eu acho.

Agora só preciso dizer ao meu irmão que estou procurando minha própria casa.

Justin está andando de um lado para o outro na sala, ele está chateado comigo e não quer ouvir nada do que eu digo, depois de voltar para o apartamento eu disse-lhe que queria encontrar um lugar só meu, mas, aparentemente, 24 anos não era grande o suficiente para lidar com a responsabilidade.

Ele ainda está me tratando como uma criança e isso está me irritando.

— Justin, você vai apenas ouvir? — Eu me levanto do sofá e caminho até à cozinha para pegar uma cerveja para nós dois. — Você estava certo antes... Se não há perigo lá fora, por que ainda estou me escondendo aqui?

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso, Evvie! Não use minhas próprias palavras contra mim. — Ele pega a garrafa de mim e se joga no sofá.

Sento-me na cadeira em frente a ele, silenciosamente no início. Não quero mais brigar com ele. — Eu vou ficar bem, você sabe Justin.

— Como você sabe disso com certeza? Quatro noites atrás, você pensou que ele estava em nosso clube e fugiu! Desapareceu com um estranho, devo acrescentar! — Ele se inclina para a frente balançando a cabeça para mim. — Eu estava tão preocupado com você... Eu realmente

pensei que você tinha ido de novo. Esse é o problema, Evvie, eu não pude protegê-la... não pude impedi-la de ir... Porra.

Ele está de pé novamente, passando os dedos pelo cabelo. Eu sei que o machuquei... Eu sei que no fundo ele está certo em se preocupar. Os anos que estive fora exerceram pressão sobre ele e o impediram de ter uma vida - ele deveria estar casado agora, com filhos, não preso no pequeno apartamento tomando conta de sua irmãzinha.

— Eu pensei que tinha perdido você para sempre, Evvie, e estou com tanto medo de que se você não estiver aqui... não posso ajudá-la... e quanto ao Crow?

Olho para o meu irmão cansado por um momento, as olheiras sob seus olhos de madrugadas no clube, madrugadas em que eu deveria ter estado lá também, ele me fez sócia no negócio no ano passado, nós dividimos a responsabilidade, mas agora ele está carregando toda a tensão.

Eu me levanto e paro meu irmão de andar, segurando seus braços enquanto seus punhos se fecham. Vejo a raiva estampada em seu rosto, nunca contei a ele toda a história do que aconteceu comigo, mas no fundo ele sabe... Ele viu o dano... ele ouviu os gritos na noite. Eu entendo porque ele está com raiva, não o deixei se vingar por mim. Ele queria que Drake sofresse.

— Justin, eu te amo mais do que tudo no mundo, mas não posso continuar deixando você colocar sua vida em espera por mim... Se você não colocar o passado para descansar, como devo fazer?

Ele solta um suspiro forte. — Eu sei mana, mas eu só...

Eu o cortei. — Não, sem *mas* Justin, você já sacrificou muito da sua vida por mim, é hora de eu crescer direito desta vez! Além disso, metade desse clube é meu, estarei lá hoje à noite trabalhando. — Eu rio, tentando aliviar o clima. — Mesmo se eu me mudar, você não vai se livrar de mim. De que outra forma você vai comer aquele delicioso assado de domingo que você tanto ama? Cozinhar você mesmo?

— Sim, você está certa... só não se apresse. OK? Leve o seu tempo para encontrar algum lugar e certifique-se de que está perto.

— Eu vou Justin e obrigada. — Eu o beijo na bochecha e me afasto. — Vou tomar um banho antes do trabalho.

Ele está com os braços cruzados sobre o peito, sorrindo para mim enquanto balança a cabeça.

Capítulo Cinco

O clube está vivo esta noite, música bombando, enorme multidão de corpos amontoados na pista de dança em frente ao show ao vivo, fico atrás do bar sorrindo. Justin está inclinado sobre o bar do outro lado conversando com uma mulher, jogando o cabelo dela por cima do ombro, seu decote quase pulando no bar... Eu balanço minha cabeça, o que ele vê em mulheres assim, bem, exceto seus peitos!

Jogando a toalha por cima do ombro, volto para pegar os copos limpos.

Aproveito o silêncio por um momento, levando meu tempo, tenho certeza que Justin pode lidar com os clientes por um minuto.

Meus pés estão matando com as sapatilhas estúpidas que beliscam meus dedos. Eu sabia que deveria ter calçado minhas botas. Apoiada na parede, esfrego meus pés doloridos.

Achei que poderia deixar todas as minhas preocupações de lado esta noite e simplesmente aproveitar o trabalho, mas ainda estão lá; enterradas. Quando cheguei, assegurei-me de que a equipe de segurança soubesse verificar todos os que entravam; Eu sei que Justin já os tinha em alerta máximo, mas eu só queria me tranquilizar mais do que qualquer coisa.

Felizmente esta noite as pessoas estão aqui para ver Raven, a maioria são fãs leais ou pelo menos fãs *mulheres* leais que querem transar com Jensen! Para sorte delas eu sei muito bem que ele é gay... mas ainda acho engraçado todos os corpos femininos dançando na pista de dança em suas saias curtas e decotes baixos! Jenson dá um bom show para elas, flerta um pouco e sempre arrasta uma garota para o palco - beijando seu rosto na frente de todos, mas é tudo uma fachada para sua 'imagem'.

Não me entenda mal, eu mesma fui tentada nas primeiras vezes que cantei com eles; ele tem algo nele que deixa seus joelhos fracos, seus cachos escuros, piercing no lábio e tatuagem no pescoço, ele sempre usa jeans skinny preto, camisa xadrez na cintura e botas de motoqueiro. Mas quando eu o peguei uma noite olhando meu irmão... meio que esvaziou o momento.

— Evvie? — a porta se abre e Dec olha para ela. — Você está se escondendo aqui? — Ele está trabalhando atrás do bar para nós há cerca de três meses, e está namorando Jenson... mas ele é bom para as clientes do sexo feminino olharem, por alguma razão elas amam o visual emotivo danificado.

Eu me equilibro, colocando meus sapatos de volta. — Não basta pegar mais alguns copos. — Pego a bandeja com copos limpos da máquina de lavar louça e caminho até à porta.

— Tem um cara no bar perguntando por você. Para ser honesto, ele esteve algumas noites perguntando sobre você, mas eu esqueci

totalmente de te dizer. — Eu entrego a ele a bandeja de copos com as mãos trêmulas.

— Que cara? — Tento espiar ao redor dele, procurando um rosto familiar. Meu coração dispara.

Dou um passo para trás enquanto minhas palmas começam a suar, minha respiração acelera - tão rápido que acho que vou desmaiar. Minha mente volta para a outra noite, ele de pé na sala lotada, olhando para mim.

Entro em pânico, agarrando os braços de Dec, quase fazendo com que ele deixe cair a bandeja de copos. — Como ele se parece, Dec? — Minha voz trêmula, passando minhas mãos pelo meu cabelo, estou assombrada por ele, prendo a respiração por um momento esperando que ele descreva o homem dos meus pesadelos... esperando que ele confirmasse meu pior medo. Meu coração bate forte contra meu peito, não posso sair pelos fundos, ele pode ter alguém esperando... pelo menos se eu voltar para o bar... Eu posso pelo menos chegar até Justin... Minha mente dispara.

— Uau. — Dec tenta firmar a bandeja. — O que você tem?

— Apenas me diga como ele se parece, pelo amor de Deus, Declan! — minha reação de pânico... quase frenética.

— Sério quente! Meio alto, moreno e bonito! Oh, e olhos verdes... como a porra do verde brilhante.

Marcus.

— Olhos verdes...? — Minha respiração se acalma um pouco. Eu suspiro, percebendo que não poderia ser Drake - seus olhos azul pérola ainda me assombram.

— Sim, olhos verdes! Foi o que eu disse. Nossa, o que há com você esta noite Evvie, você está tão nervosa. — Ele sai pela porta com os copos. Sem esperar pela minha resposta. Lembre-me de falar com ele mais tarde!

Eu levo um momento para me recompor. Não acredito que Marcus está aqui... Disse a ele para não vir me procurar.

Fechando meus olhos e respirando, empurro a porta, deixando-a fechar atrás de mim. Forte e firme, caminho até o bar onde ele está inclinado. Fico ereta, ombros para trás e cabeça erguida.

— O que posso fazer por você, Marcus? — Eu pergunto, minhas mãos ainda tremendo, um pouco suadas. Separo meus lábios deixando escapar uma respiração lenta e constante, mantendo meus olhos fixos nos dele. Meu coração salta com sua camiseta branca agarrada à sua pele, jeans baixo pendurado em seus quadris.

Eu amo as linhas nítidas de sua mandíbula, minha mente vagueia de volta para vê-lo sem camisa - aquele look recém-saído do banho é o meu visual favorito. As gotas de água escorrendo de seu peito...

Eu balanço minha cabeça - saia dessa Evvie - digo a mim mesma.

Ele aponta para a garrafa de Jack na prateleira atrás de mim. — Sem gelo.

Silenciosamente, pego um copo e sirvo uma dose de Jack para ele. — Podemos conversar um minuto? — ele parece cansado, triste até.

Deslizo o copo para ele, nossos dedos se tocando, apenas por um momento, mas o suficiente para agitar algo por dentro. Respiro fundo, empurrando o sentimento de lado. — Não temos nada para falar, Marcus.

Estou lutando tanto para me manter firme, quando na realidade algo dentro de mim está explodindo - gritando para eu desistir de fingir com ele. Minha garganta fica seca.

Ele lentamente leva o copo aos lábios, seus olhos não deixando os meus por um segundo. Deixando o líquido quente escorrer por sua garganta, ele coloca o copo de cabeça para baixo no balcão. — Acho que sim.

Porra! Isso tem para mim que ser a coisa mais quente do caralho que eu já vi! Sinto minhas bochechas ficando quentes e vermelhas, meu estômago se agita. Eu sinalizo para Justin do outro lado do bar, apontando para o meu relógio para a minha pausa, ele balança a cabeça, seus olhos passam entre Marcus e eu, ele revira os olhos para mim.

Eu volto para Marcus. Isso vai cair como a porra de uma tempestade! — Me siga.

Ele segue minha liderança para a sala dos fundos e sai pela porta, para o beco atrás, o ar fresco da noite nos atingindo assim que saímos, eu fico na frente dele, os braços sobre o peito. Não sei se é para calor ou conforto.

Ficamos olhando um para o outro pelo que parecem horas, nossos olhos não deixando o outro. Meu coração batendo tão rápido que pensei que ia pular e fugir.

— O que você quer, Marcus? — Eu pergunto a ele, com firmeza.

Ele dá um passo mais perto de mim, quase a uma distância de toque, mas não exatamente. — O que aconteceu? — sua voz profunda, mas gentil, seus olhos brilham nos meus, marcando meu coração.

Não posso deixar de lamber meu lábio um pouco ao som de sua voz. Olho para longe por um momento; minha respiração engata um pouco.

— Olha, obrigada por cuidar de mim e se certificar de que eu estava bem, mas é aí que termina a parte do herói. — Preciso manter distância dele, mas sua mão quente agarra meu braço, segurando firme e enviando um arrepio na minha espinha. Isso faz minha cabeça girar. — Como eu disse na nota, não estou procurando por nada no momento.

— Não faça isso. — Seu tom é quase suplicante enquanto ele me puxa para mais perto. Eu posso sentir o cheiro do licor quente em seu hálito, olho em seus olhos, meu corpo quase tocando o dele.

— Fazer o quê?

Sua mão acaricia minha bochecha, escovando a mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não coloque a garota durona em ação comigo... — Seu hálito é quente contra minha pele. Posso sentir o desejo profundo crescendo na boca do estômago. Nunca senti tanta necessidade de ser

tocada, tanto desejo intenso de alguém me beijar. — Não descarte a conexão que compartilhamos como nada. Eu sei que você sentiu isso.

Olhando em seus olhos, eu sabia disso. Só por agora posso esquecer toda a merda e me permitir desfrutar de apenas um pedaço... Um pequeno fragmento de felicidade, mesmo por apenas um momento. Com uma mão ainda na minha bochecha, a outra lentamente se enrola em volta da minha cintura, me levando para trás até que estou presa entre a parede e seu corpo.

— Evvie. — Ele sussurra contra meu pescoço, inclinando minha cabeça, seus lábios descem até minha clavícula, antes de voltar a trabalhar atrás da minha orelha.

Minha cabeça gira de desejo, sinto a necessidade percorrer minhas veias, cada centímetro do meu corpo gritando por mais dele. Seus lábios param a centímetros dos meus - meu coração acelera novamente, batendo como um tambor com força contra meu peito.

Fecho meus olhos por um momento, encurtando a distância entre nossos lábios lentamente, seduzindo-o a princípio, o gosto de Jack ainda persistente em seus lábios.

Eu me afasto e coloco meus braços em volta do pescoço dele, segurando firme enquanto nós dois respiramos. Ele tem uma faísca em seus olhos que brilha no ar da noite, e eu juro que faz meu coração dançar nas nuvens.

Ele sorri para mim. Suas mãos agarram meu quadril, seus lábios colidem com os meus com tanta força que já posso senti-los machucando, a língua dançando em volta da minha boca - possuindo-me com seu ritmo. Meu corpo inteiro se ilumina para ele.

Ele se afasta primeiro; Tento aguentar, mas não consigo. Nós dois ofegamos com a necessidade, mas nada além do silêncio corre entre nós. A quietude da noite correndo em minhas veias.

Eu quero dizer muito, mas não consigo encontrar as palavras.

A única coisa que quero é ele.

É uma sensação extraordinária - você pode olhar alguém profundamente nos olhos e dizer tudo o que você precisa dizer.

Ele segura minha bochecha, acariciando minha pele com o polegar, o sorriso maravilhosamente desconhecido. Ele levanta meu queixo e eu olho em seus olhos verdes perfeitos através dos meus cílios.

— Nós não deveríamos estar fazendo isso, Marcus, — eu suspiro, desviando o olhar.

Ele vira meu queixo para olhar para ele novamente. — O que exatamente não deveríamos estar fazendo, Evvie? — Seu tom muda com o meu nome... dá arrepios na minha espinha. Eu amo o som do meu nome em seus lábios.

Eu me liberto de seu transe. Não sei como, mas consegui me trazer de volta à realidade por um momento. — Não deveríamos começar algo.

— Eu paro, tentando liberar seu domínio sobre mim, tanto física quanto emocionalmente.

— E porque não?

— Porque... — Eu não posso... Não consigo pensar em um único motivo agora para não o fazer. Meu novo senso de liberdade e propriedade de minha própria vida não me deu nenhuma razão para não fazer isso - eu sei que, no fundo, o perigo é real e pode estar escondido em qualquer escuridão. Percebo que estou divagando em minha própria cabeça enquanto ele se levanta e olha para mim.

— Dê-me um único motivo pelo qual você não pode, e eu vou embora. — Sua mão acaricia minha bochecha, dançando como penas macias na minha pele. Eu me inclino em seu toque, sendo grata a ele.

Depois de um longo silêncio, ele limpa a garganta. — Você não consegue pensar em um, não é? — ele me provoca com um sorriso atrevido.

— Estou trabalhando. — É tudo em que consigo pensar. Eu começo a entrar em pânico enquanto olho meu relógio e percebo que meu intervalo já deveria ter terminado. Justin estará procurando por mim preocupado.

Eu começo a andar em direção à porta, minha mão na maçaneta, mas ele me para, me puxando de volta para seu aperto. — Eu realmente deveria ir. — Eu fico olhando em seus olhos, sorrindo.

Não é uma desculpa. Eu realmente preciso voltar para dentro; tanto quanto eu quero ficar em seus braços quentes e fortes. Me mantendo segura.

— Mais tarde, então? Depois que você terminar. — Ele solta minha mão, seus olhos quase implorando para mim.

Eu sei que não deveria começar algo aqui, mas eu quero... Há sim algo entre nós, eu senti na primeira vez que seus lábios tocaram os meus, e agora que os senti completamente, eu quero mais... Muito mais.

Abro a porta e estendo minha mão para ele, algo sobre segurar sua mão faz meu peito doer. Olhando por cima do ombro, sorrio para ele. Quatro dias atrás, ele pegou minha mão e me tirou do meu medo, por um momento me senti segura com ele.

— Eu saio logo, vou falar com meu irmão para terminar mais cedo. — Eu atiro para ele um sorriso quando entramos no bar.

Observo enquanto ele puxa um banquinho, apoiando-se no bar com os cotovelos. Pego uma cerveja da geladeira e deslizo para ele. Dando uma piscadela, não consigo tirar o sorriso do meu rosto. Ele olha para a cerveja antes de levá-la lentamente aos lábios. Porra, esse cara está me mexendo por dentro.

— Justin está procurando por você. — Dec me cutuca, me sacudindo da minha distração.

Eu rolo meus olhos para ele. — Onde ele está? — Jogo minha toalha no balcão.

— Escritório. — Ele levanta as mãos em defesa. — Algo sobre como você deve estar trabalhando...

— Pelo amor de Deus! — Soltei um suspiro. Fazendo meu caminho ao redor do bar, eu paro onde Marcus está sentado, colocando minha mão em seu ombro. — Eu estarei de volta em um minuto. — Eu me inclino e sussurro em seu ouvido.

Ele apenas me dá um sorriso.

Eu me espremo entre os corpos na pista de dança fazendo meu caminho até à porta do escritório, batendo e empurro a porta.

— Ei, Justin, Dec disse que você me queria falar. — Eu bato a porta atrás de mim, de pé com meus braços sobre o peito. — Ele disse que você está chateado comigo?

Ele está sentado com um monte de papelada na frente do rosto, me ignorando por um momento.

Solto um suspiro... na esperança de chamar sua atenção.

— Desculpe, irmã. Só estou tentando entender a rota, já que neste fim de semana está tudo bagunçado.

— Quer que eu dê uma olhada? — Eu descrevo meus braços e caminho até à mesa.

— Não, está bem. — Ele baixa os papéis. Recostando-se na cadeira, ele puxa as mãos acima da cabeça. — Quem é o cara?

— Não faça isso, Justin! Você não é meu chefe, lembra? Nem meu pai! — Eu rolo meus olhos para ele. — Já tivemos essa discussão.

— Ei, eu só estava perguntando. — Ele levanta as mãos no ar, levantando a sobrancelha para mim. — Eu estava realmente procurando por você para ver se você poderia trabalhar amanhã. Dec quer a noite de folga e ele... bem, ele fez um trabalho extra no fim de semana...

Eu recuo um pouco, esperando todo o discurso do irmão mais velho. — Oh ok... sim, tudo bem.

Eu fico por um momento, cutucando minha unha. Um sorriso cruza seu rosto. — O que é, Evvie?

Por que meu irmão sabe tudo sobre mim? — Bem, visto que estou trabalhando amanhã... posso sair mais cedo esta noite? — Eu pergunto a ele timidamente.

Ele se inclina para a frente em sua cadeira, sorrindo para mim. — Sim, suponho que sim. — Eu exalo uma respiração profunda e me viro para sair.

— Mas Evvie... — ele grita assim que minha mão se enrola em torno da alça. — Por favor, abaixe o volume quando eu chegar em casa.

Eu morri!

Meu irmão é uma vergonha absoluta.

Abrindo a porta, eu me viro para ele, carrancuda. — Cale a boca, idiota!

— Também te amo, irmã. — Ele ri quando bato a porta atrás de mim. Atravessando a multidão, volto para Marcus.

Minhas bochechas ainda estão vermelhas da observação de Justin. Pegando minha bolsa atrás da porta, eu aceno para Dec e seguro a mão de Marcus - sem palavras, apenas um movimento. Não tenho ideia do que estou fazendo ou de como será esta noite. Tudo o que me assusta é colocado de lado - quero ser imprudente, mesmo que apenas por uma noite. O único problema é que tenho a sensação de que não serei capaz de ir embora... assim que você prova o que quer, pode desistir?

Corremos o mais rápido que podemos para fora do clube e para as ruas, instantaneamente atingidos pela chuva.

O apartamento não está longe, a uma curta distância, e a chuva fria em minha pele parece o paraíso.

Eu paro no meio do caminho por um momento, me virando para encarar Marcus. Meus lábios colidem com os dele, minhas mãos ao lado de seu rosto. Meus olhos turvos pela chuva e o momento, borboletas dançam em meu estômago.

Nós dois ficamos em silêncio, a chuva pingando entre nós. Meu cabelo está encharcado; depois, olhando para baixo, também estão nossas roupas. Mas eu realmente não me importo.

Algo sobre chuva forte em uma noite fria, a lua se escondendo atrás das nuvens negras até que a chuva pare. Isso meio que te liberta. Nada parece importar quando o céu está aberto dessa forma.

Eu me viro para olhar para Marcus, sorrindo.

— Do que você está sorrindo? — Ele se abaixa, puxando meu cabelo molhado do rosto.

Eu pego sua mão na minha, entrelaçando meus dedos nos dele, há aquela sensação de novo... aquela sensação de pura felicidade. — Nada, — eu respondo simplesmente e começo a andar para casa novamente.

Capítulo Seis

Finalmente, no apartamento, ambos ficamos na sala, molhados. Eu corro no banheiro pegando uma toalha para nós dois. — Talvez devêssemos ter pegado um táxi. — Eu rio. — Espere, vou pegar algo para você se trocar.

Eu começo a me afastar, mas sua mão agarra a minha, puxando suavemente. Não há como escapar. Não que eu queira, de qualquer maneira. Não estou pronta para me conter. Agora não.

— O que estamos fazendo, Evvie? — Seu olhar encontra o meu e eu me inclino em sua mão macia e gentil acariciando minha bochecha, agora um toque tão familiar. Eu agradeço.

— O que você quer fazer? — Eu beijo ao longo de sua mandíbula, fazendo meu caminho até sua orelha. — O que você quer fazer, Marcus? — Pergunto de novo, desta vez sai um sussurro em seu ouvido e posso sentir suas costas tensas.

— Com você? Tudo... — suas palavras saem roucas.

Eu paro, olhando para ele. Minha mão se move para a nuca dele, puxando seus lábios para encontrar os meus. Sua língua dança em volta da minha boca, seduzindo a minha. Eu me inclino para trás enquanto seus lábios beijam meu pescoço com ternura. Queimando todo o meu corpo.

Minhas mãos se estendem, puxando sua camiseta molhada sobre sua cabeça e jogando-a do outro lado da sala. Minhas mãos percorrem seu corpo, bronzeado e molhado.

Ele desabotoa minha camisa lentamente, cada botão agonizantemente mais lento que o anterior, empurrando-o para fora dos meus ombros até que sua boca encontre a pele da minha clavícula. Meu estômago dá um nó.

Em um movimento rápido, ele me levanta em seus braços e me carrega até o sofá, meus braços apertados ao redor de seu pescoço enquanto ele gentilmente me coloca no chão. Jogo minha camisa no chão.

Meu coração bate contra o meu peito enquanto suas mãos quentes envolvem meu seio sobre o meu sutiã, a renda enviando ondas de prazer através de mim enquanto ele a acaricia. Seus lábios descem pelo meu pescoço, centímetro por centímetro se aproximando e minha respiração aumenta tanto que posso sentir minha cabeça ficando mais leve. Fecho meus olhos por um momento, absorvendo o sentimento.

Uma mão envolve minhas costas e em um movimento rápido ele abre meu sutiã, removendo-o suavemente e deixando-o cair no chão.

Arqueio minhas costas com a sensação de sua língua na minha pele, circulando em volta do meu mamilo... me provocando mais uma vez. — Marcus, — eu gemo, mexendo meus quadris.

— Tão linda, porra... — Ele vira meu queixo, me olhando nos olhos. Isso me dá arrepios.

Eu corro meus dedos por seu cabelo emaranhado, quase seco, puxando sua testa para encostar na minha, recuperando o fôlego por um momento.

Olhando em seus olhos, eu sorrio um pouco.

— Do que você está sorrindo? — Sua testa ainda repousa contra a minha.

— Porque eu quero que você me leve para a cama... — Eu mordo meu lábio.

Ele se levanta mais rápido do que um raio, estendendo a mão. — Então mostre o caminho e seu desejo se tornará realidade.

Ele ri, curvando-se. Cubro meu rosto com a mão tentando não rir dele. Como alguém pode trazer humor para um momento tão intenso? De repente, me encontro com um sentimento de naufrágio...

— Ei, não faça isso... — ele pega minha mão e me puxa para ficar de pé. — Não se feche para mim.

Eu olho em seus olhos e respiro fundo. — Sinto muito.

— Não se desculpe... — Suas mãos seguram meu queixo e eu não posso evitar sorrir com a maneira como ele olha para mim.

Esta noite foi a primeira vez para mim e estou destruindo tudo antes mesmo de começar. Nunca vi ninguém olhar para mim como ele, nunca me tocaram de uma maneira que me fizesse sentir tão viva.

— Podemos ir devagar, se quiser, Evvie.

Não! Não vou deixar esse sentimento estúpido vencer. Eu procuro profundamente aquele pequeno pedaço de confiança que tinha momentos atrás.

Pego sua mão e o levo pelo corredor até o meu quarto. Fechando a porta atrás de nós, eu deslizo a fechadura. Fechando o mundo de nós.

— Eu não quero levar as coisas devagar, Marcus. — Eu ando de costas para a cama, segurando o cinto de sua calça jeans. Parando quando meus saltos tocam a parte inferior da estrutura da cama de madeira, eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço, puxando-o para baixo.

Ele se inclina sobre um cotovelo apenas olhando nos meus olhos, suas mãos suavemente percorrendo o lado do meu peito e através do meu estômago. Eu estremeço quando seu dedo trilha sobre a cicatriz logo acima do cós da minha legging. Ele deve sentir o desconforto, porque muda seu corpo e se inclina, beijando ao longo da cicatriz. Eu odeio a memória que isso traz, mas saboreio a sensação de seus lábios beijando-me e todos os sentimentos ruins que tenho sobre isso desaparecem com seus lábios.

Parando, ele olha para mim, quase pedindo permissão.

Eu simplesmente aceno e levanto meus quadris para cima apenas o suficiente para ele puxar minhas leggings dos meus quadris e descer pelas minhas pernas, agonizantemente lento, observando-me enquanto ele as joga no chão.

Meu coração bate forte contra meu peito e ele se coloca entre minhas pernas, levantando meus joelhos e aperta minha coxa, enviando arrepios por todo o meu corpo.

— Tem certeza que quer isso, Evvie? — sua voz é rouca e sombria, quase faminta. Eu posso sentir que ele está duro contra seu jeans. Seu peito nu subindo e descendo rapidamente com a necessidade.

Sento-me um pouco, apenas o suficiente para alcançar o botão de sua calça jeans. Desabotoando-o lentamente antes de baixar o zíper, beijando-o ao longo da clavícula. Ele se inclina para trás, respirando pesada e profundamente. Posso sentir o ar entre nós se tornando espesso e intenso.

Levantando-se, ele remove o jeans, jogando-o no chão. Eu odeio instantaneamente a frieza.

Subindo de volta na cama, ele se segura em cima de mim com um braço enquanto o outro segura meu seio, movendo sua boca para mais perto... muito lentamente. Posso sentir meu corpo se desfazendo enquanto ele o circula com a língua. Parando em meu mamilo, ele roça a pele com os dentes, enviando ondas de choque em minhas veias. Eu inclino minha cabeça para trás e solto um suspiro áspero com a sensação. Ele sorri contra minha pele e eu fecho meus olhos, mantendo minha cabeça para trás enquanto seus dentes roçam o outro. Não consigo recuperar o fôlego por tempo suficiente.

Com a boca ainda no meu peito, sua mão desce mais para baixo, lentamente. Ele para quando alcança o elástico da minha calcinha, puxando o tecido um pouco... me provocando. Levanto meus quadris enquanto ele a puxa para baixo e a joga.

Ele para por um momento. — Olhe para mim, Evvie. — Abro os olhos e fixo nos olhos dele.

— Eu quero que você olhe para mim. — Sua voz está faminta e sombria, e minhas entranhas se atam com suas palavras. Uma nova sensação de prazer percorre meu corpo.

Quase explodo quando ele provoca meu sexo com os dedos, lento no início, circulando com o movimento certo enquanto me leva lentamente para a borda, mas não até ao clímax. Em seguida, seus dedos deslizam para dentro. Não tiro os olhos dele por um momento, nenhuma vez.

— Marcus. — Seu nome ecoa em meus lábios enquanto meu estômago aperta contra seu aperto.

— Por favor... — eu imploro a ele. Minhas pernas envolvem sua cintura, meu corpo se movendo em movimento com sua mão.

Tento lutar contra a vontade de fechar os olhos, agarrada ao abismo por um fio.

Ele se inclina, pegando meu seio em sua boca, mordendo e puxando meu mamilo.

Eu não posso aguentar mais enquanto sua mão e dentes colocam meu corpo em chamas. Ofego contra seu toque, a sensação percorrendo meu corpo demais para suportar, ele toca cada nervo do meu corpo quando eu gozo.

Mesmo voando sobre o orgasmo, meus olhos não deixam os dele.

O ar denso nos rodeia enquanto envolvo meus braços em volta do pescoço, meus pulmões ainda lutando por ar. Ele começa a tirar seu peso de cima de mim, mas seguro firme em torno de seu pescoço.

Eu posso sentir que ele está duro sob sua cueca boxer preta, recuperando o fôlego enquanto ajusto meus quadris, provocando-o contra minha pele.

Mesmo que minha pele ainda esteja formigando, e minha respiração esteja irregular e turva, eu preciso mais dele... Eu preciso de tudo. Não posso evitar.

Em um movimento estranho e trêmulo de perna, eu nos viro, agora comigo sentada em cima dele. Meu cabelo está mais selvagem do que fogo, eu me sento totalmente, tomando uma respiração longa e profunda, me dando um momento para cair de volta à terra. Sorrio para mim mesma sabendo que, sim, eu já tive um orgasmo antes, não é meu primeiro passeio, mas nunca tive um tão intenso que me deixasse precisando de mais.

Suas mãos repousam em minhas coxas e eu amo o sorriso em seu rosto.

Circulo meus quadris por um momento, antes de me inclinar, pressionando meus lábios levemente em seu peito. Meu coração dispara novamente enquanto a mistura de chuva e suor doce em sua pele brilha como purpurina no céu. Eu amo como sua pele é macia em meus lábios. Eu me movo mais para baixo, até chegar ao cós de sua boxer, sentindo-me ficar excitada mais uma vez. Passo meus dedos ao longo do elástico de sua cueca, provocando-o, antes que ele levante seus quadris e eu a puxo para baixo, liberando-o de suas restrições. Paramos e nos olhamos por um momento; a questão passando por nossas mentes.

— Voce tem uma... — Estou prestes a perguntar se ele tem camisinha, antes dele se inclinar para fora da cama e pegar sua calça jeans, cavando no bolso, e puxar o pacote de papel alumínio. Um suspiro de alívio me escapa.

Pegando o pacote, eu o abro com meus dentes lentamente, sem tirar meus olhos dele. Deslizo a camisinha sobre seu comprimento e posso senti-lo pulsando contra o meu toque. Uma queimação se acumula dentro de mim enquanto minha mão percorre seu comprimento e volta para a ponta, ouço o gemido escapar de seus lábios enquanto copio o movimento novamente. Ele agarra minha bunda firme enquanto eu levanto meus quadris e me sento em seu colo, absorvendo tudo dele. Solto um suspiro forte, o fogo mais uma vez crescendo por dentro, a sensação dele dentro de mim... é como êxtase, como voar alto. Eu movo meus quadris lentamente no início e suas mãos seguram com força. Reunimos nosso ritmo; ele me guia e eu corro minhas mãos pelo

meu cabelo emaranhado enquanto meu corpo balança em movimento com a melodia silenciosa entre nós.

— Porra, Evvie... — ele engasga e eu vejo sua cabeça inclinar para trás, cerrando os dentes. Diminuo um pouco, provocando-o, e nós dois alcançamos o topo do penhasco; posso sentir o calor aumentando.

— Olhe para mim, Marcus... — eu o provoco, sorrindo e chego ao alto com ele. Suas mãos me forçando a ganhar velocidade.

É duro e profundo, provocando apenas o ponto certo por dentro que faz o sangue ferver na boca do estômago, me queimando de dentro para fora.

Sua mão se estende entre nós, e ele esfrega os dedos apenas o suficiente contra a minha pele, enviando uma onda de prazer por todo o meu corpo, nos forçando ao limite.

Eu me concentro em seus olhos enquanto luto para recuperar o fôlego enquanto o grito agudo de prazer escapa dos meus pulmões.

Lentamente jogo meu corpo fraco e mole sobre o dele, nós dois sem palavras e sem fôlego.

Ele envolve seu braço em volta das minhas costas, desenhando círculos com o dedo na minha pele pegajosa.

Minha mão trilha ao longo do contorno de seu peito, mal tocando a pele, que pode ter atingido um ponto sensível porque ele arqueia as costas com o toque, me fazendo rir contra seu peito.

— Do que você está rindo? — Ele levanta meu queixo, então estou olhando para ele.

— Isso fez cócegas? — Eu pergunto a ele com um sorriso no meu rosto.

Ele coloca seu outro braço em volta de mim, rolando nós dois para o nosso lado, cara a cara seus lábios tocam os meus, ternamente.

— Onde você se escondeu toda a minha vida, Evvie? — Ele puxa meu cabelo rebelde para trás, sorrindo.

Eu posso me sentir relaxando, mesmo cansada.

— Você não quer saber. — Eu olho para longe por um momento. Não estou pronta para esse assunto ainda.

Ele sente meu corpo ficar tenso com a pergunta. — Você sabe que pode me dizer? Seja o que for, não vou sentir nada diferente sobre você.

— Você não pode ter certeza disso, Marcus. Você mal me conhece. — Eu me puxo para fora de seu domínio, me fechando para ele novamente. Estou sentada na beira da cama, lutando contra as lágrimas e as memórias assustadoras.

Estendo o braço e pego meu roupão e shorts fora do banquinho, rapidamente me vestindo, pego meu elástico e puxo meu cabelo em um rabo de cavalo apertado na minha cabeça.

Ele se abaixa para o chão, pegando sua boxer antes de se sentar na cama. — Evvie, você pode parar um minuto?

Eu paro no meio do caminho, me virando para olhar para ele.

Ele vê a tristeza em meus olhos e pula da cama, correndo em minha direção. Suas mãos seguram os lados do meu rosto. — O que é, Evvie? Apenas me diga.

Eu balanço minha cabeça e respiro fundo. Como pode um momento tão perfeito ser arruinado em um piscar de olhos? Por que eu tenho que ser tão fodida... uma bagunça ambulante?

Olho para o relógio na minha parede e percebo que já são 2h30. Tenho certeza de que Justin estará em casa em breve e a maioria das nossas roupas estão espalhadas pela sala.

Ele tira as mãos do meu rosto, recuando com um olhar confuso em seu rosto. — Você é a mulher mais teimosa que já conheci, Evvie. Sabe disso? Você fecha no minuto em que alguém mostra qualquer tipo de emoção. Eu recebo chicotadas de você.

— Bem! Bem, talvez você deva apenas pegar suas roupas e se foder, então... visto que estou tão confusa! — Minha raiva queima através dos gloriosos sentimentos de abalar a terra que tive momentos atrás, agora cinzas no chão. Abro a porta e vou até à sala de estar, recolhendo as roupas espalhadas pelo chão e voltando para o meu quarto. A porta bate atrás de mim e jogo sua blusa úmida nele.

Ele se aproxima de mim, sua cabeça inclina para o lado. Eu inspiro lentamente. — É isso que você quer?

Eu sei que não. No fundo, eu não quero que ele vá embora, quero que ele me segure em seus braços, me mantendo a salvo do pesadelo quando fechar meus olhos. Não posso responder... não vou.

Seus dedos se entrelaçam com os meus. — Então fale comigo… deixe-me entrar...

Eu respiro fundo. Posso? Posso me abrir e contar a alguém? Confiar em outra pessoa com a escuridão? Não sei se posso confiar em alguém o suficiente para seguir por esse caminho novamente.

Sem uma palavra, ele me guia de volta para a cama e nos deitamos, minhas costas puxadas com força contra seu peito enquanto ele me envolve em seus braços, me segurando perto. Eu sinto sua respiração no meu pescoço.

— Eu me apaixonei…

Paro por um momento. Fechando meus olhos.

— Eu me apaixonei aos 17 anos. Pensei que ele me amava de volta, mas ele não amava. Ele era um monstro, Marcus. Um que ainda me assusta pra caralho. Ele me prometeu que cada sonho que já tive se tornaria realidade, me virando contra minha família até que a única pessoa em quem eu pudesse confiar fosse ele.

Eu me viro para olhar para ele, meus braços em volta de sua cintura. Ele apenas escuta.

— Saí de casa e fui morar com ele… Achei que todos os meus sonhos tivessem se tornado realidade, ele me disse que eu poderia cantar no clube que ele possuía, mas era tudo mentira... ele... Ele é o único outro homem com quem já dormi. Isto começou como pequenas coisas. Ele pediu a uma das meninas mais velhas para me mostrar como dançar nos mastros, disse que eu precisava ganhar meu sustento... — eu seguro minha respiração enquanto as memórias voltam como um vulcão em erupção.

— Você vai aprender a rotina, Evvie! Então, Deus me ajude... você acha que pode viver sob meu teto de graça? — A parte de trás de sua mão bate forte contra minha bochecha, deixando-a instantaneamente doendo, queimando até.

Luto contra as lágrimas... Eu sei que ele odeia quando eu choro. Ele diz que isso mostra minha fraqueza. — Sinto muito, Drake... — Eu paro quando seus lábios tocam os meus, ásperos e possessivos.

— Esse é o meu pequeno beija-flor. — Eu me encolho com o nome do animal de estimação; ele sabe que não gosto. — Agora, Daniel vai te levar para casa, e espero que você esteja pronta quando eu terminar.

Aceno submissamente. Abalada.

Daniel rapidamente pega meu braço e me leva para fora do clube para o carro que me espera. Sentamos lado a lado em silêncio até chegarmos a casa.

Fugi há seis meses para ficar com o amor da minha vida, nunca sonhei que aquela estrada me levasse até onde estou agora. O homem mais velho e gentil por quem me apaixonei era uma mentira. Um estratagema para atrair a doce e inocente eu em uma armadilha, uma armadilha crédula em que caí de braços abertos. Você nunca percebe os perigos que se escondem atrás dos olhos de uma pessoa até que seja tarde demais.

No momento em que disse a ele que iria embora com ele, eu passei a pertencer-lhe. Era sua propriedade. Tentei contra-argumentar no início, mantive meu espírito de luta enquanto pude, mas ele quebrou isso também. Peça por peça, desmoronei na garota frágil, fraca e patética que agora está sentada olhando pela janela.

Eu sei que ele está procurando por outras garotas... meninas como eu, então procuro mantê-lo feliz esperando que eu seja o suficiente para ele, impedindo qualquer outra pessoa de passar pelo que eu passo. As mulheres do clube são simpáticas para mim... mas nenhuma vai me defender... elas estão com muito medo.

Solto um suspiro quando o carro para na garagem. Daniel sai primeiro, caminhando até à minha porta, ele a abre, segurando minha mão para me ajudar.

— Apenas tente o seu melhor, ok Eveline? — ele sussurra para mim enquanto caminhamos até à casa. Daniel é o irmão mais velho de Drake, e para ser honesta, ele é o único amigo que tenho, ele insiste em me chamar

pelo meu nome de nascimento, um nome que apenas meu pai usava quando era mais jovem... um nome que dói cada vez que ele diz isso, mas também me traz conforto. Ele discorda dos modos de seu irmão, mas, como todo mundo, ele o teme.

— Obrigada, Daniel. Vou apenas tomar um banho de banheira e vou para a cama. — Dou a ele um sorriso triste quando entramos na casa.

Ele joga as chaves na mesinha lateral no corredor e tira o paletó, jogando-o por cima do ombro. — OK querida. Eu não acho que ele vai chegar em casa tão cedo, então você vai dormir um pouco.

Luto contra as lágrimas por todo o caminho até às escadas de carvalho escuro para o banheiro. Fechando a porta atrás de mim, eu caio no chão e me enrolo como uma bola, chorando até não poder mais chorar.

Os beijos suaves e carinhosos no meu ombro me puxam de volta à realidade, de volta a um mundo longe de tudo isso, por enquanto.

— Consegui fugir há dois anos. — Solto um suspiro.

— Aquele dia em que saímos correndo do clube? — Eu posso ver a raiva queimando em seus olhos. — Era de quem você estava fugindo?

— Ele estava lá. *Drake.* Ou pelo menos pensei assim... mas agora não tenho certeza. Eu continuo tendo esses pesadelos. Paranóica que ele esteja me olhando, mas não posso ter certeza de que era ele ou não. — Eu

corro meus dedos por seu cabelo. — Eu acho... ou melhor, eu espero, que tenha sido apenas mais um truque da minha imaginação. Mas estou feliz.

Ele me olha confuso. — Feliz?

— Sim, porque se eu não o tivesse visto, eu não teria corrido para os seus braços que me esperavam... E bem... você não estaria deitado aqui comigo agora.

Ele ri, me puxando para seus braços com mais força. — Bem, quando você coloca dessa forma...

— Eu não sou perfeita, Marcus, estou profundamente danificada, permanentemente, e eu não culparia você se quisesse ir embora agora. Eu estou apenas... Isso é tudo novo para mim... algumas coisas ainda estão muito cruas e outras eu mascarei, afastando-as.

— Você nunca precisa fingir para mim, Evvie. Eu já te disse isso.

— É só que…

As costas de sua mão acariciam suavemente minha bochecha. — Evvie, eu não quero ir a lugar nenhum. Eu não estava procurando por ninguém na minha vida... mas agora que te encontrei...

Eu olho em seus olhos, não querendo quebrar o momento. Eu sei exatamente o que ele quis dizer, eu me sinto da mesma forma.

Nunca tive a intenção de encontrar alguém que me quisesse por mim, mas agora que encontrei, não acho que esteja pronta para deixá-lo ir. Parece certo...

Eu sei que ele foi um idiota naquele primeiro momento em que o conheci, mas me salvou, ele pegou minha mão e eu sabia que estaria segura. Não sei como, nem mesmo por quê, mas no momento em que sua mão se enrolou em minha cintura e ele me disse para respirar, me senti segura.

Meu corpo começa a ficar pesado. Marcus se vira para deitar de costas, me puxando para perto para que eu possa apoiar minha cabeça em seu peito. Ouço seu coração batendo calmamente contra seu peito, enquanto sua mão passa pelo meu cabelo, a sensação suave fazendo minhas pálpebras pesarem até que eu não posso mantê-las abertas por mais tempo.

Capítulo Sete

— Drake, por favor. Eu… sinto muito… — Não adianta. Suas mãos pegam meu braço com tanta força que deixa instantaneamente um hematoma, queimando minha pele com seu toque.

Ele me encara com os dentes cerrados. — Eu disse a você uma e outra vez para ficar fora do meu negócio. E você sempre escuta? Não! — Ele me ataca, me arrastando escada acima até o andar escuro e sem iluminação. — Eu nunca vou entender por que você tenta tanto me irritar, Evvie. — Paramos na porta final. Tento me desvencilhar de seu aperto, cravando os calcanhares no corredor vermelho profundo, mas não adiantou, ele era muito mais forte do que eu. Eu era uma menina fraca e patética.

Ele tira a chave do bolso e a vira na porta. Ele range ao se abrir.

— Por favor, Drake... Eu não quero entrar lá... por favor, não me faça... — eu imploro a ele, me colocando de joelhos... lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Tarde demais para desculpas agora, garota estúpida. Você deveria ter pensado nisso quando me envergonhou na frente do meu amigo, recusando-se a ir aonde eu mando. — Ele agarra meus braços mais uma vez, me colocando de pé, me empurrando com força pela porta. Eu

caio no chão frio e duro, dando uma última olhada para ele antes que ele feche a porta na minha cara.

— Eu sugiro que você pare um pouco para pensar sobre como uma namorada adequada deve agir, não é? — ele rosna pela porta para mim, me deixando sozinha.

Eu bato minhas mãos contra a porta. — Não, Drake, por favor! Por favor, não me deixe aqui! — Eu grito por ele, mas nada, apenas escuridão neste quarto vazio e frio. Eu caio no chão duro, puxando meus joelhos perto do peito, o calor do meu corpo é o único calor que terei até que ele me deixe sair.

Sem janelas para deixar o sol quente entrar, sem cobertores para me envolver para me confortar. Apenas escuro, vazio frio com um chão frio e nu para cair adormecida.

— Evvie! — Mãos quentes no meu rosto. — Evvie, acorde. — Seu polegar acaricia o lado do meu rosto.

Abro os olhos lentamente, instantaneamente olhando para ele, um olhar preocupado estampado em seu rosto. Minha cabeça dói de meu sonho. Esfregando minha têmpora, eu me sento um pouco na cama. Tentando me concentrar.

— Você está bem? — ele me pergunta cautelosamente. — Você estava chorando durante o sono.

Eu aceno minha cabeça para ele. — Sim, um pesadelo horrível. — Verifico meu telefone para ver a hora.

— Isso soou como mais do que apenas um sonho, Evvie... — Ele se senta na cama, lençóis enrolados em volta dele.

Balançando minhas pernas sobre a cama para ficar de pé, ele agarra meu braço. — Tem certeza que está bem?

Eu respiro fundo para o sorriso mais falso que posso reunir. — Sim, estou bem, só preciso de um café. Você quer um?

Esfregando meu rosto, ando até à porta esperando sua resposta. Ele se levanta, ajustando sua boxer e sorri para mim enquanto puxa e levanta a calça jeans do chão e a veste. A visão dele faz meus lábios secarem conforme me lembro da noite passada. Lambendo meus lábios, olho para ele caminhando lentamente até mim. Ele para na minha frente, minha mão ainda na maçaneta da porta enquanto agarra a blusa do meu pijama, me puxando para mais perto dele. Lábios nos meus, lentamente... carinhosos.

Ele se afasta, sorrindo. — Café parece incrível, agora.

Eu rio, abrindo a porta. Ele segue minha liderança até à sala de estar, onde Justin está sentado no sofá, joelho para cima enquanto a outra perna se estende. Sua cabeça gira em nossa direção e de repente eu me sinto como uma estudante prestes a entrar em apuros. Olho por cima do ombro para Marcus, que parece um pouco nervoso, o que me surpreende um pouco, considerando que ele é tão confiante.

— Ignore meu irmão, ele acha que está no comando por aqui. — Eu cutuco Marcus no peito suavemente.

— Justin, este é Marcus. — Eu sinalizo entre os dois. — Marcus, este é meu irmão mais velho Justin, também co-proprietário do Crow Club, que você gostou.

Justin estende a mão para Marcus. — Prazer em conhecê-lo, Marcus. E acho que devo a você um agradecimento pela outra noite?

Eu reviro meus olhos e faço meu caminho até o balcão da cozinha, bom trabalho, este lugar é tão pequeno que a sala de estar e a cozinha são totalmente abertas.

— Não foi nenhum problema. Eu estava no lugar certo na hora certa. — Marcus ignora. Nós dois sabemos que foi mais do que isso, mas eu apenas sorrio, pegando três xícaras do armário.

Marcus se senta na cadeira enquanto meu irmão o questiona. Ele olha na minha direção a cada dois minutos, mas eu apenas fico rindo para mim mesma.

— Ok Justin, deixe-o em paz. — Entrego-lhe uma xícara de café, zombando dele.

— Desmancha prazeres. — Ele me encara e Marcus ri.

— Então, você realmente escolheu nadar com tubarões? Isso é brutal, homem! — Meu irmão ignora meu aviso e continua a atormentá-lo.

— Bem, eu consegui morar em Cuba por alguns anos e depois viajei para a Austrália, África do Sul e vários outros lugares. Nadei nos oceanos mais azuis que você possa imaginar.

Justin levanta as mãos no ar. — Ok, eu entendo o apelo, na verdade. — Ele ri, admitindo sua derrota. — Então, o que você faz agora? — Sento-me no braço da cadeira onde Marcus está sentado, segurando minha xícara perto dos meus lábios enquanto sua mão repousa na parte inferior das minhas costas. É tão normal o gesto, tão terno.

— Trabalho no Sea Life Centre.

— De jeito nenhum! Então, você ainda trabalha com tubarões, eu acho?

Marcus balança a cabeça e sinto que ele se sente um pouco orgulhoso de si mesmo.

— É um trabalho muito legal, tenho que dizer. — Agora meu irmão é seu maior fã – *fan-porra-tástico*!

— Justin, você não tem papelada que precisa resolver? Trabalho para fazer. Qualquer coisa, exceto estar aqui? — Olho para ele. Ele sabe que está me irritando; está fazendo isso de propósito.

Ele se levanta do sofá bruscamente. — Tudo bem, vou para o meu quarto! — Ele bate os pés contra o piso de madeira, agindo como uma criança do caralho.

— Justin! — Eu o repreendo.

Ele fica na porta rindo de si mesmo - penso que ele é um comediante agora também. — Desculpe, mana. — Ele faz beicinho para mim. — Vou me comportar.

— Obrigada.

— Não se esqueça que você está trabalhando hoje à noite. — Ele acena andando pelo corredor, batendo a porta atrás de si.

— Sinto muito por ele, pode ser um idiota às vezes. — Eu seguro minha cabeça em minhas mãos.

Marcus gentilmente afasta minhas mãos, pressionando seus lábios contra minha palma. — Não se desculpe.

Ficamos sentados em silêncio sem jeito por um momento, não tenho ideia do que devemos fazer a partir daqui... quero perguntar... Eu quase faço. Seguro minha respiração antes de recuar, é como na manhã depois de uma aventura de uma noite, eu quase rio alto.

Pego as xícaras vazias que estão na mesa de centro e as levo para a cozinha, cantarolando para mim mesma enquanto as lavo na pia.

— Evvie. — Suas palavras saem suaves. Ele inclina as costas contra o balcão para que fique de frente para mim, os braços cruzados sobre o peito. — Para onde vamos a partir daqui?

Eu paro por um momento, olhando profundamente para a água cheia de bolhas. Pegando a toalha do lado, seco minhas mãos lentamente, respirando fundo enquanto olho para o chão.

— Não tenho ideia, Marcus. — Eu começo a entrar em pânico, meu batimento cardíaco acelera um pouco, preocupada por ter dito algo errado. Meu sonho o assustou? Foi o que eu disse a ele ontem à noite?

Ele deve sentir minha repentina insegurança; agarra minha mão me puxando para a frente dele, sua mão repousa em meus quadris enquanto encosta sua testa na minha. — Por que você está preocupada, Evvie?

Como diabos ele conhece cada emoção que sinto antes de ter tempo para entender? — Eu realmente não sei. Nunca estive aqui antes... — Eu me faço parecer tão inexperiente e imatura.

Ele sorri para mim. — Vamos viver dia após dia.

Dia após dia, eu posso fazer isso. Fácil. — Parece bom para mim.

— Eu realmente não quero sair correndo de você, mas preciso de um banho e tenho que trabalhar esta tarde. — Seu rosto ligeiramente triste.

— Você tem que sair agora? — Envolvo meus braços em volta do pescoço dele, fechando o espaço entre nós. — Você pode pular no chuveiro aqui e eu faço o café da manhã para nós?

Seus lábios roçam ao longo do meu pescoço, a sensação de formigamento na minha pele. Ele se afasta por um momento. — O café da manhã parece perfeito, eu tenho algumas horas antes de ir para o trabalho, de qualquer maneira.

Eu me levanto e vejo-o caminhar pelo corredor, voltando minha atenção para a geladeira quando ouço a água correndo. Fazendo um café fresco para nós dois e passando manteiga nos doces que comprei ontem, coloco-os sobre a mesa. Ouço o chuveiro parar de funcionar e vejo quando ele volta para o quarto. Sento-me observando-o, agora totalmente vestido, completo com camiseta e sapatos. Algo sobre ele descalço era simplesmente sexy.

Ele para e se levanta, examinando as fotos que estão penduradas na parede. Suspiro com os anos perdidos na parede, as fotos de Justin com meus pais. Você pode seguir as imagens como uma linha do tempo, família feliz, peça perdida triste, família quebrada... desconectada... perdida.

Fico profundamente triste por achar que nunca serei capaz de reparar o que fiz à minha família. Acho que meus pais nunca vão perdoar as coisas horríveis que eu disse a eles, as noites sem dormir em que se preocuparam comigo e me procuraram. Justin tentou me tranquilizar, mas sei que, no fundo, parti minha família em duas e nunca poderei consertar.

Minha respiração engata com a dor.

— Nem de longe tão bonita quanto a sua parede de mar aberto, lindos tubarões... — digo a ele, lembrando-me de como foi de tirar o fôlego.

— Eu não sei Evvie, este sorriso aqui vale um milhão de quilômetros de mar aberto. — Ele aponta para uma foto minha com Justin

na praia, nossas últimas férias em família juntos. Foi no verão que tudo mudou. Eu estava tão feliz e despreocupada, meu cabelo era loiro escuro naquela época, o ruivo veio depois.

Eu sorrio com a memória; cavei o maior buraco que você já viu e enterrei Justin nele. Fiquei sentada rindo dele por muito tempo, apenas sua cabeça pousada no topo da areia.

— Sim, bem, isso foi há muito tempo. — Eu dou a ele um pequeno sorriso.

— Bem, pelo menos você tem aquelas memórias para olhar para trás, Evvie. Notou o que estava faltando na minha parede de memórias?

Eu penso de volta, fechando meus olhos por um momento, imaginando as fotos uma por uma.

— Memórias de família... — ele fala por mim. — Passei tanto tempo perseguindo meus sonhos que perdi as pequenas coisas. Meu irmão mais novo agora mora em Nova York, mal nos falamos, meus pais nos criaram para ser uma família focada no futuro, lutando para alcançar.

Ele se afasta da parede, um pouco triste.

Eu quero saber mais, posso ver que está escondendo algo, mas, novamente, nós dois estamos. Talvez com o tempo possamos nos abrir um para o outro. Eu o estudo. Suas mãos se apertam, tenso, como se estivesse lutando contra a raiva interior. Tenho a sensação de que sou uma distração para ele tanto quanto ele é para mim.

Ele olha para mim, ainda o observando, e eu sorrio. — Do que você está sorrindo, Evvie? — Ele questiona, caminhando em minha direção.

— Só isso. — Eu sinalizo entre nós. — Essa normalidade, café da manhã... Sorrindo... Eu gosto disso. — Eu paro, desviando o olhar por um momento enquanto ele pega um assento na mesa ao meu lado. — Eu gosto de você, — eu deixo escapar, lamentando o quão infantil eu pareço instantaneamente.

Ele ri da minha admissão embaraçosa. Eu mal conheço o cara sentado ao meu lado, exceto pelo fato de que ele é gentil e atencioso, incrivelmente lindo e incrível pra caralho na cama. Eu acabei de dizer isso?

— Eu também gosto de você, Evvie. — Ele coloca sua mão na minha. Nós dois olhamos um para o outro, rindo. Balanço minha cabeça.

Pego meu croissant, pegando pequenos pedaços e comendo. Eu gostaria de poder engarrafar este momento e mantê-lo, com medo de que, quando estiver sozinha, o sentimento de felicidade se desvaneça.

Capítulo Oito

Tantas perguntas permanecem no ar. Passamos quase todos os dias juntos na semana passada; não me dei tempo nem para pensar. Empurrando todas as minhas preocupações de lado, pulei no fundo do poço com os pés primeiro. Como uma montanha-russa de emoção me atingindo de todas as direções com ele. No momento em que seus olhos encontraram os meus no bar, eu soube que não poderia me conter. Por alguma razão, não pude lutar contra a sensação de queimação no fundo do meu estômago. Não importava que eu mal o conhecesse, ou que eu estivesse escondida do perigo. O que importava era a sensação de seu toque na minha pele. Sento-me no sofá sorrindo para mim mesma, pensando em nossas noites juntos; Não fiquei com vergonha de seu toque, ou da maneira como ele fazia meu corpo parecer. Ele me levou a um estado de entorpecimento que eu sempre sonhei.

Capturamos cada momento que podemos juntos; ele espera por mim nas noites em que trabalho, passando a maior parte do tempo em minha casa. De mãos dadas no parque juntos, sentados assistindo ao pôr do sol juntos em sua varanda, tudo parece normal… Perfeito.

Eu confiava em Marcus, contando a ele aquele pedacinho do meu passado - eu sabia que poderia contar a ele tudo e não importaria, eu sabia que ele não me olharia de forma diferente.

Como é tão fácil se sentir assim por alguém?

O que quer que tenhamos agora, vou aproveitar ao máximo... enquanto eu tenho.

— Você está me ouvindo Evvie? — Justin me acorda do meu devaneio. Eu não tenho ideia de quanto tempo ele está parado na minha frente, braços firmes em seu peito. Sua barba sempre bem tratada parece esfarrapada e longa, ele raramente tem o cabelo fora do coque, mas hoje está desgrenhado e com aparência desalinhada.

— O que você disse? — Eu pergunto com um olhar confuso. Honestamente, não ouvi uma palavra do que ele me disse.

— Deus, você é uma sonhadora! Eu disse que o namorado foi para casa agora? — Ele empurra minhas pernas para fora do sofá jogando a almofada em mim rindo e se senta ao meu lado. Eu sinto que já faz uma vida desde que éramos apenas nós dois, ele sendo um idiota e me irritando com seus comentários espertinhos.

Puxando minhas pernas para cima, eu as bato em seu joelho, não com força suficiente para machucá-lo, mas o suficiente para avisá-lo para não forçar comigo. — Você precisa de um corte de cabelo! — Eu mudo de assunto de propósito.

Puxando o cabelo para trás em seu coque usual, ele mostra a língua para mim. — Não, honestamente mana, Marcus é um cara top...

— Mas? — Eu rolo meus olhos para ele esperando a conversa do irmão mais velho.

Ele levanta a mão no ar em defesa. — Não, mas eu gosto dele estar por perto... Coloca minha mente à vontade sabendo que você está segura com ele... Somente vocês dois parecem estar passando todo o tempo juntos. Não que eu não goste dele... só que...

— Oh, você é um idiota. Essa é apenas outra maneira de dizer, mas! Eu posso me cuidar, sabe, Justin! Nem todos os meus julgamentos são uma merda. — Dou a ele o olhar mais cagão que posso.

— Mesmo? Quer dizer isso a si mesma com um pouco mais de confiança? Tudo o que estou dizendo é que não tenha pressa e tenha cuidado desta vez.

Soltei um suspiro. — Eu sei o que você está dizendo, mas é tão errado querer um pouco de diversão para variar? Em dois anos, quantas vezes você me viu curtindo a companhia de outra pessoa?

Justin coloca a mão no coração, agindo como se eu tivesse ferido seus sentimentos.

— Exceto você, é claro! Isso seria errado em tantos níveis se eu tivesse ESSE tipo de diversão com você! — Eu começo a rir quando seu queixo cai no chão.

Ele se levanta, indo para a cozinha. — Ok, isso é informação demais e eu realmente não preciso dessa imagem rodando na minha cabeça. Já é ruim ouvir vocês dois!

— Bem, não interfira na minha vida sexual, então!

Eu me enrolo de volta no sofá enquanto ele se mexe na cozinha, fazendo uma bebida.

— E é só isso? — Ele coloca duas xícaras de café na mesa e move meus pés mais uma vez. — Apenas sexo?

Finjo que não o ouvi, verificando o meu telefone em vez disso. — É mais do que isso, não é? — Ele tenta fazer cócegas em meus braços, mas eu os mantenho firmes ao meu lado, sem responder. — Você tem sentimentos por Marcus, o mergulhador com tubarões?

Eu pulo do sofá, correndo para me afastar dele. — Foda-se, Justin! — Eu deixo escapar sentando na cadeira em frente.

— Ele sabe sobre...? — Ele cruza uma perna sobre a outra e estica o braço nas costas do sofá. É exatamente por isso que eu não queria falar com ele sobre Marcus.

— Um pouco. — É verdade, além da nossa primeira noite juntos, eu não compartilhei mais do meu passado com ele. Não estou pronta para criar aquela nuvem negra sobre nossas cabeças.

— Eu sei que você está escondendo merda, Evvie. Você acha que eu não sei que há mais do que você me disse? Não digo nada porque é muito difícil para você falar sobre isso, mas você não pode continuar vivendo com essa porra de sombra sobre sua cabeça o tempo todo. — Sua explosão honesta me choca um pouco e estou surpresa.

— Justin...

— Você não precisa dizer nada para mim, Evvie. Se você não sente que pode, então não vou pressioná-la. Por que você acha que eu não disse nada até agora?

Brinco com o fio de algodão da minha camiseta por um momento. — Não é que eu não achasse que pudesse te dizer... é só isso...

— Eu entendo, Evvie. Algumas coisas eram muito ruins para me dizer. Quer dizer, eu queria matar aquele filho da puta quando você apareceu aqui naquela noite! E estou falando muito sério. Se ele se aproximasse de mim amanhã, eu não hesitaria. Eu entendo que você teve que manter as coisas para si mesma, mas tudo o que estou dizendo é que, se você encontrou alguém com quem pode se abrir totalmente... Então você deve fazê-lo.

Uau, meu irmão, o homem de palavras sábias. Acho que nunca vou encontrar alguém com quem possa compartilhar meu passado, não totalmente, mas então poderei estar com alguém de maneira adequada se tiver esses segredos pairando sobre meus ombros. Marcus já começou a derrubar a parede que construí por dentro, quanto tempo até que tudo desabasse.

— Você está me dizendo para abrir meu coração para alguém que acabei de conhecer? — Questiono seu comentário, quando na verdade estou pedindo um conselho.

Ele se levanta e caminha em minha direção, me beija na testa. — Isso é exatamente o que estou dizendo para você fazer... Marcus é um dos

bons, posso ver isso toda vez que vocês dois estão juntos e se você acha que pode se abrir com ele, então você deve. — Ele coloca a mão no meu ombro para me apoiar.

Dou-lhe um sorriso antes que ele saia pelo corredor até seu quarto.

Descanso minha cabeça para trás, olhando para o teto, procurando as respostas para as perguntas, procurando clareza para onde minha vida está indo. Respiro fundo e deixo minha mente vagar.

Passei tanto tempo sonhando com uma vida melhor e agora meu coração salta uma batida com cada mensagem que ele me manda, não posso deixar de sorrir ao imaginar seu rosto. Eu odiava que ele tivesse que sair mais cedo; Eu queria passar o dia enroscada em seus braços. Sinto arrepios por ele estar esperando que eu termine o trabalho esta noite e me levando de volta para sua casa. Cada noite que vou para o trabalho, a mesma empolgação aumenta, sabendo que ele estará esperando por mim no final da noite.

Ele quer compartilhar seu tempo comigo.

Foi o destino ele estar lá na outra noite? Uma coincidência que depois de todo esse tempo, na mesma noite em que o encontro eu subo no palco e fico cara a cara com Drake?

Não consigo encontrar as respostas e estou preocupada que, se pensar demais, vou afastá-lo e não dar a nenhum de nós uma chance.

Levantando-me da cadeira, estico os braços sobre a cabeça. Preciso de um pouco de ar fresco e um pouco de terapia de compras para clarear minha cabeça. Devo estar trabalhando em algumas horas e estou apenas me enrolando sentada aqui sozinha.

— Justin! — Eu grito no corredor para ele. — Estou saindo por uma hora.

Fico esperando sua resposta. — Justin, você me ouviu?

Espero mais alguns segundos e, quando estou descendo o corredor, ele grita atrás da porta. — Sim, eu ouvi! Te vejo em breve.

Balançando a cabeça, coloco meu tênis, pego minha bolsa e saio pela porta.

Assim que a brisa fresca atinge meu rosto, me sinto mais calma. Eu ando lentamente pela rua, absorvendo todas as imagens e sons que me cercam. Nunca prestei muita atenção em quantas pessoas correm como se suas vidas fossem controladas por um relógio. Tudo é tão grande e ocupado.

Corpos passam uns pelos outros em todas as direções e tento sair do caminho enquanto pessoas ocupadas passam, seus telefones pressionados contra os ouvidos - como se estivessem ligados. Eu me pergunto quantos deles se dão ao trabalho de parar e avaliar o presente, em vez de correr para o futuro.

Ando pela Highstreet, olhando pelas vitrines para verificar se algo me chama a atenção. Parando na frente de uma janela, eu fico olhando

para o mais incrível par de botas pretas com fivela que eu já vi. Quando estou prestes a entrar na loja, um cara enorme, todo vestido de preto, passa por mim; quase me fazendo cair de bunda.

— Idiota! — Eu grito para ele.

Sua cabeça gira e ele sorri para mim por cima do ombro.

Eu paro por um momento, mostrando-lhe o dedo antes de entrar na loja.

Procuro na ilha de sapatos as mesmas botas que encontrei na janela, quase gritando de empolgação quando as encontro e do meu tamanho. Vagueio e encontro um par de jeans preto rasgado que ficará perfeito com as botas e uma blusa canelada vermelha bonita com botões falsos que cortam logo acima dos quadris.

Eu sorrio para mim mesma saindo da loja com minha sacola de doçuras e decido fazer uma viagem para a loja de lingerie na esquina. Posso sentir minhas bochechas corarem levemente pensando em entrar. Eu nunca me preocupei com qualquer tipo de roupa íntima sexy ou sedutora antes - conforto sempre foi meu melhor amigo.

Timidamente ando por cada ilha, olhando para as duas peças iguais, até que uma pula em mim. O sutiã vermelho mais vivo, seu material sedoso e macio ao toque e o impressionante detalhe de diamante na copa dão o toque final. Eu procuro atrás pelos tamanhos maiores, essa é a coisa que eu amo em ter um busto maior - são os sutiãs mais bonitos. Eu não diria que meus seios são enormes, mas fui

abençoada com mais do que o suficiente e uma cintura fina que faz meus seios parecerem maiores do que são. Pego uma calcinha combinando, optando pelo short em vez do fio dental. Eu não sou uma amante de calcinhas; elas são a invenção mais incômoda de todos os tempos.

Enquanto estou voltando para a loja depois de pagar, paro no meio do caminho, um arrepio percorre minha nuca, verifico atrás de mim e, em seguida, corro para verificar a entrada. Percebendo que estou preocupada com nada importante, sorrio ao sair pela porta, batendo direto numa parede que é um corpo parado na saída.

— Oh, desculpe... — Eu olho para a figura imponente, mas ele não diz nada. Apenas sorri para mim.

Estranho.

Franzo a testa um pouco antes de me livrar disso e caminhar para casa; não é uma caminhada longa, mas me deixou um pouco nervosa. Eu verifico por cima do ombro enquanto faço a viagem, a sensação constante de que estou sendo observada ondula sobre mim e minhas mãos começam a se fechar quando chego ao nosso bloco, ouvindo passos invisíveis atrás de mim. Correndo pela entrada, eu me viro rapidamente, verificando as duas direções antes de me inclinar contra a porta e deixar escapar um suspiro de alívio.

Empurrando a porta, pressiono o botão do elevador e fico esperando. Meus nervos estão à flor da pele; Eu sei que é estúpido e só

me preocupa, mas ainda não consigo evitar lançar meus olhos para a porta da frente cada vez que ela se abre.

Correndo pelas portas do elevador, meu coração dispara enquanto pressiono o botão do nosso andar várias vezes, esperando que as portas fechem mais rápido. Minhas sacolas estão agarradas com força em minhas mãos e bato os dedos no pulso tentando me acalmar antes de sair do elevador. Droga, meus nervos estão à flor da pele. Desde aquela noite no clube, é como se eu estivesse de volta à estaca zero.

Quando fugi de Drake pela primeira vez e entrei em pânico por ser seguida ou por pessoas me agarrando na rua, não saí do apartamento sozinha.

Justin me disse para, sempre que eu sentisse aquela ansiedade crescendo, apenas batesse no meu pulso e isso acalmaria meus nervos - e para ser honesta, acalma. Eu odeio admitir que meu irmão está certo, mas quando meu coração dispara rápido demais para eu pensar e não consigo fazer meu cérebro pensar racionalmente, apenas bato no pulso e isso acalma a velocidade do meu batimento.

Eu fico do lado de fora da porta e tiro minha chave do fundo da minha bolsa. Respirando fundo, verifico uma última vez no corredor antes de entrar, batendo a porta atrás de mim e trancando-a.

Largando minhas sacolas na entrada, corro para a cozinha para pegar um copo d'água. Justin abre a porta do quarto, fazendo-me quase deixar cair o copo no balcão.

— Você tem um problema com a porta da frente? — ele pergunta, caminhando pelo corredor até à cozinha.

Coloco o copo na pia e me viro para ele, encostado no balcão. — Desculpe, minhas mãos estavam ocupadas, tentei fechar com o pé e bateu.

Olho para os meus pés, tentando esconder minha preocupação.

— Ok, e aí? — Ele cruza os braços sobre o peito, olhos fixos nos meus.

Esfrego minha têmpora por um momento, respirando fundo.

— Eu sei que algo está acontecendo com você Evvie, então fale. — Ele inclina a cabeça para o lado, me dando o olhar do irmão mais velho.

— Estou bem. Bem. — Eu jogo minha mão no ar, invadindo a sala de estar. — Tive um momento estranho na cidade e entrei em pânico. Nada demais.

Ele franze a testa para mim, como se estivesse tentando ler meus pensamentos. — Um momento estranho como?

Solto um suspiro alto. — Bem, esse cara grande todo de preto passou por mim e quando me virei para ele, ele apenas sorriu para mim. Então, quando saí de outra loja, acabei encontrando outro grandalhão e, quando tentei pedir desculpas, ele apenas sorriu para mim também. — Eu respiro. — Isso apenas me deixou um pouco nervosa, e

então comecei a entrar em pânico, pensando que alguém estava me seguindo para casa.

Justin corre para mim, suas mãos segurando firme em meus braços. — Você realmente viu alguém te seguindo?

Eu balancei minha cabeça.

Ele parece preocupado, e agora estou preocupada de novo.

— Tenho quase certeza de que foi apenas minha imaginação pregando peças em mim. Provavelmente não foi nada. — Tento tranquilizá-lo, meus braços doem por causa de seu aperto - algo não parece certo.

Ele solta meus braços, — Sim, provavelmente você está certa. — Ele passa a mão ao longo da barba desalinhada em seu rosto. — Mas, só por segurança, prefiro que você espere até eu terminar esta noite antes de voltar para casa e não saia mais por conta própria.

— Mas isso significa trabalhar mais 2 horas. Além disso, Marcus vai me buscar depois do trabalho...

— Você vai ver Marcus de novo esta noite?

Inclino minha cabeça para o lado; meus olhos piscam um pouco para ele... o que diabos está acontecendo com meu irmão? — Sim, ele vai me levar para sair amanhã, então eu disse que iria passar na casa dele... Eu já te disse ontem, Justin. O que há de errado?

— Está bem. A que horas ele vai buscá-la? — Ele ignora minha pergunta completamente.

— Às 00h30... Sobre o que é tudo isso, Justin? — Meu pulso começa a acelerar veloz.

Há algo que ele não está me dizendo, eu sei disso! Eu posso sentir isso no fundo do meu interior. Está escrito em seu rosto. Algo que ele está escondendo de mim.

Ele anda de um lado para o outro na sala de estar, esfregando as mãos. — Não é nada Evvie, apenas me faça um favor e quando Marcus te pegar, diga a ele para vir me encontrar antes de vocês saírem, ok?

Eu cruzo meu braço firme sobre meu peito. — Diga-me, Justin.

Fico observando enquanto ele para em seu caminho, estudando seu rosto, eu sei quando meu irmão está mentindo para mim. Ele passa as mãos pelos cabelos, como se estivesse debatendo se deveria me contar ou não.

— Bom. Acabei de receber uma ligação da segurança do clube. Houve uma briga do lado de fora da porta da frente ontem à noite e enquanto checavam a câmera da noite anterior, eles pegaram a filmagem de dois caras grandes vestidos de preto, bisbilhotando nos fundos do clube...

Eu me inclino contra a cadeira para me apoiar. — Você acha que podem ser os mesmos caras? — Minhas pernas estão ficando gelatinosas.

— Olha, você não tem nada com que se preocupar. Provavelmente é apenas uma coincidência, não temos provas de que...

— Drake! — Eu digo o nome dele com medo. — Eu te disse! — Eu ando para a frente e para trás, meu coração batendo forte de pânico.

Ele me puxa para seus braços, me segurando com força. — Não sabemos se teve alguma coisa a ver com ele. Lembra-se, alguns meses atrás, quando tínhamos filmagens daqueles filhos da puta que estavam roubando os clubes?

Eu aceno, tentando ser tão otimista quanto ele.

— Vou ligar para Dylan no outro clube e ver se ele ouviu falar de algum problema acontecendo. — Ele tira os cabelos do meu rosto. — Você não tem nada com que se preocupar, acredite em mim... nada de ruim vai acontecer com você. Eu não vou deixar! Está bem?

Eu forço um sorriso. — Sim.

— Vou fazer algo para comermos, o que você acha? — Ele me dá um pequeno sorriso segurando meu queixo suavemente para olhar para ele, — Almôndegas e espaguete?

Eu enterro a preocupação o mais fundo que posso. — Sim, parece bom para mim. Vou pular no chuveiro e embalar alguns pedaços para mais tarde. Dê-me um grito quando estiver pronto. — Não sei o quanto mais posso segurar, é uma sensação paralisante saber que a coisa que você mais teme está à espreita na escuridão. Eu respiro fundo para me acalmar.

— Vou fazer. E Evvie? Não se preocupe, ok? — Ele me dá uma piscadela enquanto junta as panelas e frigideiras ao redor da cozinha.

Como posso não me preocupar quando está escrito em seu rosto que ele está tão preocupado quanto eu? Eu me contenho até chegar à porta do banheiro; minha mão trêmula segura a maçaneta por um momento antes de eu respirar e me esconder lá dentro. Trancando a porta atrás de mim eu afundo no chão, me enrolando em uma bola, e deixo minhas lágrimas rolarem silenciosamente.

Seria tudo uma grande coincidência? Acho que não. Tento pensar racionalmente, mas é quase impossível. Justin estava certo, pode ser simplesmente nada, quem pode dizer que são os mesmos caras de hoje? Eu seguro minha cabeça em minhas mãos, tentando me convencer de que não é nada, tentando lutar contra a culpa que sinto... culpa por me deixar envolver tão intimamente com outro. Eu sei que deveria ter mantido minha guarda com ele, sabia que deveria tê-lo afastado enquanto tive a chance, mas agora é tarde demais.

Marcus tem um jeito de obscurecer seu julgamento. Eu sabia que não seria capaz de me conter. Respiro fundo, inclinando minha cabeça contra a porta.

Foi por acaso que Marcus entrou na minha vida quando o fez? Ele estava lá na noite em que Drake estava. Eu sei que estou agarrada à realidade, mas talvez Marcus deveria estar lá naquela noite, deveria vir em minha vida assim que Drake voltou... minha vida inteira é

questionável, cada movimento que faço está destinado a marcar o que acontece a seguir.

Talvez seja a hora de ser completamente honesta de uma vez por todas. Justin estava certo...

Eu confio em Marcus o suficiente para contar tudo a ele? Nós mal nos conhecemos.

Eu me levanto e verifico meu reflexo no espelho, enxugando as lágrimas e me endireito, forçando um sorriso para mim mesma. Minhas mãos tremem enquanto seguro a pia para me apoiar. Por muito tempo eu deixei Drake me controlar, tirar a mulher que eu sou.

Eu digo a mim mesma repetidamente 'foda-se', mas o reflexo não me apoia, ela está fraca e com medo - ela quer ficar escondida, ela quer se sentir segura, mas algum dia ela estará segura com um monstro lá fora?

Capítulo Nove

Fiquei nervosa a noite toda no trabalho. Justin continua disparando para o escritório. Eu sei que ele está verificando as câmeras, embora a segurança esteja em alerta máximo esta noite, um deles me seguindo por onde quer que eu vá, nenhum dos quais está me ajudando. Estive observando o relógio a noite toda, contando as horas até ver Marcus novamente.

É uma noite tranquila no clube esta noite, já que não há bandas ao vivo. As quintas-feiras são sempre calmas antes do fim de semana agitado. Dec está flertando com Jensen do outro lado do bar, ambos não trabalhando esta noite, mas ainda acham que este é o único lugar onde eles podem ser quem eles querem ser, ninguém aqui jamais os julgou. Muitas vezes me pergunto se eles realmente vão a algum outro lugar, sendo que parecem passar todo o tempo aqui e Dec é um fofoqueiro - quer saber tudo o que está acontecendo o tempo todo.

Mesmo esta noite, Dec está me interrogando, perguntando se meu 'homem bonitão' está me pegando novamente. Eu fico observando eles se olhando nos olhos, seus dedos entrelaçados. Sinto uma dor no peito porque Jenson não pode ser essa pessoa o tempo todo. Eu gostaria que ele pudesse ser quem ele quer ser. Escondeu sua sexualidade por anos antes de contar apenas para um punhado de pessoas. Mesmo que a

tensão de carregar o segredo tenha passado, ele ainda tem que se esconder atrás de sua imagem.

Eu disse a ele várias vezes que ninguém vai se incomodar, mas a banda acabou de fazer um grande negócio e ele não quer estragar tudo para eles. Eles foram convidados a fazer um show no festival de cerveja de Natal, e Jenson não quer que os fãs lhes dêem as costas – é muito para lidar para que eles sejam reconhecidos dessa forma. Encontrar Dec foi uma graça salvadora para ele. Ele parecia surgir do nada na hora certa para ele. Finalmente, ele tinha alguém com quem não precisava fingir.

— Ei menina. — Justin me acorda do meu devaneio feliz. Eu dou a ele um pequeno sorriso. — Ei.

Ele olha para Jenson e Dec. — Eu não entendo esses dois. — Ele inclina a cabeça na direção deles. — Não está funcionando, ainda confinado neste lugar.

— É o único lugar para onde eles podem ir. Jenson realmente não pode ir a outro lugar e ser ele mesmo. — Eu explico com simpatia sobre eles.

— Então por que não ser apenas quem eles querem ser lá fora? Eu não consigo me esconder em segredo. — Meu irmão sempre foi um mulherengo, ele não tem segredos quando se trata de mulher e não se esconde com nenhuma. Muitas noites tive que dormir com meus fones de ouvido.

— Você sabe que Jenson não quer comprometer a imagem da banda. — Eu suspiro. — E, além disso, nem todo mundo 'lá fora' sabe que ele é gay. Ele ainda não disse à família e está com medo de como eles vão reagir. Nem todo mundo é tão compreensivo quanto nós, você sabe.

— Sim, bem, eu ainda digo que deve ser quem você quer ser. — Ele balança a cabeça indo embora.

Seja quem você quiser ser. Nem sempre tão fácil quanto você pensa, penso comigo mesma.

Aproximo-me do casal feliz, sorrindo. — Posso pegar outra bebida para vocês dois?

Dec verifica seu telefone antes de dar um beijo na bochecha de Jenson e pedir licença.

Jenson se apoia na mão, o cotovelo apoiado no bar. Seu cabelo cai um pouco sobre os olhos, mas ele apenas o empurra para fora do caminho. — Tudo bem, querida?

Eu dou a ele um pequeno aceno de cabeça. — Sim.

— Você tem certeza? Parece um pouco nervosa esta noite, Evvie. — Ele se inclina para a frente.

Eu descanso minha mão na dele. — Tenho certeza, Jensen. — Pego uma garrafa de Bud da geladeira atrás de mim e deslizo para ele. — De qualquer forma... o que há sobre vocês dois? Vocês parecem estar passando muito tempo juntos. — Eu pisco para ele.

Ele balança a cabeça para mim, sorrindo. — Sim, as coisas estão... indo bem... eu acho. — Eu sinto seu nervosismo enquanto ele brinca com o rótulo de sua garrafa.

— O que é, Jen? — Eu jogo minha toalha no balcão e me inclino, dando a ele toda a minha atenção.

Ele suspira, — É só que... Não sei... é um pouco embaraçoso...

Ele olha para a garrafa, sem fazer contato visual comigo. — Derrame!

— É só que não... você sabe…? — Ele levanta as sobrancelhas para mim, inclinando-se mais perto para que ninguém por perto pudesse ouvir. — Nós não fizemos *isso*!

— Merda! — Eu rio um pouco antes de me recompor, seu desconforto óbvio. — Desculpe, quero dizer, é você ou ele? Ou ambos?

— Ele, principalmente. Eu não acho que ele... fez isso antes. Eu meio que tenho a sensação de que ele não fez muito antes. — Ele olha por cima do ombro, procurando por Dec, dando um suspiro de alívio. — Ele parece distraído na maior parte do tempo, como constantemente ao telefone e quando o questiono; ele meio que ignora. Tudo o que ele quer fazer é ficar aqui. — Ele olha para sua garrafa antes de puxá-la aos lábios e tomar outro gole. — Tenho a sensação de que ele ainda não se sente confortável em ficar sozinho comigo.

Eu gentilmente coloco minha mão na dele, os anéis em seus dedos frios ao toque. — Ouça alguém que - até recentemente tinha feito muito

pouco com uma pessoa. Se parecer certo, então vá em frente. Você pode se surpreender. Ele pode estar pensando a mesma coisa sobre você, então não se segure.

Ele me dá um sorriso torto, levantando a sobrancelha com a minha declaração. — E o senhor alto, moreno e bonito parece certo?

Minhas bochechas ficam um pouco vermelhas e sinto o calor subindo pelos meus braços. — Não estamos falando de mim! — Eu me inclino para trás no bar.

— Oh, agora estamos querida. Por favor, me conte mais sobre o maravilhoso Marcus que deu a você um brilho tão grande. — Ele cruza os braços sobre o peito, esperando minha resposta.

Eu olho para cima do chão, meu coração instantaneamente acelerando. Estou alheia a Jensen ainda de pé no bar e imediatamente olho para os olhos verdes atrás dele... Meus lábios estão secos do pensamento dele no meu.

Eu mordo meu lábio um pouco quando ele sorri para mim, não consigo quebrar o olhar.

— Ah estou vendo. — Jensen olha por cima do ombro para Marcus parado ali, um grande sorriso no rosto quando ele se vira para mim e vê minha reação.

Eu vejo Marcus enfiar a mão nos bolsos do jeans; ele olha para mim através daquele cabelo desalinhado lindo e eu estou completamente sem palavras. Acho que ele roubou minha voz. A camiseta preta gruda

firmemente em sua pele; também faz seus olhos se destacarem mais do que o normal.

Jensen agarra minha mão, me puxando para mais perto dele. — Tenho que dizer Evvie, eu queria que ele fosse gay. — Ele ri e vai embora.

Marcus dá um passo à frente, tomando o lugar que Jensen estava ocupando e puxa um banquinho do bar, batendo as mãos no balcão ao ritmo da música que desaparece ao fundo.

Estou sem palavras.

Literalmente, não consigo pensar em nada para dizer.

— Evvie? Você está bem? — Ele estala os dedos para mim, me arrastando para fora do meu torpor.

Eu balanço minha cabeça. — Sim, desculpe, eu estava... Em minha própria mente para um momento lá.

Ele sinaliza para eu me inclinar para a frente com o dedo. — Você está bem esta noite, porra. — Ele segura meu queixo, me puxando para mais perto da barra, seus lábios tocando suavemente os meus.

Afastando-me, dou a ele um sorriso atrevido. — Sim? Você não parece tão mal, na verdade... não que eu tenha percebido. — Eu jogo junto com ele.

Do outro lado da pista de dança, vejo Justin emergir de seu escritório, caminhando até nós. Meu momento de diversão amortecido

pela 'palavra' que meu irmão quer com Marcus, e a preocupação se instala novamente.

— Ei, Marcus, bom ver você de novo. — Justin coloca a mão no ombro de Marcus. — Posso pegar você por um minuto? Eu só preciso de uma palavra rápida.

Marcus olha para mim e depois de volta para Justin com curiosidade. — Sim, claro.

Os dois saem do meu alcance, mas observo seus movimentos. Justin está falando e Marcus cruza os braços sobre o peito, ouvindo tudo o que meu irmão está dizendo a ele, balançando a cabeça ocasionalmente. Eu posso ler a expressão preocupada no rosto de Justin.

Eles terminam com Marcus apertando a mão de Justin. É um momento demorado e antes de ir embora Justin coloca a mão no ombro de Marcus e sussurra algo em seu ouvido.

Desvio o olhar quando Marcus volta para o bar. Sua expressão mudou um pouco. Eu vejo quando Justin caminha atrás do bar, olhando para o chão antes de se aproximar de nós.

— Você pode desligar o relógio se quiser irmã, não está ocupada hoje à noite, de qualquer maneira. — Ele me dá um sorriso.

Eu olho entre ele e Marcus, que agora está encostado no balcão pelo cotovelo, enquanto a outra mão tira o cabelo dos olhos.

— Tudo ok? — Eu pergunto a ambos.

— Sim, está tudo bem, só a conversa do irmão mais velho, você sabe 'cuide da minha irmã, machuque ela e eu vou te machucar' tipo de conversa. — Justin ignora timidamente.

Marcus ri. — Sim, esse tipo de conversa.

Eu não estou comprando... Há mais do que isso.

Algo que nenhum dos dois está dizendo e isso me preocupa ainda mais. — Vamos sair daqui? — Marcus se levanta do bar perguntando para mim.

Justin pega minha bolsa debaixo do balcão, passando para mim. — Vá em frente, pode ir. Vejo você amanhã. — Ele sorri para mim.

Pego a bolsa, passo para Marcus e começo a andar. Paro por um momento, voltando-me para Justin. — Justin, você tem certeza que está tudo bem?

— Sim, Evvie, está tudo bem. — Ele coloca a mão no meu braço. — Me mande uma mensagem amanhã, ok?

Marcus espera por mim no final do bar, observando nós dois com atenção.

— Sim, eu mando. — Jogo meus braços em volta do pescoço; algo me deu vontade de abraçar meu irmão com força.

— Esteja segura, ok? — Ele me abraça de volta.

— Estarei. — Eu o beijo na testa e corro para Marcus, pegando sua mão na minha. Quando chegamos à porta da frente, ouço uma voz

elevada do lado de fora, alguém gritando. Então, de repente, Dec irrompe pela porta, suas bochechas um pouco vermelhas. — Oh, desculpe, Evvie. — Ele mantém a porta aberta para nós. — Você está saindo mais cedo? — ele me questiona.

— Sim, Justin deixou-me terminar mais cedo porque não está ocupado esta noite. Mary e Rose vão até o fechamento hoje à noite, de qualquer maneira. — Estudo seus movimentos enquanto ele coloca o telefone de volta no bolso.

— Vamos Evvie, é melhor irmos. — Marcus se levanta, segurando a porta aberta com as costas.

— Tudo bem, Dec? — Eu noto o olhar estranho em seu rosto e suas mãos se juntam.

Ele faz uma pausa, quase parece que está pensando no que dizer. — Sim, está tudo bem. Jensen ainda está no bar?

— Sim, acho que ele estava conversando com Mary alguns segundos atrás. — Olho para Marcus, que está esperando pacientemente. — De qualquer forma, é melhor eu ir. Vejo você mais tarde.

Marcus estende a mão para mim e eu a pego enquanto observo Dec se afastar; instantaneamente puxando o telefone do bolso e digitando furiosamente uma mensagem, em seguida, esfregando as mãos ao longo do rosto. Estranho.

Coloco o pensamento do comportamento estranho de Dec de lado porque provavelmente não é nada.

— Pronta? — Marcus sorri para mim.

Olhando para ele, eu sorrio.

Nossa viagem de carro foi tranquila, conversas de uma frase. Olho pela janela do Range Rover preto azeviche. O prédio alto familiar chama minha atenção enquanto dirigimos por trás dele, em um estacionamento escuro. Marcus olha para mim, colocando a mão no meu joelho, seu polegar passando pela minha pele. A sensação é tão suave que dá um nó no meu estômago.

— Você está bem? — ele estaciona o carro na vaga com uma mão no volante.

Eu puxo meu cinto de segurança, dando-me um pouco de espaço para me virar para ele. — Sobre o que você e meu irmão realmente conversaram?

Ele desliga o motor do carro, a mão de volta no volante, batendo os dedos. — Podemos falar sobre isso lá dentro?

Eu esfrego minha testa. — Ok. — Puxo meu cinto de segurança, empurrando a porta e saio do carro. Parada na porta com os braços

cruzados no meu peito, posso sentir meu pé batendo no chão com impaciência. Calafrios percorrem meus braços quando ele tira minha bolsa e joga por cima do ombro. Ele me puxa para perto de seu outro braço e me guia até o elevador no canto escuro.

Eu me afasto de seu aperto uma vez que entramos, olhando em todas as direções, menos na dele. Estou tentando não ficar com raiva dele, mas não consigo evitar, meu irmão tem agido de forma estranha desde que voltei das compras e agora Marcus está sendo evasivo comigo.

Se algo está acontecendo, tenho o direito de saber.

Os dois estão escondendo algo de mim, e sei que envolve Drake!

Entramos no apartamento em silêncio e meu coração bate enquanto a frustração aumenta. Não é assim que esta noite deveria ser.

— Você quer algo para beber? — Ele deixa minha bolsa cair no corredor, indo para a cozinha onde está esperando pela minha resposta.

— Eu quero saber o que está acontecendo. — Eu o sigo, batendo minhas unhas vermelhas brilhantes na bancada.

— Olha, não é nada, por que você está se preocupando com isso? — Ele puxa uma garrafa de cerveja da geladeira, torcendo a tampa, e toma um gole antes de colocá-la na lateral.

Eu vejo quando ele se inclina para trás contra a lateral, sua mão cavando nos bolsos.

— O que Justin queria falar com você, Marcus? — Dou um passo mais perto dele, meu sangue bombeando forte em minhas veias.

— Ele só estava preocupado com você, só isso. — Ele encolhe os ombros para mim.

Dou mais um passo, a centímetros dele. Quero limpar minha cabeça de todas as preocupações e beijá-lo, mas estou com raiva. Furiosa com ele por esconder algo de mim, amarga com Drake por causar esse medo dentro de mim e com raiva de meu irmão por ter agido pelas minhas costas. — Por que vocês todos pensam que podem me manter no escuro? Esta é a porra da minha vida!

Marcus agarra minha mão trêmula, segurando-a na sua. — Não estou escondendo nada de você, Evvie. Tenho sido completamente honesto com você desde o momento em que nos conhecemos.

— Não! Não, você não tem, e nem eu. Mas então quem somos nós um com o outro, afinal? Por que é importante o quão honestos somos entre nós? É importante que meu irmão esteja escondendo coisas de mim e contando a um estranho! — Estou furiosa de raiva.

— Isso é tudo que eu sou para você...? Um estranho? — Marcus solta minha mão. Deixando cair de volta para o meu lado.

— Você me conhece bem, Marcus? Quanto eu realmente sei sobre você? — Eu recuo, olhando para o chão. — Há tanto sobre a minha vida que você não sabe... o perigo que coloquei em você e eu mesma. Eu sei que Justin disse a você... Ele disse o que ele sabe, de qualquer forma.

Eu luto contra as lágrimas por um momento, olhando para o teto. — E o que eu não sei, Evvie? — Ele fecha a lacuna entre nós, sua mão segurando minha bochecha. Eu fecho meus olhos por um momento e abraço o toque. — Você se preocupa com os outros. Você foi ferida no passado, mas isso só a tornou mais forte. Eu sei que você mascara sua dor com esse cabelo vermelho fogo e uma atitude a condizer. — Ele empurra meu cabelo atrás da orelha, e eu não acho que posso lutar mais contra as lágrimas. — Eu sei que você amarra o cabelo em um coque alto quando está ansiosa ou com dor.

É verdade, eu realmente nunca me notei até agora. Sempre tenho um elástico no pulso, só para garantir. Em um período tão curto ele sabe todas aquelas pequenas coisas sobre mim, as pequenas coisas insignificantes que ninguém presta atenção. Ninguém além dele.

— Você quer que eu seja honesto com você? — Ele se afasta, estendendo a mão para mim. Eu paro um momento antes de seguir seu exemplo. Caminhamos até o sofá e eu me sento, observando-o andar pelo corredor, desaparecendo por um momento e depois voltando segurando algo. Prendo minha respiração enquanto ele se senta ao meu lado e segura o porta-retratos.

Uma bela jovem que deve ter cerca de 19... talvez 20, sentada em um banco, o mar aberto atrás dela enquanto ela olha para a câmera. Seus olhos verdes mais brilhantes do que os dele, cabelo castanho escuro, quase preto, ao vento. Eu fico olhando para a imagem com curiosidade, esperando.

— Quem é? Ela é bonita. — Eu olho para ele e posso ver a dor em seus olhos, seus punhos cerrados.

— Eu disse que tive que voltar para casa e desistir de mergulhar no exterior, ela é a razão disso.

Ele tira a foto de mim, segurando-a por um momento, seu dedo traçando o contorno do rosto dela. — Essa é Katie, minha irmã.

— Ela é realmente linda, Marcus.

— Era. — Ele coloca a foto na mesa e respira fundo. — Ela era bonita. Até que ela conheceu alguém que virou seu mundo de cabeça para baixo. Alguém que escureceu sua luz. — Ele desvia o olhar de mim, esfregando o queixo. Sua história soa tão familiar para a minha. — Ele a viciou em drogas e a deixou na sarjeta... Não soube nada disso até eu voltar. Eu me odeio todos os dias por não ter estado aqui para salvá-la...

— Não foi sua culpa, Marcus. — Eu coloco minha mão em seu ombro tentando fazê-lo olhar para mim, mas ele apenas afasta minha mão e se levanta, andando no chão.

— Foi minha culpa. Eu deveria ter estado aqui para impedi-la de cometer esse erro. Um erro de merda e que custou a vida dela! Um golpe feio e ela se foi! — Ele se afasta de mim, seus braços firmes sobre o peito enquanto ele olha para o céu escuro da noite.

Eu ando atrás dele, envolvendo meus braços em volta de sua cintura, e o seguro com força. — Não foi sua culpa, Marcus, acredite em

mim... Não há qualquer coisa que você pudesse ter feito ou dito a ela... Eu sei disso mais do que ninguém.

Eu sinto minhas próprias memórias fluindo, mas agora não é sobre meu passado, é sobre sua dor... Suas feridas, não minhas.

Eu o sinto soltar um suspiro pesado. — Por que parece que é minha culpa? Por que parece que fui eu quem a decepcionou?

Eu o solto e ando na frente dele, pegando seu rosto em minhas mãos enquanto o forço a olhar para mim. — Ela veio até você pedindo ajuda? Ou ela desligou você e toda a família dela... Apagando você da mente dela porque ela estava cega pelo amor? — Meu polegar roça suavemente ao longo de sua bochecha. — Não há nada que você pudesse ter feito para ajudá-la se ela não quisesse... Eu fiquei cega assim...

— Mas você foi embora... — Sua mão se enrola em volta da minha cintura, puxando-me mais perto e encosta sua testa na minha.

— E você não tem ideia de quanto me custou ir embora. Eu apareci na porta do meu irmão. Preta e azul... Vazia por dentro... Ele ouvia enquanto eu chorava até dormir por semanas, corria no quarto toda vez que meus pesadelos pareciam muito reais... Levou toda força que eu tinha só para sair da cama pela manhã, tanto física quanto mentalmente. — Ele me beija, suave no início, mas depois a dor e a necessidade de assumir o controle de nós ambos e antes que qualquer um de nós tenha tempo para pensar, sou içada em seu braços e estou sendo carregada para seu quarto, nossos lábios não se separando por um momento.

Cada um de nós carrega uma dor oculta, a dele por sua irmã e a minha por mim. Mas agora, nós dois precisamos nos ajudar a esquecer isso. Só por esta noite, precisamos lavar a dor um do outro.

Queimar nosso passado e deixá-lo queimar até às cinzas.

Capítulo Dez

O céu noturno brilha através da janela do quarto quando me deito envolta nos braços de Marcus. Seus dedos percorrem minha espinha para cima e para baixo, acalmando o fogo ardente que queima por mim, meu corpo levado a alturas que nunca pensei ser possível.

Olho ao redor do quarto, a primeira vez que passei a noite aqui foi no final do corredor no quarto de hóspedes, não estive mais naquele quarto desde então. Grande parte de seu apartamento tem pouco de sua personalidade ou passado, mas aqui... é diferente. Fotos de sua família espalhadas pelas profundezas dos móveis de madeira cinza, a vista da parede de vidro é de tirar o fôlego e um pouco desanimador se você se esquecer de fechar as cortinas, mas estamos tão alto que duvido que até mesmo os aviões possam espiar.

Descanso minha cabeça em seu peito, traçando a tatuagem, os globos verdes brilhantes olhando para mim e quase ganhando vida. Ele segura minha mão, pressionando-a lentamente contra seus lábios.

— O que você está pensando? — Ele olha para mim, um sorriso no rosto que pode partir milhares de corações. Nunca entendi aquele sorriso antes, mas agora que conheço sua história entendo por que carrega tanto sofrimento.

Eu me inclino apoiando meu queixo na minha outra mão e meu cabelo cai sobre meus ombros, bagunçado e selvagem. Minha cabeça se inclina para o lado enquanto observo sua expressão. — Só estou pensando em como estou realmente começando a gostar da sua companhia. — Eu mordo meu lábio.

— Bem, estou realmente começando a aproveitar a sua também. — As costas de sua mão acariciam minha bochecha.

Há um momento de silêncio entre nós. Parece ser um padrão conosco - é tudo ou nada. Dizemos tudo o que precisa ser dito, ou não dizemos nada, nunca o intermédio. Eu acho que é o que acontece quando duas almas quebradas colidem, ambas se afogando no mar negro invisível.

Eu repasso sua dolorosa confissão anterior em minha mente uma e outra vez, abatida pela preocupação de que eu poderia ter feito Justin passar pela mesma coisa se eu não tivesse encontrado saída quando o fiz... ele poderia estar andando por aí, carregando a mesma culpa que Marcus agora carrega. Eu me perguntei se foi o destino que nos uniu naquela noite, se Marcus deveria ser aquele que me arrastaria para fora da escuridão. Ao ouvir sua história, a resposta agora é alta e clara. Sim.

O destino nos uniu por um motivo... para ele encontrar a redenção por sua culpa e eu... para encontrar o salvador que eu merecia. Respiro fundo e já posso sentir as lágrimas brotando atrás dos meus olhos. Eu sei que devo dizer a ele... O conselho do Justin ressoa em mim como um sino

de jantar para os leões*: 'Se você encontrar alguém para se abrir, não se contenha'*.

Deito de costas, envolvendo os lençóis de seda preta em volta de mim. Segurando sua mão, eu entrelaço nossos dedos e um pequeno suspiro escapa dos meus pulmões, quase soando como um gemido. Eu sei que ele pode sentir minha hesitação… Como você conta a alguém as coisas que eu tenho pensado?

Por onde você começa?

Marcus deita sua cabeça perto da minha; ele não fala... apenas segura minha mão com força, seu polegar roçando a pele com ternura... me tranquilizando.

Eu respiro fundo; as memórias ressurgem, piscando diante dos meus olhos como um raio em uma tempestade. — Fui forçada a trabalhar para Drake em seu clube… seu clube de cavalheiros, ele o chamava. Ele me disse que eu seria sua estrela no palco, coisa estúpida... Eu era, mas não da maneira que imaginei. — Eu fecho meus olhos; o cheiro de charutos e uísque ainda queima minhas narinas.

Paredes acolchoadas de couro vermelho ao longo das paredes traseiras de cada estande '*privado'.* Na plataforma em frente, estava um poste de ouro... Um pano de fundo de cortinas de veludo preto, mantendo-nos separados dos homens bêbados e movidos pelo sexo, sentados em suas cadeirinhas esperando a próxima exposição. Meu

estômago revirou por ficar atrás daquela cortina noite após noite... mas ficar na porta da frente de 'casa' era ainda pior.

Uma única lágrima desce em cascata pela minha bochecha. — Eu poderia lidar com o que acontecia atrás das portas do clube... Eu fui forte o suficiente para lutar com as mãos que tentaram me tocar. — Soltei uma única risada. — Não que alguém ousasse tentar me tocar... Eu era a única propriedade fora dos limites.

Esse era o problema, eu fui a primeira... a primeira garota que ele com sucesso levou à escuridão...

Eu posso sentir o aperto de Marcus em torno da minha mão, como se ele estivesse segurando para salvar sua vida. Mesmo com raiva, seu toque ainda é tão gentil e atencioso.

Com a outra mão na minha barriga, seu dedo trilha a cicatriz no meu quadril. Eu recuo no início, mas o calor de seu toque lava todo o horror.

Eu me encolho no canto do nosso quarto escuro... tremendo... Não consigo controlar o medo que percorre meu corpo. Eu coloco minhas pernas com força no meu peito, minhas bochechas pretas por causa do rímel que escorreu.

— Venha aqui sua vadia! — Drake cospe em mim enquanto me arrasta pela sala pelo meu cabelo, a pele das minhas pernas queimando com a sensação do tapete áspero.

Eu seguro suas mãos tentando aliviar a pressão do meu cabelo... minhas pernas chutam o mais forte que posso, mas não adianta; ele é muito forte. — Por favor, Drake... você está me machucando... Eu sinto muito.

Não importa o que eu faça, estou sempre errada... sempre culpada por suas próprias falhas. Sou uma pessoa horrível... preciso ser punida para aprender com meus erros.

Hoje à noite, ele estava bêbado demais para se forçar a mim... muito mole para 'mostrar-me que garota suja eu sou'. Eu posso sentir a bile subindo de volta na minha garganta com o pensamento de seu corpo em qualquer lugar perto do meu.

Ele agarra meus braços com força, a pele queima de dor quando ele me joga na cama, meu corpo muito fraco para lutar mais. Está cansado e murchando até nada. Estou ficando mais perto da beira do penhasco todos os dias que passo com esse monstro. Ele agarra minhas mãos segurando-as acima da minha cabeça, subindo em cima de mim, ele me monta, prendendo-me sob seu corpo bêbado fedorento.

— Drake, você está me machucando... por favor. — Tento me desvencilhar dele, mas não adianta, ele é maior e mais forte do que eu.

Ele balança o braço para trás e atinge minha bochecha com as costas da mão... a ardência instantaneamente percorre minha pele. — Cale a boca, sua vadia!

Eu fico olhando em seus olhos negros enquanto ele desabotoa a camisola que me fez vestir, cada gesto trazendo um medo agonizante.

— Olhe para você! Às vezes não sei por que me preocupo com você! — Ele me amaldiçoa entre os dentes. — Você é patética, Evvie. O que aconteceu com você? — Sua mão acaricia a bochecha agora sensível, sua tentativa amarga de ser gentil.

Eu movo minha cabeça com seu toque. — Você! Foi o que aconteceu comigo! — Eu cuspi na cara dele... e agora estou prestes a pagar... eu luto uma vez mais para me libertar de seu domínio, quase conseguindo quando ele enfia a mão no bolso e pega sua faca mortal.

— Você precisa aprender uma lição, Evvie! — Ele limpa a saliva do rosto com as costas da mão e sorri para mim.

Abrindo a faca, ele acaricia a lâmina ao longo do meu peito. Fecho meus olhos e espero pelo fim enquanto ele traça sob meu seio, o metal frio mal tocando minha pele, mas o suficiente para eu respirar pesadamente, esperando que cada respiração seja a minha última.

— Já era hora de você aprender alguma disciplina. — Ele segura a faca contra meu pescoço. Minha família passa diante dos meus olhos... meu lábio treme com a dor que lhes causei. Um buraco negro se abre e eu posso imaginar a tristeza em seus rostos quando ouvirem que estou morta... assassinada.

Nunca conheci o amor verdadeiro, não tive a chance de criar minha própria família, de amar alguém incondicionalmente... Nunca dancei sob as estrelas em uma noite de tempestade...

Respiro instavelmente, segurando com força. Esperando pelo fim. Eu espero muito tempo.

A lâmina ainda paira sobre minha pele.

Mesmo agora, na minha hora final, ele tem que me torturar, ainda ri na minha cara que ele tem controle total.

Meu corpo para de lutar e meus braços ficam moles contra seu aperto. Toda luta se foi... Eu sou uma concha vazia.

Ele se inclina, sua bochecha próxima à minha. — Você não vale nada, Evvie... Sempre foi assim e sempre será. — Ele sussurra no meu ouvido, a amargura em seu tom persistente. — Você realmente acha que eu deixaria você ir tão facilmente?

Eu solto um grito.

Ele se inclina para trás rindo e, em seguida, a dor em queimação deixa minha pele em chamas... Eu grito conforme a lâmina corta meu quadril... A dor é demais... parece que ele está cortando minhas entranhas.

Sinto um peso sendo tirado de mim.

Viro minha cabeça para o lado, meu corpo ainda congelado onde está. Assisto com os olhos cheios de lágrimas enquanto ele caminha ao redor da cama até à porta. Fechando a faca, ele agarra a maçaneta da

porta e fica parado sorrindo para mim por um momento antes de gritar para Daniel no corredor.

— Limpe-a! — Ele dá um tapa no ombro do irmão e sai da sala.

Limpo as lágrimas dos meus olhos. — Eu queria morrer naquela noite. Eu estava pronta... mas ele só queria ter certeza de que eu sabia que ele *poderia* fazer isso. Ele estava se certificando de que eu sabia que minha vida estava sob seu controle.

Marcus pula da cama, puxando bruscamente sua cueca boxer e passa as mãos pelos cabelos. Posso ver sua raiva, as veias saltando de seus braços enquanto ele fecha os punhos. Sento-me na cama, envolvendo os lençóis em volta de mim com força, puxando minhas pernas perto do meu peito. Um pequeno soluço escapa dos meus pulmões.

Ele corre para mim, puxando-me em seus braços enquanto as lágrimas correm pelo meu rosto com a memória. Em meus dias mais sombrios, sonhei em ser abraçada dessa maneira.

— Depois daquela noite eu desisti de toda esperança de um dia ser livre, as coisas ficaram um pouco mais fáceis... Eu tentei manter o lado bom dele, ele encontrou outras maneiras para se divertir... Eu só ia trabalhar e todas as noites ia para a cama sozinha. Ele era amargo e desagradável comigo. Cheguei ao ponto em que eu era apenas mais uma das garotas do varão.

Marcus nunca falou, ele apenas me deu o que eu precisava... alguém para ouvir... um ombro carinhoso para chorar.

— Eu comecei a me encontrar novamente... o controle que eu tinha sobre o palco... os homens que se curvaram aos meus pés... Isso me deu força. Drake podia ver... ele não poderia me deixar curtindo o que ele pensava ser uma punição... então, depois de não chegar perto de mim por quase 6 meses, sua atenção voltou para mim.

Inclinei-me em seu ombro, enxugando minhas lágrimas enquanto olho em seus olhos. — Eu o mantive longe o máximo que pude, joguei o jogo com ele... ele parou de ser tão desagradável comigo...

Minhas mãos tremem.

— Você não tem do que se envergonhar, Evvie. — Ele pega minha mão.

— Eu não estava com vergonha, Marcus, esse é o problema... Eu reagi! Joguei com ele em seu próprio jogo e gostei...

Eu me levanto e ando até à janela, o lençol enrolado em volta de mim, olhando para a noite negra... tão negra quanto meu coração agora.

— Uma noite... Eu perdi... — Envolvo meus braços em volta de mim mesma e soluço... incontrolavelmente no início, até que mãos fortes e quentes envolvem minha cintura, e ele encosta a cabeça na minha, me balançando de um lado para o outro. Os soluços diminuem e respiro fundo. — Ele... Eu não achei que ele poderia ser aquele Drake cruel... nunca imaginei que ele faria as coisas que fez…

— Sssshhhh. — Seus lábios pressionam contra minha orelha. — Não diga mais nada. — Ele me implora baixinho, seus braços apertando.

— Ele me estuprou... — Eu grito, caindo no chão em seus braços.

— Foi como a faca cortando novamente, só que desta vez mais fundo... Esta noite ele pegou o último pedaço de mim que eu segurei. Depois, ele nem olhou para mim.

— Evvie, me escute. — Ele segura meu queixo, me virando para olhar para ele. Eu posso ver seus olhos vidrados com o pensamento de minha dor. — Ele nunca mais vai te machucar! Nunca! — Seus lábios tocam suavemente os meus, um beijo terno que me ilumina por dentro... Nossos lábios se demoram e então sua testa repousa na minha, suas mãos em cada lado do meu rosto. — Eu nunca vou deixá-lo chegar perto de você. — Uma promessa que vai do fundo do meu coração... uma declaração de sentimentos... Foi tudo que eu sempre precisei ouvir.

— Seis semanas depois, Daniel me levou ao hospital, eu fiquei muito doente por semanas... Eu sabia no fundo o que era, só não queria admitir isso... Drake não gostou que eu tivesse saído de casa sem sua permissão. Implorei a ele para não me tocar... implorei que ele me deixasse em paz porque eu estava doente, mas não importava. — Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura, lembrando da dor.

— Eu tentei lutar... tentei nos proteger, mas não adiantou. No final, Daniel invadiu o quarto e arrastou-o de cima de mim. Drake ficou furioso e saiu de casa como um furacão, correndo pelo portão.

Marcus me olha com os olhos cheios de tristeza. — Nos proteger?

— Daniel me ajudou até à estação de trem e me deu o suficiente de dinheiro para desaparecer, mas já era tarde... Eu estava acabada…

— Aquele maldito animal! — Os punhos de Marcus se fecham.

Eu sabia que algo estava errado no momento em que entrei no trem, eu só queria morrer por dentro enquanto estava sentada no chão do banheiro do trem, espremida no minúsculo cubículo por toda a viagem... Eu consegui me limpar e me trocar. — Eu nunca disse a Justin... na noite em que bati na porta dele. Eu não poderia... Nunca poderia dizer a ele. — Eu sei que isso o teria matado por dentro, se ele soubesse, e eu não poderia deixar meu próprio irmão viver minha dor comigo.

— Você nunca mais terá que se sentir sozinha novamente. — Ele me pega em seus braços, me segurando com força enquanto me carrega de volta para a cama. Gentilmente me deitando, ele desliza ao meu lado, puxando os lençóis sobre nós dois.

Sua mão acaricia minha bochecha. — Eu nunca pensei que seria capaz de contar a ninguém... Achei que teria que mantê-lo enterrado para sempre. Você quer saber por que agi como uma garota durona?

— Não é uma atuação, Evvie, agora você é a pessoa mais forte que já conheci. — Ele beija minha testa.

— Não atrás de portas fechadas... ele ainda assombra cada parte de mim. — Eu descanso minha mão em seu peito, seu coração batendo

com raiva sob a minha palma. Posso sentir que ele está lutando contra o desejo de matar alguém. — Algo mudou na noite em que te conheci.

Ele se inclina sobre o cotovelo.

— Naquela noite eu dormi aqui... foi a primeira noite em que não o vi em meus sonhos. — Eu sei que há algo entre nós, algo mais do que qualquer um de nós está pronto para admitir, eu preciso dele agora.

— Evvie, quero tirar toda a dor... Eu nunca vou deixar nada de ruim acontecer com você. — Eu posso ver em seus olhos, agora ele é a única coisa que impede os demônios de me alcançar e, no fundo, sei que estou apaixonada por ele. A cada momento que passa, posso sentir um pouco mais de mim precisando dele.

Ele me puxa para seus braços, me segurando perto, e eu sinto minhas pálpebras ficando pesadas. Quero valorizar esse momento para sempre, essa sensação de segurança em seus braços. Eu me enterro em seu peito, lentamente deixando meus olhos fecharem.

Capítulo Onze

Meus olhos se abrem, peço o lençol, puxando-o para perto de mim e quando me sento na cama, meu coração martela forte contra meu peito. O suor escorre pela minha testa e minhas mãos estão úmidas. Embaralhei fragmentos do meu sonho, juntando os pedaços do que tento esquecer, descansando minha mão na minha barriga por um momento, olhando para baixo, o primeiro reconhecimento de dentro da dor. Algo tão puro criado da escuridão e da dor ainda é puro, ainda sinto a perda tanto quanto qualquer outra pessoa. Respiro fundo, empurrando a dor de volta para a gaiola e jogando a chave fora, essa é a minha dor que ninguém mais pode compartilhar comigo. A percepção de onde estou entra em ação, o espaço ao meu lado vazio e frio, eu olho ao redor do quarto agora mais brilhante à luz do dia.

Eu me levanto, puxando meu short e a parte superior do pijama e me aventuro para fora do quarto - lentamente pelo corredor. De pé no arco, eu puxo o elástico do meu pulso e prendo meu cabelo em um coque, sorrindo enquanto o vejo se movendo pela cozinha, o cheiro divino e instantaneamente fazendo meu estômago roncar de fome. Encostada na parede eu fico olhando - ele está vestindo nada além de uma calça jeans limpa, de banho tomado, sinto o cheiro do gel de banho cítrico daqui!

Há algo sobre um Marcus descalço parado em frente ao enorme fogão que faz meu coração dançar um pouco, sua calça jeans apenas

pendurada em seus quadris, os músculos de suas costas... sua pele bronzeada perfeita... eu mordo meu lábio... com fome.

— Dia. — Eu sorrio quando ele se vira para olhar para mim.

Ele coloca dois pratos na bancada do café da manhã, cheia de bacon, ovos, salsichas - o trabalho completo! Parece e cheira tão gostoso quanto ele. — Dia. — Ele me lança um sorriso atrevido, puxando uma cadeira para mim.

Vou até à cadeira e me sento. — Está delicioso.

— Eu ia levar para você na cama, mas...

— É perfeito, Marcus. — Compartilhamos um olhar, um olhar de compreensão profunda. Depois da noite passada, as coisas mudaram entre nós, algo mudou. Tantas feridas foram abertas, memórias inundadas de volta... minha noite foi assombrada pelo tormento do meu passado, ou talvez fosse porque ele não estava comigo... eu não estava envolta em seus braços a salvo dos monstros.

Vejo quando ele nos serve um café da cafeteira e se senta à minha frente, seus olhos se deslocando entre mim e seu prato de comida.

— Você pode agir normalmente comigo, Marcus. — Eu coloco minha mão na dele sobre a mesa. — Não vou quebrar, você sabe.

Nossos dedos se entrelaçam e a faísca em seus olhos brilha mais uma vez. Ele respira fundo; posso ver que está pensando no que dizer. Eu não queria esse tipo de constrangimento entre nós... Não queria que meu

passado causasse seu sorriso simpático. Não sou uma boneca de porcelana que vai quebrar.

— Como você faz isso, Evvie? — Seu polegar roça minhas juntas. — Como você continua sorrindo depois de tudo?

— Qual é a alternativa? Ficar sentada em um canto pelo resto da minha vida, sentindo pena de mim mesma? — Eu dou outra mordida no bacon, empurrando o resto da comida ao redor do prato, meu apetite desaparecendo de repente. — Foi há dois anos, Marcus, eu chorei e gritei, rezei para que a dor fosse embora. Eu estava com raiva e amargurada com o mundo e todos nele; mas lentamente passei por ele, aprendendo a empurrá-lo para o lado. E funcionou até recentemente.

— Até você vê-lo? — Ele passa a mão pelo queixo.

Eu concordei. — Sim. Desde então, é como... Eu o vejo em todos os lugares, parado bem na minha frente, sorrindo como naquela noite. Coisas estranhas acontecem desde... Eu tenho esse pressentimento. — Tem estado lá no meu interior desde aquela noite, eu sei que ele está apenas esperando... esperando o momento certo para atacar.

— Foi sobre isso que Justin falou comigo ontem à noite - antes de sairmos do clube, ele me disse que precisava verificar algumas coisas. — Ele pega sua caneca de café, tomando um longo gole lento.

— Eu sei que ele está com medo... algo o assustou ontem enquanto eu estava fazendo compras. Um minuto ele estava bem, e então

ele surtou. Há algo que ele não está me dizendo... o que mais ele disse para você?

Ele faz uma pausa - preso entre a palavra do meu irmão e eu. — Ele me disse para ter certeza de que você ficasse aqui por alguns dias. Ele me disse...

— Apenas cuspa fora. — Eu estalo para ele.

— Ele me disse que alguém estava nos observando. Naquela noite no beco? Quando a segurança repassou a filmagem, alguém estava parado na entrada do beco nos observando. — Ele se levanta bruscamente de sua cadeira, pegando os pratos e os coloca na pia, virando-se para mim, ele se inclina contra a pia.

— Você está falando sério? — Eu pulo da minha cadeira andando para cima e para baixo roendo minhas unhas. — Eu sabia que ele estava escondendo algo! — Cubro minha boca com a mão. De repente, não consigo respirar direito, minha frequência cardíaca está acelerando. — Eu preciso ir.

Corro pelo corredor até o quarto, correndo ao redor tentando encontrar minhas roupas, Marcus invade a porta atrás de mim e agarra meu braço. — Você pode parar um minuto? — Ele puxa a bolsa de cima de mim, jogando-a no chão, e ambas as mãos seguram meus braços. — Evvie, olhe para mim.

— Marcus, você não entende... — Tento me afastar dele, mas ele me segura com força. — Eu tenho que sair.

— Você não vai embora! Eu prometi a Justin que iria mantê-la aqui... segura. — Ele solta o aperto, deixando cair as mãos ao lado do corpo. — Olha, ele disse, seria melhor se você ficasse comigo do que em casa. Ele acha que é hora de você ir à polícia e para ser honesto, ele está certo, Evvie! Depois do que você me disse ontem à noite...

— Então, o que meu irmão pediu foi para você me manter trancada na torre de hera e me convencer a ir à polícia? — Eu cerro meus punhos.

Ele esfrega o rosto. — Não foi assim, Evvie não distorça isso. Olha, isso o assustou. Ele está preocupado porra e quer ter certeza de que você está segura. Eu disse a ele que você poderia ficar comigo o tempo que quiser... ninguém sabe onde você está, exceto Justin.

— E o clube? E quando você for trabalhar - você quer que eu apenas fique aqui sentada o dia todo esperando você chegar em casa? — Eu pressiono minha mão em meus quadris.

Foda-se Drake e todos os outros! Não vou deixar aquele bastardo me assustar mais, e não vou ser trancada como uma criança de novo... Foda-se Justin, por esconder isso de mim! O maldito pervertido levaria um chute de ficar nas sombras me olhando... isso revira meu estômago.

— Então por que mentiu para mim ontem à noite? Quando eu perguntei o que meu irmão queria, você mentiu para mim... você me disse que não estava escondendo nada de mim.

Eu caio na cama, sentando na beirada enquanto acalmo minha respiração. Ele caminha lentamente, curvando-se na minha frente e agarra minhas mãos. — Evvie, eu não queria que você saísse correndo daqui no meio da noite... Tínhamos muito sobre o que conversar. Eu só queria manter você segura. Você não consegue ver que é isso que Justin está tentando fazer também?

— Esta é uma forma fodida de começar um relacionamento, Marcus. — Eu coro com meus pensamentos escapando dos lábios.

Um pequeno sorriso aparece em seu rosto. — Então, estamos em um relacionamento?

— Não, eu não quis dizer isso... eu quis dizer...

Ele me interrompe. — Eu sei o que você quis dizer... Estou te provocando… tentando fazer você sorrir.

Seu dedo percorre meus lábios, arrancando-me um sorriso.

— Bem. — Eu dou a ele um olhar sarcástico. — Mas ainda vou matar Justin da próxima vez que o vir - só não esconda mais nada de mim, Marcus, esta é a minha vida... não sua, e não a dele.

Ele se levanta. — Concordo com uma condição. — Eu soltei um suspiro. — E o que é isso?

— Você fica aqui no fim de semana.

Eu inclino minha cabeça para trás, fechando meus olhos. — Bem! — Eu me levanto da cama, caminhando para o outro lado do quarto e

pego minha bolsa de volta. — Agora, se você não se importa, eu poderia tomar um banho.

Ele balança a cabeça abrindo a porta e eu passo por ele, balançando meus quadris para o banheiro, segurando a maçaneta e olho por cima do ombro para ele sorrindo.

Eu fico na frente do espelho do banheiro olhando para o meu reflexo por muito tempo depois do meu banho, repassando os momentos anteriores. Não quero mais ter medo, cansada de me sentir tão sozinha. Ontem à noite parecia que um enorme peso tinha sido tirado de meus ombros, toda a dor que eu carregava, nenhuma sensação suportável. Eu posso entender porque Marcus concordou com Justin... Após sua admissão sobre sua irmã, seria impossível não, só me irrita que nenhum dos dois pôde ser honesto comigo. Ambos sentiram que eu estava fraca demais para lidar com isso.

Fiz uma promessa a Marcus mais cedo e, no fundo, não queria ir embora, de qualquer maneira. É a única parte normal que tenho agora. Estou cansada de viver minha vida do jeito que eu era e se essa coisa com ele levar a mais... Espero que no fundo leve a mais. Só não quero ser aquela donzela em perigo que ele pensa que precisa salvar.

Correndo meus dedos pelo cabelo, eu encaro as raízes castanho-claras que estão prestes a aparecer. Quando saí de Drake, pintei meu cabelo - pensando estupidamente que dificilmente me encontraria, como você vê nos filmes, um disfarce. Mas agora parece um cobertor

confortável, como parte de mim, o vermelho fogo uma capa de super-herói, quando está brilhante me sinto poderosa, mas não sou eu... não é a garota que eu quero ser, a pessoa que me olha no espelho ainda está se escondendo, ainda com medo de sair das sombras.

Um suspiro profundo escapa dos meus pulmões, pegando minha bolsa, destranco a porta lentamente e caminho para a sala, Marcus se senta na cadeira - ele a virou para ficar de frente para a janela. Eu posso ver que ele está imerso em pensamentos, sua mão esfregando o queixo, agora vestindo uma camiseta branca, sua perna descansando sobre a outra. Eu sorrio um pouco, percebendo que ele ainda não colocou as meias.

Coloco minha bolsa no chão e fico na ponta dos pés atrás dele, lentamente cobrindo seus olhos com as mãos. Ele as segura e pressiona seus lábios contra minha pele. — Não achei que você fosse sair do banho. — Ele vira um pouco a cabeça para olhar para mim.

— Perdi-me em pensamentos. — Beijo sua testa e passo os dedos pelos cabelos. — Parecia que você estava perdido em seus próprios pensamentos, não? — Eu o questiono.

Ele me puxa para o lado da cadeira e para seu colo, minhas pernas penduradas para o lado. Ele tira o cabelo solto do meu rosto e, em seguida, pousa a mão no meu pescoço. — Sim, pode dizer isso.

— Acho que nós dois precisávamos de um pouco de tempo para pensar?

Sua mão livre pressiona meu quadril, me puxando para mais perto. — Não… sem mais pensamentos. — Ele se inclina com um simples beijo nos lábios. — Um dia de cada vez, lembra?

Uma pitada de decepção habita por dentro. — Sim, um dia de cada vez. — Antes de ontem à noite eu estava pronta para enfrentar um dia de cada vez, mas agora... Não é o suficiente. Quanto mais tempo passo com ele mais quero, não é apenas sexo - é uma conexão... É um sentimento no fundo do meu estômago quando ele entra na sala, são as borboletas quando ele me beija. É a sensação de estar segura em seus braços.

— Eu estava planejando sair com você durante o dia, mas podemos ficar em casa se você não quiser ir a lugar nenhum? — Ele me tira da distração.

Eu inalo profundamente, precisava de um espaço aberto e um novo ambiente. — Não, estou bem Marcus, acho que nós dois precisamos de um pouco de ar fresco. — Eu dou a ele um pequeno sorriso.

Depois de uma curta viagem de carro, chegamos à vista mais espetacular. Eu nunca vou me acostumar a ficar perto de paisagens tão magníficas. O Sea-Life Centre fica do outro lado da Westminster Bridge, ao lado do London Eye, e eu juro que essa coisa é enorme assim de perto. É a primeira vez que visito este aquário. Estive em outros como o de

Manchester quando criança. É uma merda, na verdade, eu ter vivido em Londres por dois anos e nunca realmente me aventurar pelos pontos turísticos.

Ele para no estacionamento e sai do carro. Pegando minha mão na sua e me guiando pelas portas, o calor dos tanques na entrada me atingindo instantaneamente. Há filas em cada uma das catracas, crianças puxando o braço dos pais e ansiosas para entrar.

Marcus para por um momento em uma porta lateral puxando sua carteira, ele remove um cartão, passa-o e a porta destranca - claro que acabamos de entrar pela entrada dos funcionários! Por que ele entraria na fila como todo mundo?

Ele sorri para uma mulher no longo corredor antes de sairmos por outra porta. Paredes falsas estão em cada lado de nós, com tanques construídos ao redor. Eu olho em cada um, pasma. Mesmo como uma adulta este tipo de lugar ainda me deixa tonta e animada para ver que tipo de peixe está no próximo tanque.

Olho por cima do ombro para Marcus de pé atrás de mim, seus braços cruzados sobre o peito enquanto ele me olha, sorrindo. — Se divertindo?

— Isso deve ser muito chato para você? — Eu me levanto, pegando sua mão enquanto contornamos a esquina e entramos em outro tipo de sala - esta tem tanques abertos, mas baixos. Eu sorrio, observando

todas as crianças ao redor, apontando para os caranguejos e estrelas do mar.

Andamos de mãos dadas observando todas as cenas, Marcus tendo o cuidado de apontar todos os fatos interessantes para mim em seus favoritos. Eu posso ver sua excitação crescendo quando viramos no corredor e o chão é de vidro... chão de vidro sob meus pés.

Marcus se abaixa por um momento. — Esse é Zippy!

Ele aponta para o enorme tubarão nadando bem sob meus pés. Eu pulo por um momento enquanto meu coração bate forte contra o meu peito, de excitação.

— Zippy? — Eu olho para ele com curiosidade.

— Sim. Temos dois *tubarões-tigre*[2], Zippy e Bungle. — Eu assisto com admiração enquanto o enorme predador nada graciosamente sob nós; seus dentes irregulares.

— Você nada com eles? — Eu continuo caminhando até que o piso de vidro termine e estejamos em terreno normal. É perturbador andar sobre as águas!

Ele sorri e acena para mim, posso ver o orgulho em seus olhos, ele realmente os ama.

[2] O ***tubarão-tigre*** (Galeocerdo cuvier) é um tubarão da família dos Carcharhinidae de águas tropicais e subtropicais, encontrado em diferentes ambientes e comum no Nordeste do Brasil. Chega a medir até 6 m de comprimento. É uma das três espécies mais mortais para os humanos.

Entramos em um enorme túnel cheio de vidro ao nosso redor, acima da minha cabeça, tartarugas verdes gigantes deslizam sobre a água. Eu paro de fechar meus olhos por um momento. — Acho que esses são os meus favoritos até agora.

— Sim, eu as amo, você deveria vê-las na selva... É surpreendente. Eu as observei indo para a costa para colocar seus ovos... E ver seus bebês fazendo sua primeira viagem ao mar. — Eu me viro para olhar para ele, um pouco surpresa. — Mesmo?

— Sim, não foram SÓ tubarões, sabe. — Ele ri e agarra minha mão. — Vamos, guardei o melhor para o final.

Meu coração bate contra meu peito enquanto ele tece seu caminho através da multidão de pessoas. Eu sinto a onda de excitação correndo em minhas veias.

Olho para a placa acima - *Pacific Shipwreck*.

À nossa frente existe uma enorme parede de vidro... Pilares de pedra por dentro, vejo tubarões gigantes, todos diferentes, nadando.

— Você vê aquele ali? — Ele aponta para um deitado na areia no fundo. — Ela é Bella... Minha favorita e a maior. Eles são *tubarões-enfermeiro*[3].

[3] ***Tubarão-enfermeiro*** (Ginglymostoma cirratum), também chamado ***tubarão-lixa*** ou ***lambaru***, pode medir até 4 metros de comprimento e atingir os 500 kg. As fêmeas são menores do que os machos e medem entre 1,2 e 3 m enquanto que os machos maduros medem entre 2,2 e 2,57 m. Possui dentes pequenos, mas extremamente poderosos, pontiagudos e todos semelhantes, tanto no maxilar superior como no inferior. O tubarão-enfermeiro ou tubarão-lixa se chama assim por nadar perto do chão como se fosse uma lixa.

— Ela é bonita. — Eu sorrio... sem palavras. Ouvi-lo compartilhar todos os seus conhecimentos detalhados. Adoro o quanto ele é apaixonado por eles, descrevendo cada um, as diferentes raças, qual é a sua comida preferida… ele sabe tudo.

— Você é incrível, sabe disso Marcus? — Eu o paro por um momento, me virando para olhar para ele. — Nunca conheci ninguém tão apaixonado por qualquer coisa antes.

— Eles eram a minha vida... É por isso que gosto de trabalhar aqui, é como se meu trabalho lá não terminasse só porque eu não estou lá. Lugares como este, eles trabalham com o tipo de organização com que trabalhei, ajudando a protegê-los na selva. — Uau... Eu o vejo mudar de uma emoção para a seguinte, animado em um minuto e meio infeliz no próximo. Ele enfia uma das mãos no bolso e a outra para mim.

— Você se arrepende de não ter voltado? — Eu curiosamente pergunto a ele, em voz baixa.

Ele para na saída. Posso ver que ele está pensando. Uma respiração profunda escapa de seus pulmões. — Às vezes. — Ele empurra a porta e uma enorme rajada de vento frio nos atinge. Caminhamos em silêncio até o carro, uma vez lá dentro ele hesita em ligá-lo. — Sinto falta de ser tão livre lá fora, sem restrições ou ordens.

— Você se sente tão enjaulado quanto eles, não é? — Eu poderia dizer... eu senti isso na primeira noite em que ele me contou sobre isso, pude ver isso estampado em seu rosto, a maneira como sua voz geme um

pouco quando ele fala sobre estar lá fora. Sei como é estar preso, amarrado pela corda invisível, sem ter para onde correr.

Ele pousa a mão no volante, virando-se para mim. — Sim, tipo isso.

— Então, o que está impedindo você de voltar? — Eu procuro a resposta profundamente em seus olhos. — O que está impedindo você de fazer as malas e ir embora?

— Não é tão fácil. — Ele gira a chave na ignição.

Quero questionar mais, mas não quero causar nenhum tipo de atrito entre nós, especialmente depois desta manhã. Nosso tempo juntos parece ser repleto de intensidade e grandes emoções. Agora, eu só quero curtir uma noite enrolada com ele, sentada assistindo o pôr do sol e as estrelas brilhando no céu.

A viagem de carro foi curta e, quando entramos no estacionamento, sinto uma pontada de nervosismo. Algo parece estranho, apenas por um momento, mas o suficiente para me fazer notar. Marcus dirige lentamente na curva para sua vaga de estacionamento habitual na parada instantânea... Seu punho fecha com força para o volante e nós dois olhamos para a figura à distância... espreitando na escuridão, as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

Minha respiração acelera, o coração batendo forte contra meu peito. Marcus coloca a mão no meu joelho, seus olhos não deixam a sombra à frente. Ele se inclina. — Não saia do carro! Você me escutou? — Ele lentamente desamarra o cinto e abre a porta.

Pego sua camiseta. — Marcus não... não vá por aí. — Tento puxá-lo de volta, mas ele sai de qualquer maneira, batendo a porta atrás de si.

Sento-me, olhando pela janela enquanto ele lentamente... caminha cautelosamente um pouco mais perto, parando depois de alguns passos... meu coração dispara mais rápido, minhas mãos suam. Eu as esfrego no meu jeans na esperança de secá-las. Meus olhos se fixam na figura enquanto Marcus permanece forte e firme.

A figura avança. Lentamente... agonizantemente lento. Meus olhos fixos.

Marcus se vira para mim por um momento, garantindo que eu fique no carro.

Coloco minha mão no clipe de cinto, pronta para disparar quando surgir a necessidade.

O tempo para… o relógio no painel não se move...

Observo os dois enquanto cada um dá mais um passo à frente, Marcus tira a mão dos bolsos e vejo como ele aperta os nós dos dedos, antes de soltá-los.

A figura avança sob a luz... Eu congelo, meu sangue gelando.

Eu me esforço para soltar o clipe do cinto antes de jogá-lo de cima de mim e pular do carro.

— Marcus! — Eu grito, correndo para o lado dele, agarrando seu braço. Minha mão treme enquanto seguro firme em seu braço.

Ajusto meus olhos. — Daniel?

Capítulo Doze

O ar cresce densamente enre nós três, ainda ficando na frente do carro e ninguém falando. Segurando o braço de Marcus, posso sentir as veias bombeando o sangue violentamente.

— Daniel? — Eu pergunto novamente, quase saindo num sussurro. Ele é a última pessoa que pensei que veria novamente... Não sei se a presença dele é uma coisa boa ou ruim.

Ele fecha um pouco a distância entre nós e Marcus instintivamente me empurra para trás dele, me protegendo do perigo iminente.

— Lamento apenas aparecer assim, Eveline. Podemos conversar em algum lugar um pouco mais... privado?

Marcus range os dentes. — O nome dela é Evvie e você não tem nada para falar com ela! — Raiva percorrendo seu tom. Eu dou um passo à frente... Soltando seu braço.

— Marcus, acalme-se... Está tudo bem. — Eu olho para ele, segurando sua bochecha ternamente, tranquilizando-o, acalmando-o.

— Como pode estar, Evvie? — Ele volta sua atenção para Daniel. — O que diabos você quer?

Daniel solta um pequeno suspiro. — Eu sinto muito. Vim falar com a Eveline... É uma questão de urgência.

— O que quer que você tenha a dizer a ela, diga aqui e agora! — Marcus avança, a centímetros de Daniel. — Depois do que você a fez passar, teve muita sorte, eu ainda não ter colocado você na porra da parede.

Os dois homens se encaram. Eu balanço minha cabeça e pulo no meio - segurando cada mão em seu peito. — Ok, vocês dois... Marcus, Daniel não é o cara mau aqui...

Eu duvido um pouco de mim mesma, questionando por que Daniel estaria aqui de qualquer maneira, para não pensar em como ele me encontrou em primeiro lugar.

Marcus quebra primeiro, virando-se para caminhar na direção do elevador. Eu aceno minha cabeça para Daniel enquanto silenciosamente o seguimos.

Nem olhando um para o outro no elevador, também não consigo encontrar as palavras certas para me acalmar.

— Devo dizer Eveline, que você está muito bem. — Daniel estende o braço para que eu vá antes dele enquanto as portas se abrem.

Marcus invade as portas do apartamento, rapidamente seguido por Daniel e eu antes que feche atrás de nós.

— Marcus, você vai se acalmar um minuto. — Quase imploro enquanto seguro seu braço por um momento. Eu dou a ele um pequeno sorriso - um que tenta acalmá-lo, mas não está funcionando. Posso ver que seu coração está batendo forte contra o peito.

Ele cruza os braços e olha para mim. — Como você pode estar tão calma, Evvie?

— Posso garantir a você, Marcus, que não estou aqui para machucar Eveline de forma alguma. Acredite em mim, se eu estivesse, já o teria feito. Tive muitas chances.

Eu viro minha cabeça para Daniel, olhando-o fixamente. — O que você quer dizer com muitas chances? — Eu me aproximo dele, agora meu sangue corre com raiva em minhas veias. — Quanto tempo, Daniel?

Eu sabia... Porra sabia... ele nem precisava dizer isso.

— Quanto tempo que você está me observando, Daniel?

Marcus passa a mão pelo cabelo, correndo para o meu lado. — Você? — ele pergunta com os dentes cerrados.

— Foi você que meu irmão pegou na câmera... nos observando no beco? — Inclino minha cabeça para o lado. Achei que fosse Drake.

— Eu tinha que ter certeza de que você estava segura Eveli...

— O nome dela é *Evvie*! — Marcus impede Daniel de falar.

— Sinto muito. Evvie.

Pressiono minha mão no peito de Marcus, segurando-o por um momento, tentando nos acalmar. — É melhor você começar a falar, Daniel, e rápido.

— Drake encontrou você... levou muito tempo. Eu pensei que ele tinha desistido, mas não o fez. Uma vez que foi confirmado que era você, ele teve que vir e se certificar. — Ele se recosta no sofá.

— Porquê agora... depois de todo esse tempo? — Eu pergunto a ele, meus braços envolvidos em torno da minha cintura.

Marcus pousa a mão no meu ombro, apertando levemente, me lembrando de que ele ainda está aqui.

— Ele sabe tudo, Evvie! Como você escapou, quem ajudou e... sobre o bebê... ele está esperando por você para levá-la e à criança... — Ele olha para os pés, a vergonha estampada em seu rosto. — Tenho tentado ficar um passo à frente dele, ver como você está, nas últimas três semanas...

Dou um passo para trás, a bile subindo e seguro meu estômago. — Como... — eu limpo minha garganta. — Como ele descobriu? Ninguém sabia. — Daniel fica em silêncio.

Marcus se lança para a frente, investindo contra ele. Jogando Daniel no chão, ele o segura pela gola da camisa. — Ela perguntou a você como diabos ele descobriu... Então, diga a ela ou dê o fora da minha casa! — Ele segura o punho para trás, cerrado e pronto para atacar.

— Sinto muito, Evvie... ele não me deu escolha... — Ele olha para Marcus e bem no fundo dos meus olhos. Eu vejo tudo escrito em seu rosto, seus olhos vidrados de desespero.

Cubro minha boca, chocada, um pequeno grito escapa dos meus pulmões. Traída pela única pessoa em quem pensei que poderia confiar. Ele foi a única pessoa que ajudou quando eu mais precisei. Limpo a lágrima perdida da minha bochecha.

— Por quê? — É a única coisa que eu poderia pensar... por que ele me entregaria para Drake, sabendo mais do que ninguém do que ele é capaz... sabendo o quão sádico seu próprio irmão poderia ser.

Marcus o solta por um momento, forçando Daniel a se levantar.

— Eu não tive escolha, Evvie, você tem que acreditar em mim. — Ele lentamente se afasta de Marcus, empurrando seu aperto. Puxando cuidadosamente sua camisa, sua mão trêmula enquanto revela o círculo perfeito. Empurrando a camisa de volta para baixo, ele respira fundo. — Achei que tinha coberto bem a pista... ele não tinha ideia, até dois meses atrás, ele me chamou ao clube. Estava completamente vazio... apenas nós dois. — Ele faz uma pausa. — Ele sabia que fui eu que te ajudei a fugir naquela noite e o dinheiro que te dei... tudo, ou pelo menos eu pensei tudo.

Ele me olha com vergonha nos olhos.

— Eu nunca vi raiva nos olhos do meu irmão como naquela noite... Ele queria me matar; pensou que eu estava apaixonado por você. Estava convencido de que estava escondendo você todo esse tempo - disse que eu estava fugindo para ver você pelas costas dele.

Dou um passo à frente, minha mão descansando em sua bochecha. — O que ele fez, Daniel?

— Ele me derrubou no chão, investiu contra mim com raiva, seu punho socando meu rosto com tanta força que eu não conseguia ver direito, exigindo que eu contasse tudo a ele. Isso quando ele... levantou-se e riu de mim segurando a arma. Não tive escolha, Evvie, pensei que ele fosse me matar.

Minha mão caiu para o meu lado. — Você disse a ele que eu estava grávida?

Ele desviou o olhar de mim, balançando a cabeça. — Ele atirou em mim mesmo assim.

— Por que diabos você diria a ele algo que só o faria querer encontrá-la mais? — Marcus se intrometeu. — Por que você a colocaria em mais perigo do que já estava... e então você aparece no único lugar seguro que ela tem!

— Não tive contato com ele desde que saí do hospital. Eu tive alguém de dentro me mantendo atualizado. Ninguém sabe onde estou. — Ele agarra minha mão, implorando. — Você tem que acreditar em mim, Evvie... Achei que ele fosse me matar... Pensei que se eu dissesse... Se ele soubesse que você tinha um filho, ele poderia...

— Pensou o quê, Daniel? Achou que ele não poderia me bater pra valer... ou talvez ele não me estuprasse? — Eu empurro seu peito com força. — Bem, adivinhe? Não vai fazer diferença nenhuma! Não há porra

de bebê e, honestamente, estou feliz por ter perdido... Você deu a ele a razão perfeita para nunca desistir de me caçar!

Ele levanta as mãos. — Sinto muito, Evvie, eu não quis dizer...

Eu ando até à porta. Abrindo, olho em seus olhos. — Vá, Daniel.

— Por favor, Evvie, me escute... Eu preciso que você saiba... Ele tem alguém dando a ele informações sobre você.

Eu congelo, minha cabeça girando em confusão. — O que você quer dizer com alguém dando informações a ele?

Ele ajeita a camisa. — Alguém dizendo a ele onde você está e o que está fazendo o tempo todo. — Ele dá um passo à frente. — Eu não sei quem é, ninguém sabe. Não confie em ninguém, Evvie! — Seu último comentário ressoa em mim. Meu círculo é tão pequeno, como posso duvidar de qualquer um deles?

Deixo a lágrima escorrer pela minha bochecha e olho para longe dele. — Apenas saia, Daniel.

— Evvie, por favor, me escute, eu sinto muito...

Marcus fica na minha frente, me protegendo. — Você a ouviu... Saia. Agora!

Prendo minha respiração enquanto ele passa por mim, parando por um momento, mas eu olho para longe dele. Marcus bate a porta enquanto eu fico paralisada.

— Evvie, você está bem? — Ele segura meus braços, esfregando a mão para cima e para baixo, o calor não acalma em nada. Não consigo mais conter o medo e a raiva. Quero gritar e berrar no topo dos meus pulmões, mas não consigo recuperar o fôlego... está começando a acelerar, rápido demais para eu conseguir. Marcus me puxa para seus braços, passando os dedos pelo meu cabelo. Eu grito com a dor invisível...

— Sssshhhh Evvie... só respire. — ele sussurra em meu ouvido, segurando-me apertada. — Tudo bem, querida.

Olho em seus olhos. — Nunca vai ficar bem. Eu nunca vou me livrar dele. — Eu respiro instavelmente. — Ele nunca vai me deixar em paz...

Eu o sinto suspirar. — Talvez seja hora de ir à polícia.

Eu me inclino para trás de seu aperto. — Ele vai me matar! Você não entende...

Ele esfrega a mão na têmpora. — O que é tão difícil de entender, Evvie? O cara abusou de você, manteve você trancada em um minúsculo quarto escuro por dias... Bateu em você... Eu quero rasgar o filho da puta em bocados. — Eu vejo como ele passa a mão pelo cabelo. — Ele estuprou você, pelo amor de Deus! Vá para a porra da polícia!

— Eles não farão absolutamente nada! Você ainda não percebeu? Ele é mais poderoso que a polícia. Merda, alguns são regulares em seu clube... Eu não tenho a porra da chance… nenhuma! Nunca tive. — Jogo minhas mãos no ar.

Ele se inclina contra a cadeira, agarrando meu braço e me puxando para mais perto, com as mãos apoiadas no meu rosto. — Vamos ficar bem, Evvie, eu prometo.

— Marcus, essa luta não é sua... — Eu paro. — Vá embora agora, antes que seja tarde demais.

Ele descansa sua testa na minha e posso sentir seu hálito quente contra minha pele. — É muito tarde para eu ir embora, Evvie.

— Por favor não, Marcus... você só vai tornar isso mais difícil no final. — Eu imploro a ele.

— Não o quê? — Ele sussurra. — Dizer o quanto eu estou apaixonado por você?

Eu soluço, balançando minha cabeça. — Não... Não, você não está. Não diga isso.

— Evvie, eu me apaixonei por você naquela primeira noite.

Envolvo meus braços em volta do seu pescoço. Seus braços estão em meus quadris, me puxando para mais perto. — Aconteça o que acontecer, enfrentaremos juntos.

Outro grito escapa, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto como um rio. Não consigo ver que estão derramando tão rápido. Tudo o que ouço é sua voz suave e sinto seu forte domínio sobre mim. Meu corpo está ficando mais leve. Em seus braços fortes, eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço enquanto ele me carrega para o quarto.

Meus olhos abrem e fecham lentamente, não consigo controlar o soluço.

— Vai ficar tudo bem, Evvie... — Ele me deita puxando seu braço ao meu redor. Mas eu o agarro, puxando-o para perto de mim, enterrando-me nele.

— Por favor, não me deixe... — eu imploro com uma respiração afiada.

Ele me dá um pequeno sorriso e muda seu corpo para o lado, me puxando para mais perto. — Eu não vou a lugar nenhum, amor.

— Marcus, algo ruim está chegando. — Minhas pálpebras ficam pesadas e pisco demoradamente.

Ele acaricia meu cabelo. — Eu sei, baby; nós apenas teremos que estar prontos para isso.

— Por favor, não me deixe ir, — eu confesso, implorando enquanto o cansaço toma conta.

Ele beija minha testa. — Nunca.

Eu me sinto tão traída. Daniel foi meu único salvador, ele me libertou quando eu não tinha mais ninguém. Isso não me impede de sentir pena que ele foi pressionado a tal ponto que não tinha escolha. Tomamos muito cuidado naquela noite em que ele me ajudou. Agora que ele se foi, quero fazer-lhe muitas perguntas.

Fecho meus olhos pela última vez, incapaz de forçá-los a abrir novamente.

— Deixe-a, Drake. Ela teve o suficiente. — Eu ouço Daniel invadir o quarto, a porta se abrindo com tanta força que bate na parede, sua voz uma graça salvadora. Ele agarra o braço de Drake por trás, segurando-o de volta. — Deixe-a só.

Drake empurra Daniel com a mão livre, girando, ele agarra o colarinho da camisa puxando Daniel para perto de seu rosto, rosnando enquanto seus olhos vão de Daniel para mim. — Você tem uma queda pela pequena Evvie de repente, irmão? — Ele joga a cabeça para trás enquanto ri.

Daniel estende a mão, tirando as mãos de Drake de sua camisa, empurrando com força contra seu peito, fazendo-o cambalear para trás. — Não! Eu só acho que ela já teve o suficiente!

Drake dá um passo à frente, agarrando Daniel, empurrando-o de lado. — Ela tem o suficiente quando eu disser que sim! — Sua mão se estende para atacar novamente, eu tento me proteger com meus braços, segurando firme a minha barriga. Posso sentir o gosto do ferro escorrendo pela minha garganta, minha bochecha queima.

Aguardo a dor, mas não acontece. Daniel segura seu braço antes que ele tenha tempo de me bater. — Não! Já chega, Drake! — Ele empurra

Drake contra a parede, com força, o som de suas costas ecoando por toda a sala. — Agora, deixe-a em paz!

Drake encara Daniel por um momento antes de se lançar para a frente, empurrando-o de volta. Daniel tropeça de volta para a cômoda e Drake sorri, levantando o queixo e estufando o peito quase como um pavão, orgulhoso de suas ações... alertando aqueles que estão abaixo dele. Eu me encolho no chão, meu corpo inteiro dobrado perto do meu peito, observando enquanto Daniel pisa na minha frente - um olhar protetor em seus olhos.

— Você não vale a pena... Qualquer um de vocês! — Drake pega a garrafa de uísque da cômoda e corre para fora da sala. Ouço seus passos descendo as escadas e a porta da frente se fechando.

Fico de pé com as pernas bambas, meus braços pretos e azuis, não consigo focar meus olhos no que está acontecendo, minhas costelas latejando de dor. Eu me seguro na cômoda tentando chegar até à porta, respirando pesadamente por causa da dor.

— Vamos Eveline, vamos limpar você. — O braço de Daniel está em volta da minha cintura, me apoiando enquanto manco até o banheiro. — Ele não vai voltar esta noite... Você vai ficar bem.

— Ajude-me, Daniel... por favor? — Eu imploro a ele.

Ele enxagua o pano na água fria antes de limpar o sangue do meu lábio. — Não posso.

— Por favor, — eu grito.

Ele para por um momento, seus lábios trêmulos enquanto minhas lágrimas correm livres, virando-se para longe de mim, ele liga o chuveiro e solta um longo suspiro. — Entre no chuveiro e se limpe.

Vira as costas para mim e sai do banheiro enquanto eu luto para tirar o short e a blusa do pijama, uma dor aguda em meus ombros quando puxo a blusa pela cabeça. Jogando-os no chão, fico sob a água quente, deixando que ela lave a dor. Caindo no chão, eu me seguro com força, soluçando incontrolavelmente, a água batendo nas minhas costas.

Eu levanto minha cabeça olhando para a água caindo e me imagino livre. Rezando para que chegue o dia em que não sinta mais esse tipo de dor. Olho para o meu estômago, minha mão repousa contra ele.

Saindo, enrolo a toalha quente em volta de mim, minhas pernas ainda dormentes de ter sido chutadas. Uma dor aguda no estômago me faz recuar.

Daniel entra carregando algumas roupas limpas para mim e uma bolsa. — Coloque isso. — Ele os passa para mim. — Embalei algumas roupas e coloquei algum dinheiro para você.

Abotoei a camisa que ele passou por mim, olhando para ele confusa.

— Ninguém pode saber que eu te ajudei. Você entende, Eveline? — Ele é a única pessoa que me chama assim, nem mesmo mamãe ou papai. Eles não o fazem desde que eu era uma garotinha. — Eu vou te

levar para a estação, mas é isso. Vou dizer a Drake que você deve ter saído durante a noite, enquanto eu estava dormindo.

Pego a bolsa dele, sorrindo um pouco enquanto aceno. — Obrigada, Daniel.

Ele segura cada um dos meus braços. — Me escute, você precisa ficar o mais longe possível deste lugar, e ninguém pode saber que é o bebê dele... Você me entende?

Prendo a respiração, balançando a cabeça.

— Bom. Vamos, não temos muito tempo.

Ele pega minha mão e me leva para fora da escuridão.

Capítulo Treze

Acordo com uma voz abafada no hall, o som de passos ecoando no piso de madeira. O espaço ao meu lado vazio e frio, meu coração doendo.

Jogo minha cabeça de volta no travesseiro, cobrindo meu rosto com as mãos. A visita de Daniel ontem se repete em minha mente, e ainda estou me recuperando da bomba que ele lançou. Um pequeno pedaço de mim sente simpatia por ele. Ele sabe mais do que ninguém o monstro que Drake pode ser, até mais do que eu, para ser sincera, mas nunca pensei que ele machucaria seu próprio irmão. Não gosto disso.

Estou diante da questão de 'lutar ou fugir'.

Tentei correr e não funcionou... ele ainda me encontrou, e pior, ele acha que estou escondendo seu filho em algum lugar, um pedaço dele pelo qual ele vai lutar com raiva. Ele nunca foi um homem de família, mesmo em nossos primeiros dias juntos, ele apenas falava da família como um fardo, uma âncora que nos prende. Ele era um homem egoísta. Sem tempo ou coração para outros. Não, a única coisa que importava para ele era o poder que possuía, o poder que lhe foi transmitido por seu pai. Ele não mereceu - ele herdou, como uma herança de família.

Claro, ele tinha que provar que merecia, manteve as coisas como estavam, mesma clientela, mesmas regras... era como se ele tivesse entrado nos sapatos de seu pai, e eles eram grandes demais para ocupar.

Daniel sempre teve vergonha do estilo de vida do irmão, ele tinha uma alma gentil, atenciosa, mas sempre fez vista grossa. Eu me pergunto se isso é como era sua mãe - fechar os olhos aos negócios do marido, contanto que ela tivesse uma casa bonita e roupas caras.

Ainda me lembro de ter caminhado naquela casa enorme pela primeira vez, de como estava animada. Aventurei-me em todos os cômodos explorando o jardim, ingênua e estupidamente planejando como faria daquele lugar minha casa, como começaria minha nova vida emocionante com o homem que eu amava... como ele ia me fazer uma estrela. O tempo todo ele ria atrás da grande porta do escritório sobre a garota estúpida que caiu em seus braços e engoliu as mentiras.

Meu estômago revira ao pensar o quão cega eu era. Ele me encheu de presentes, me segurou durante a noite quando eu senti falta da minha família...

— Eles não te amam como eu amo Evvie, eles não te entendem, — ele sussurrava em meu ouvido noite após noite. Isso passou por mim por muito tempo.

Solto um suspiro e jogo as cobertas de volta, odiando-me até por pensar sobre aqueles momentos. Escuto na porta, verificando se Marcus terminou de falar com quem estava momentos atrás. Abrindo a porta

silenciosamente, vou na ponta dos pés para a sala de estar; ele está sentado na cadeira de frente para a janela novamente. Tenho a sensação de que é seu lugar favorito. Cuidadosamente vou para atrás dele, colocando minha mão em seus ombros e os massageio suavemente.

— Você deve deixar esta cadeira aqui permanentemente. — Eu me inclino sobre ele, beijando-o na bochecha, sorrindo.

— Bom dia. — Ele segura minha mão. — Você dormiu bem?

Contorno a cadeira para encará-lo. — Dormi sim, embora teria sido melhor se você estivesse ao meu lado esta manhã. — Eu franzo a testa para ele.

— Não conseguia dormir. — Seu sorriso desapareceu um pouco, posso ver a preocupação em seus olhos.

Volto minha atenção para a vista da janela. — É realmente uma vista linda. Eu posso ver porque você ama isso.

— Sim, é uma boa visão para pensar. — Ele solta minha mão e se levanta da cadeira, quieto e distante. — Quer um pouco de café? Você precisa comer alguma coisa.

Sigo atrás dele, sentando-me no balcão do café da manhã. Eu puxo as mangas do meu cardigã para cobrir as mãos, brincando com o tecido de lã. — Marcus? Está tudo bem?

Ele para o que está fazendo por um momento e se vira para olhar para mim, tentando me dar seu sorriso mais falso, mas posso ver através dele. — Acabei de falar ao telefone com meu irmão.

— Está tudo bem com ele? — Eu dou a ele um olhar preocupado. Ele me disse que raramente fala com sua família desde a morte de sua irmã, e seu irmão mora em Nova York. — Que horas são lá? Deve ser no meio da noite?

Ele cruza os braços sobre o peito. — Sim, 3 da manhã lá. Ele trabalha à noite, então eu sabia que ele estaria acordado. E está tudo bem com ele, eu precisava de um favor dele, na verdade.

Olho para ele com curiosidade.

Ele caminha até onde estou sentada, colocando a xícara quente na minha frente junto com um prato que contém uma fatia de torrada. — Ele tem um chalé em Hampshire. Liguei para ele para ver se podíamos pegá-lo emprestado no fim de semana. Justin arranjou cobertura para você no bar e eu reservei o fim de semana de folga - para ser honesto, eu nunca tiro folga, então meu chefe ficou mais do que feliz por eu usar algumas das minhas férias.

Tomo um gole do café quente. — Marcus, não estou fugindo mais.

— Não estou dizendo para fugir, Evvie. Estou dizendo que precisamos pelo menos nos distanciar um pouco daqui por alguns dias. Veja... Na última noite... você sabe o quão difícil é ver você tão

quebrada. Eu só quero te dar um pouco de paz. Um pequeno fragmento de normalidade.

Uau, de onde veio isso?

— Sinto muito sobre a noite passada, Marcus. — Eu olho para as minhas mãos, elas ainda tremem um pouco, temendo meu próprio sentimento agora.

Ele vem para o meu lado, pegando minhas mãos nas dele, beijando minhas palmas. — Nada disso é culpa sua, Evvie, nunca se desculpe. — Ele acaricia minha bochecha, tentando me tranquilizar.

— É minha culpa você estar envolvido... — Eu confesso, a culpa correndo por mim. Se eu não tivesse sido tão fraca quando se tratava dele, se eu o tivesse rejeitado quando tive a chance... ele não teria que se esconder longe de mim, ele não estaria no tipo de perigo em que eu estou.

Ele segura meu rosto, suas mãos quentes em minhas bochechas. — Nunca se culpe. Estou envolvido porque escolhi estar, e eu escolheria isso uma e outra vez se isso significasse que eu ficaria com você.

Meu coração explode no meu peito com suas palavras.

— Eu não quero que você olhe para trás e se arrependa de uma maldita coisa sobre nós. Nunca. Você me ouve? — Sua testa se apoia na minha, meu lábio treme com sua força.

Fecho os olhos, tentando evitar que as lágrimas perdidas caiam, passei muito tempo com ele chorando. Seus lábios quentes tocam os meus e eu me abro para ele, convidando seu toque suave, dando-lhe as boas-vindas.

Ele para o beijo. — Abra os olhos, Evvie, olhe para mim. — Eu os abro, olhando para os dele. — Eu quis dizer o que disse a você na noite passada, Evvie.

Pressiono minha mão em seu peito, querendo dizer a ele para parar. Para salvar-se antes que seja tarde demais para nós dois. Eu quero ir embora, desligar os sentimentos que tenho por ele, mas não posso. Nunca pensei que fosse possível me sentir assim por alguém, nunca imaginei que poderia...

Mas agora, meu coração está dançando em volta do meu peito, vibrando livremente. Ele me olha de uma forma que deixa todo o meu corpo em chamas e eu não quero nunca me despedir dele. Agora, eu não quero sair do lado dele.

Pode ser rápido demais, e ficamos cegos um para o outro, mas cair é fácil quando se está em seus braços.

— Não consigo imaginar uma vida no meu futuro sem você nela, Marcus. — Minha voz está um pouco trêmula.

Ele dá um passo para trás, sorrindo. — Você não vai precisar, baby. — Ele estende a mão para mim e me gira em seus braços. Beijando meu pescoço. Eu não posso deixar de rir. — Eu amo esse sorriso.

Isso envia um arrepio pela minha espinha, minha nuca formiga quando seus lábios pressionam contra minha orelha.

Eu me inclino para ele, apenas por um momento antes de me afastar, sorrindo enquanto ando para trás. — Oh sim? — Eu mordo meu lábio, segurando a cadeira contra a qual me apoiei. — O quê mais? — provocando-o... esquecendo todas as preocupações que nós dois tínhamos momentos atrás.

Ele cruza os braços sobre o peito, balançando a cabeça enquanto eu rio. A cada passo que ele dá, eu me movo mais um para trás, quase alcançando o corredor. Pressiono minhas costas contra a parede, como um leão em sua presa, ele caminha lentamente ao redor da cadeira com facilidade, aproximando-se, a excitação cresce dentro de mim, a queimação em meu estômago fica mais quente a cada passo que dá.

Pressionado contra a parede, vejo enquanto ele fecha o espaço, o ar entre nós espesso e intenso. Sua mão agarra meu quadril enquanto a outra corre pelo meu cabelo, agora meu pescoço... segurando meu queixo. — Esses olhos... — ele se inclina sussurrando em meu ouvido, seu hálito quente contra minha pele... seus lábios beliscando meu lóbulo da orelha de forma agonizantemente lenta. — Especialmente quando você olha para mim do jeito que está agora. — Sua voz está rouca.

— E como estou olhando para você? — Eu viro minha cabeça enquanto seus lábios descem pela minha garganta. Meu coração dispara contra meu peito, lutando para bombear o sangue com entusiasmo.

Ele para, sua mão segurando meu rosto, seus lábios tão perto dos meus que quase posso prová-lo. — Como se eu fosse a única pessoa que importa.

Parece uma pergunta.

Eu posso sentir sua pulsação contra minha pele, acelerando.

— Agora… — eu pressiono minha mão em sua bochecha, minhas palavras são honestas. — Você é.

Seu polegar roça ao longo do meu queixo e seus olhos queimam nos meus. Quero dizer mil coisas, mas nenhuma delas importa agora - nada importa. Meus olhos dizem tudo.

Às vezes, tudo pode ser dito em apenas um olhar. Nossas ações podem falar mais alto do que palavras.

Marcus está ao meu lado desde o momento em que o conheci. Eu ainda não sei por que de todas pessoas no mundo ele me escolheu, mas estou feliz que ele o tenha feito.

Em meus dias mais sombrios, sonhei com esse tipo de sentimento, agarrado ao pensamento de que um dia minha vida mudaria e meu cavaleiro viria me salvar.

Eu soube no momento em que peguei sua mão e meus dedos o envolveram.

Senti na primeira vez que seus lábios tocaram os meus.

Eu nunca terei o suficiente.

Ele quebra nosso momento.

Liberando seu domínio sobre mim, ele dá um passo para trás, e eu imediatamente odeio o frio contra minha pele.

— Evvie, eu sei que você acha que está se escondendo, mas eu realmente acho que devemos sair daqui, por mais que eu queira trancá-la no quarto no fim de semana, realmente precisamos nos mover. — seu tom quase implorando. — Não podemos caminhar cegos para a próxima situação.

Eu sei que ele está certo. Fui pega de surpresa pela visita de Daniel na noite passada. Cortou profundamente até meu interior; me quebrando em pedaços que mais uma vez Marcus teve que juntar. Não consegui controlar a onda de emoções que me afogou, não consegui mais segurar a parede.

A única graça salvadora até agora era que Drake não tinha nenhuma razão para me caçar, exceto para me querer de volta. Eu estava pronta para essa luta. Mas agora ele está me perseguindo no escuro por uma razão que não existe mais, e quando ele descobrir, fico preocupada com o quão longe ele irá. E desta vez estou convicta de que vou perder mais do que eu... Eu estou preocupada com as pessoas de quem gosto.

Inalo profundamente, dando uma olhada em seu apartamento antes de assentir rapidamente. — Ok, você está certo. Eu preciso ver Justin primeiro.

— Ele está nos esperando lá daqui a meia hora. — Marcus dá me um olhar culpado e eu sei que ele já falou com ele.

— Você já ligou para ele?

Ele concorda.

— Marcus! Ele vai ficar muito preocupado... por quê? — Eu ando para a frente e para trás na sala de estar, puxando o elástico do meu pulso e prendo meu cabelo para cima em um coque bagunçado. Merda! Se Justin souber sobre Daniel e tudo mais, ele vai pirar!

Marcus corre em minha direção. — Ei, escute, eu não contei a ele nada sobre a noite passada... Eu apenas disse a ele que escolhi um lugar para ficarmos por alguns dias. — Ele enfia o cabelo solto atrás da minha orelha. — Pare de se preocupar!

Uma onda de alívio passa por mim. — Obrigada. — Desvio o olhar. — Por não ter contado a ele.

— Não é minha função dizer a ele Evvie, é sua. — Ele abaixa a mão e caminha até à janela, olhando para as ruas movimentadas. A bela vista noturna agora desaparecia. — Escute, eu queria que minha irmã tivesse vindo pedir ajuda, e isso me corta profundamente todos os dias sem saber exatamente o que aconteceu com ela. Eu gostaria de ter apagado tudo, mas não posso. Eu nunca terei encerramento... porque eu não sei o quão sombria foi a vida dela. — Eu vejo seus ombros subirem e descerem, acentuadamente... dolorosamente.

— Se ela tivesse te contado, seria melhor agora? Isso levaria essa dor embora? — Eu ando até ele, forçando-o a olhar para mim, quase me quebra ao ver o brilho de lágrimas em seus olhos. — Você acha que Justin se sentiria melhor sabendo o que você sabe?

Ele olha para mim com tanta tristeza em seu rosto e balança a cabeça lentamente de um lado para o outro. Ele sabe que estou certa. Eu nunca quis que ninguém mais carregasse esse tipo de dor - especialmente meu irmão. Contar a ele cada pequeno detalhe doloroso o quebraria.

— Eu disse ao meu irmão o que eu queria que ele soubesse, tudo o mais são apenas memórias, aquelas que eu ficaria feliz em esquecer, mas infelizmente tenho que carregá-las sozinha.

— Nunca sozinha. — Ele pega minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. — Você não precisa carregá-las sozinha, nenhum de nós precisa.

Capítulo Quatorze

A viagem é longa e silenciosa. Nós estamos muito exautos emocionalmente, nenhum dos dois conseguiu encontrar as palavras certas para falar. Alguns relacionamentos começam como uma tempestade quebrando o céu, outros queimam lentamente como uma vela tremeluzindo na noite. Não sei se Marcus e eu temos algum tipo de futuro juntos. Depois que a chama se extinguir e a tempestade passar - o que resta?

Quando você sai da gaiola e se afasta do perigo, fica por perto para observar o oceano ou faz as malas e parte para a próxima vez?

Depois de deixar o apartamento mais cedo, paramos na minha casa para pegar algumas roupas para o fim de semana. Justin tentou nos questionar, pude ver em seus olhos que ele sabia que estávamos escondendo algo, mas Marcus entendeu porque eu não queria que ele soubesse. Me prometeu que poderia manter isso em segredo. Tanto Justin quanto eu parecemos colocar toda essa pressão sobre ele e a tensão visível em seu rosto - está escrito em seus olhos. Tenho que planejar meu próximo movimento, tentar descobrir o que Daniel disse ontem à noite sobre alguém próximo a mim. Apenas Justin sabe para onde estamos indo e enquanto continuar assim, eu sei que temos alguns dias para descobrir tudo, não apenas Drake, mas um ao outro; para passar alguns momentos preciosos juntos.

Não se trata de fugir e se esconder, mas sim de se preparar...

Eu deveria estar animada para passar o fim de semana inteiro sozinha com ele, trancados no meio do nada juntos, mas em vez disso, era como uma bomba-relógio pairando sobre nossas cabeças. Estamos fazendo uma contagem regressiva até que o monstro ataque.

Eu acordei do meu transe quando sua mão descansou suavemente na minha coxa, o toque aquecendo e honestamente um gesto que eu precisava desesperadamente agora. Eu me viro e olho para ele. Uma mão controla o volante enquanto a outra me tranquiliza. — Estamos quase lá. — Ele sorri para mim.

Olho de volta para a janela para a beleza lá fora. Árvores e campos substituem as ruas movimentadas e edifícios altos, o silêncio calmante. — É lindo.

— Sim, eu amo isso aqui. — Ele vira o carro em uma esquina e sobe uma colina sinuosa. — É já aqui. — Ele aponta para a frente.

Eu observo com entusiasmo quando a pequena casa aparece, uma cerca de estacas envolve o jardim coberto de vegetação - flores silvestres crescendo em todos os lugares. Abaixando a janela, posso sentir o cheiro da grama fresca.

Puxando o carro até o portão, ele solta o cinto e corre para fora do carro para abrir o lado do passageiro para mim.

Olho em volta, notando algumas outras casas espalhadas mais adiante na estrada. — Então, não estamos completamente sozinhos no meio do nada. — Eu ri.

— Bem, a maioria são casas de férias como esta. A loja local fica a dez minutos de carro de volta pela estrada, então sozinhos o suficiente. — Ele enrola o braço em volta da minha cintura, me puxando para o seu lado. — Ninguém vai nos incomodar aqui. — Eu rio, observando-o destrancar a porta, abrindo-a.

No interior encontramos uma escadaria deslumbrante que conduz ao primeiro andar. Ele passa por uma porta lateral e eu o sigo.

— Esta é a sala de estar, através dela fica a cozinha / sala de jantar e no andar de cima o banheiro e o quarto. Não é muito. — Ele enfia as mãos nos bolsos nervosamente.

Eu fico no meio da sala olhando em volta para o espaço aconchegante. Um enorme sofá Chesterfield fica de frente para uma lareira aberta e, em uma das alcovas, uma estante de livros está cheia de livros e, na outra, uma escrivaninha antiquada. Uma mesa de centro fica em frente ao sofá. Todo o mobiliário é em madeira escura e se adapta perfeitamente ao estilo da decoração.

Eu me imagino enrolada naquele sofá em frente à lareira, lendo um daqueles livros empoeirados e meu coração dança. Marcus se arrasta atrás de mim e seus braços envolvem minha cintura. — É perfeito, Marcus.

Ele me solta, beijando-me na bochecha. — Vou pegar as malas, bom trabalho, arrumei alguns suprimentos.

Dou-lhe um pequeno sorriso, observando-o sair pela porta da frente. Aventurando-me na cozinha, minhas mãos trilham sobre a bancada de madeira empoeirada, prendo o cabelo no topo da cabeça e verifico os armários e gavetas por produtos de limpeza.

'Sim' agradeço a Deus, encontrando um monte de sprays e panos de limpeza. Enchendo a pia, eu pulo ao redor da cozinha cantarolando enquanto limpo toda a tampa e depois a mesa. Colocando todos os pratos e copos empoeirados na pia borbulhante agora quente, eu limpo todos eles rapidamente, meus quadris balançando com a batida na minha cabeça, fecho meus olhos para a melodia ecoando em meus lábios.

Sinto sua presença; senti-o entrar na sala parado na porta com a mão no peito me olhando. Eu sabia que ele estava lá antes de me virar.

— O que você está olhando? — Jogo o pano de volta na água, feliz comigo mesma e com a cozinha.

Ele respira fundo. — Apenas admirando a vista e a música. — Ele sorri para mim. Eu realmente amo o sorriso dele. Isso me dá borboletas no estômago. — Eu nunca tinha ouvido essa música antes. O que é isso? — Ele me lança um olhar curioso.

— É um original de Jensen. Cantamos juntos algumas vezes. — Eu sorrio, lembrando da primeira vez que cantei com ele. Meu coração doeu

com a dor nas palavras. Ele derramou seu coração e alma nisso - cada emoção oculta que ele tinha foi escrita na música.

Marcus olha para o relógio e volta sua atenção para mim. — Sabe, eu não te mostrei lá em cima ainda. — Ele me dá outro sorriso atrevido antes de caminhar até mim.

— Sério? Bem, acho que podemos dar uma olhada rápida antes de preparar alguma comida. — Eu pego sua mão enquanto ele me puxa para seus braços.

— De repente, não estou com tanta fome. — Seus lábios acariciam meu pescoço. Provocando-me. — O que você acha de pularmos a comida?

Eu me inclino em seus beijos, minhas mãos ao redor de seu pescoço. — Poderíamos jantar em frente ao fogo mais tarde...

— E uma garrafa de vinho. — Suas mãos agarram meus quadris com força. Ele me leva de volta contra a parede, me prendendo. Uma mão firma em meu quadril, com força, enquanto a outra sobe pela minha blusa, segurando meu seio. Seus beijos quentes queimam minha clavícula. Sinto uma dor ardente na boca do estômago e, de repente, só tenho apetite para uma coisa.

Eu puxo a camiseta sobre sua cabeça, deixando-a cair no chão da cozinha, passando minhas mãos por suas costas macias, sua mão puxa minha coxa para cima e eu a envolvo em sua perna, segurando. Enquanto sua mão empurra sob meu sutiã, circulando meu peito.

Inclino minha cabeça para trás, dando boas-vindas aos seus lábios no meu pescoço. Minhas mãos percorrem seu peito nu e ao redor de seu pescoço. Se não subirmos agora, vamos acabar nus no chão da cozinha.

Coloco minha perna de volta no chão e ele pega minha mão, silenciosamente me guiando pela enorme escada. Duas portas esperam no topo, uma à esquerda e outra à direita. Meu estômago dá um nó de excitação quando ele abre o da esquerda.

Ele sorri enquanto o sigo e meu queixo quase cai no chão. Uma cama de dossel fica contra uma parede de madeira escura, os móveis refletindo o andar de baixo. Fico observando ele tirar os sapatos e depois as meias. Mordo meu lábio observando seu jeans pendurado em seus quadris e seus pés descalços caminhando em minha direção. Isso acende um fogo dentro de mim mais uma vez.

— Sabe, estou realmente começando a gostar dessa imagem, — eu o provoco. Ele para na minha frente.

— E que imagem seria essa?

Dou um passo à frente, minha mão em seu peito, levando-o de volta para a cama. — Você está vestindo apenas um par de jeans. — A parte de trás de suas pernas bate na cama e ele cai para trás, me puxando com ele. Ele me vira para que eu fique embaixo dele. Suas mãos lentamente soltam meu cabelo do cacho, meus cachos bagunçados caindo livremente ao meu redor.

Sua mão quente desce pelo meu pescoço, roçando minha clavícula, lentamente, meu corpo desmoronando com cada movimento agonizante. Seus lindos olhos verdes brilham com desejo ardente. Um olhar que aprendi a adorar.

— Linda. — Seu tom fraco em meu ouvido envia um arrepio pela minha espinha. Ele paira sobre mim, inclinando-se em uma mão enquanto a outra roça sobre a cicatriz no meu quadril. Eu agradeço o toque.

Não há um som ao nosso redor, apenas o doce silêncio entre nós. Minha mão toca levemente sua bochecha. Seu cabelo cai sobre os olhos, apenas um pouco, mas o suficiente para eu correr meus dedos, puxando seus lábios para encontrar os meus.

Ele puxa a parte de baixo da minha blusa, erguendo-a no meu corpo. Eu arqueio minhas costas, dando mais espaço para removê-la. Envolvendo minhas mãos em volta do seu pescoço, puxo seus lábios perto dos meus. Sorrindo, eu nos viro sentando totalmente em seu colo, minhas pernas em volta de sua cintura.

Ele se senta, uma mão em volta do meu pescoço enquanto a outra escova pelo meu corpo, segurando meu seio. Ouço a respiração áspera escapar de seus pulmões, e meu peito pega fogo; as profundas e latejantes respirações fortes. Eu preciso de seu toque - desejo isso.

É como um vulcão esperando para entrar em erupção.

Envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, uma mão se acomoda nas minhas costas, me segurando perto enquanto sua outra mão

massageia lentamente meu seio, posso senti-lo endurecer contra meu sexo, aumentando as chamas. Beijo seu pescoço, provocando-o enquanto minha língua trilha para sua orelha, mordiscando um pouco. Seu aperto nas minhas costas aumenta.

— Evvie. — Seu tom implora contra o meu ouvido e em um movimento rápido ele me empurra de volta para a cama agora na parte inferior da cama, ele paira sobre mim puxando, desabotoa minha calça jeans descendo-as pelos meus quadris, acariciando minhas coxas no processo. Seu olhar não deixando o meu, o leve brilho em seus olhos faz minha cabeça flutuar nas nuvens.

Antes que eu tenha a chance de piscar, minha calcinha de renda preta é a próxima a ser jogada do outro lado do quarto enquanto ele se levanta e desabotoa sua própria calça jeans, ficando em nada além de sua cueca boxer preta, firmemente ajustada em seus quadris. Eu mordo meu lábio, olhando para sua protuberância implorando para escapar... Isso deixa minha respiração excitada e errática.

Aninhando-se de volta entre minhas pernas, sua mão alcança minhas costas e em um movimento rápido, ele abre o sutiã combinando e o joga lentamente.

— Você é linda pra caralho, Evvie! — Seu corpo se eleva sobre o meu e pressiono minha mão contra seu peito, sentindo seu coração selvagem acelerado contra o meu toque.

Eu saboreio a sensação de seus dentes seduzindo meu mamilo, puxando e pastando sobre a pele. Sua outra mão rasteja pelo meu lado, parando no meu quadril por um momento, seus dedos acariciando a parte interna da minha coxa, provocando o local que eu quero tanto que ele toque. Mudo meus quadris sob ele.

Eu jogo minha cabeça para trás, empurrando contra os travesseiros macios enquanto seus dedos circulam meu sexo.

Me empurrando.

Me possuindo. Tento recuperar o fôlego contra seu toque, mas não consigo...

— Olhe para mim, Evvie. — Ele afasta a mão... Abro meus olhos, observando-o beijar lentamente minha barriga... ele faz uma pausa na cicatriz... passando sua língua ao longo dela.

Ele se coloca entre minhas pernas. Uma mão pressiona contra meu estômago, enquanto a outra agarra minha coxa com força.

Eu suspiro quando seus lábios pressionam contra minha pele já sensível...

Beijos suaves de borboleta me empurrando para mais perto do limite. Agarro o lençol.

Sua língua trilha quente e úmida contra minha pele, meu corpo derretendo. Eu nunca soube que algo poderia ser tão bom.

— Marcus... — eu imploro, minha voz rouca. Sinto meu corpo explodir por dentro... mas ele para. Meus olhos estão turvos do momento quase celestial, e uma brisa fria lava sobre meu corpo quente.

Eu vejo enquanto ele procura em seu bolso. Sorrindo, ele puxa um preservativo. Tirando sua boxer, ele rasga o pacote com os dentes. Senta-se na beira da cama, de costas para mim e empurra o látex sobre seu comprimento antes de pairar em cima de mim.

— Diga meu nome de novo... — As costas de sua mão acariciam suavemente minha bochecha.

Eu olho em seus olhos por um momento. — Marcus... — ecoa em meus lábios enquanto envolvo minhas pernas em volta de seus quadris, levantando-os para encontrar os dele. Implorando para ele terminar o que começou.

Minha cabeça gira com desejo, enquanto suas mãos trabalham em meu corpo, eu me contorço e cresço sob seu toque ardente. Ele afunda dentro de mim e eu grito de prazer enquanto ele empurra cada vez mais fundo.

Não consigo pensar direito... minha mente vagueia acima das nuvens com seus movimentos lentos e sedutores.

É lento e profundo... significativo... não apenas sexo.

Eu me agarro em sua bunda, prendendo minhas unhas profundamente em sua pele, tentando recuperar o fôlego, ofegando por ar.

Minhas pernas tremendo a cada movimento lento... levando meu corpo até ao limite. — Marcus... — Eu olho profundamente em seus olhos.

Não sei como, mas de repente, em um piscar de olhos, estou sentada em seu colo, minhas pernas agora ao seu lado... suas mãos segurando minhas costas.

Eu grito quando ele vai mais fundo... Não sei quanto tempo mais eu posso aguentar... está levando tudo o que tenho para não tombar no limite. Nossos corpos balançam no mesmo ritmo...

Mais devagar.

Mais profundo.

Levando nós dois ao êxtase.

— Evvie... — Seus dedos cavam em minha pele em chamas e eu me inclino um pouco para trás quando o prazer assume, ele lateja contra meu interior com um último impulso... Uma respiração longa e áspera escapa de nós dois.

Diminuímos a velocidade até parar.

Apegando-se à realidade e um ao outro.

Sua cabeça se inclina contra meu peito gotejante de suor. Respirações engatadas deixam nossos pulmões.

Olhando para cima, ele segura minha bochecha com uma mão trêmula, seu polegar arrastando meu lábio. — Eu te amo, Evvie...

As palavras fazem meu lábio tremer. Eu quero dizê-las também...

Eu as sinto... Eu sinto tudo.

Ele puxa minha cabeça para mais perto, descansando minha testa na dele. Nossa respiração está mais lenta agora.

Eu imploro que meus lábios ecoem as palavras para ele... para admitir todos os malditos sentimentos que percorrem meu corpo... Meu cérebro diz para não, para não cair para outro.

É tarde demais. Eu o amo.

Com cada fodido osso do meu corpo, eu o amo. Marcus nunca será Drake...

Fecho meus olhos, tentando encontrar aquelas três palavras que eu quero tanto dizer a ele... para dizer a ele como me sinto... minha mão repousa em sua bochecha.

Estou com muito medo de dizer isso, muito ferida para confiar que meu próprio coração poderia amar novamente.

Muito quebrada para acreditar que mereço.

O amor não deveria ser dado tão facilmente. Um coração é uma coisa frágil. Eu não acho que o meu sobreviveria a outra ruptura. No fundo, sei o que sinto por ele, mas se disser em voz alta, sei que nenhum de nós jamais seria capaz de sobreviver ao que está por vir.

Ele me salvou da escuridão. Me deu vida novamente.

Eu não quero ser aquela que o destrói.

Capítulo Quinze

Ficamos nos braços um do outro por um longo tempo. A trilha de suas mãos suaves para cima e para baixo nas minhas costas, me acalmando. Cada vez que olho em seus olhos, posso ver um brilho de decepção.

Ele só disse essas palavras por causa do momento de abalar a terra que acabamos de compartilhar, como uma reação automática, ou ele quis dizer isso?

Lentamente desenganchando seu braço da minha cintura, ele se estica ao meu lado. — Você está com fome? — ele pergunta, olhando para mim.

Meu estômago responde instantaneamente à sua pergunta. — Morrendo de fome.

Ele verifica seu relógio por um momento e tira a coberta de nossos corpos nus emaranhados. — Venha, vamos invadir os suprimentos de comida. — Ele balança as pernas para fora da cama, puxa a cueca boxer e passa as mãos pelo cabelo emaranhado de sexo. Posso ouvir seus pés andando na ponta dos pés pelo piso de madeira, parando na porta e me dando um sorriso atrevido antes de sair do quarto.

Pegando o cobertor do final da cama, eu me envolvo nele antes de vasculhar a bolsa em busca do meu short e blusa. Tento domar meu

cabelo para trás, mas em vez disso decido deixar o elástico na cômoda, prendendo o cabelo atrás das orelhas e me enrolando de volta no cobertor.

Dando cada passo devagar, desço as escadas, ouvindo-o vasculhar a cozinha - reclamando e bufando para si mesmo. Eu não posso deixar de rir enquanto estou na porta olhando para ele.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, fazendo-o pular com a minha presença.

Ele se vira com uma enorme tigela de metal em uma das mãos e um pacote de ovos na outra, dois ovos quebrados espalhados pelo chão a seus pés. Pressiono minha mão contra meus lábios, tentando esconder minha diversão.

Uma carranca infantil surge em seu rosto. — Eu ia fazer uma omelete.

— Está bem. — Eu entro na cozinha, — E a bagunça é por quê? — Eu sorrio para ele, pego o pacote de ovos de sua mão e os coloco ao lado.

Espelhando meu movimento, ele coloca a tigela na mesa e encolhe os ombros. — Fiquei confuso... — Ele olha para seus pés, agora cobertos em ovos crus. — Estava tentando encontrar a receita no meu celular e deixei cair a caixa de ovos.

Eu removo o cobertor ao meu redor e o coloco sobre a cadeira. — Vá se limpar e separar o fogo, vou ver o que consigo arranjar. — Eu

vasculho a sacola de comida que ele trouxe; procurando ingredientes para fazer uma omelete decente.

Sorrindo para mim mesma, bato os ovos, o queijo e a salsa em uma tigela, enquanto ele tenta limpar a bagunça do chão.

— Vá pular no chuveiro, eu vou resolver isso. — Eu o repreendo por estar sob meus pés enquanto tento separar os tomates.

Beijando-me na testa, ele joga a toalha na mesa. — Serei muito rápido.

Balanço minha cabeça, observando-o correr para fora da porta e subir as escadas.

A água começa a correr no cimo da escada e pego a frigideira do armário, lutando para acender o fogão a gás. Finalmente consigo, aplaudindo para mim mesma.

A água para de correr e posso ouvir seus passos na escada, chegando mais perto a cada passo. Em vez de entrar na cozinha, ouço enquanto ele entra na sala de estar.

Jogo os tomates em uma tigela com um pouco de óleo e salsa enquanto a omelete cozinha na frigideira. Procurando alguns copos no armário, coloco-os sobre a mesa com a garrafa de vinho que Marcus trouxe conosco.

Recuando, sorrio para mim mesma e despejo o vinho em cada taça, antes de caminhar para a sala de estar. As cortinas estão fechadas e a iluminação da sala diminuiu para quase escuridão.

A única coisa que brilha qualquer tipo de luz é proveniente do brilho vermelho do fogo e das velas acesas na mesa, que eu noto que Marcus mudou para o lado da sala e empurrou o sofá um pouco para trás para deixar espaço suficiente para o tapete creme fofo para se sentar em frente à lareira. Meus dedos do pé se enrolam e meu estômago dá um nó com uma sensação de paz de como o quarto parece romanticamente feliz. É perfeito.

Eu o observo por um momento, sentado em frente ao fogo em um par de shorts, sem perceber que estou parada na porta, olhando para a chama. Vejo suas costas se moverem lentamente com cada respiração profunda que ele dá, suas pernas puxadas para o peito e seus braços em volta delas, segurando-as com força.

Não quero separá-lo de onde quer que sua mente tenha vagado, mas nossa comida está esfriando. Um pequeno puxão de culpa puxa meu coração enquanto eu rastejo para a frente, o piso sob meus pés rangendo quando estou sobre ele, fazendo com que ele gire a cabeça rapidamente para olhar para mim sorrindo.

— O jantar está pronto. — Minha voz ecoa suavemente pela sala.

Fico observando enquanto ele pula de pé, passando a mão pelo cabelo. — Ótimo, estou morrendo de fome.

— Abriu o apetite? — Eu rio seguindo ele na cozinha.

Ele puxa a cadeira, um olhar surpreso em seu rosto pelos pratos e vinho colocados na mesa. — Evvie, isso é...

— Só uma omelete. — Eu coro sentando em frente a ele, tomando um gole do meu vinho.

Prendo minha respiração ao vê-lo dar uma mordida, meu coração nervoso, mas o sorriso em seu rosto e os ruídos vindos de seus lábios me dizem que ele está gostando.

— Isso é delicioso! — Seus olhos brilham.

Posso sentir minhas bochechas corarem um pouco com seu elogio. — É apenas uma omelete, Marcus, — eu gesticulo.

— Evvie, não se interrompa em um elogio, é incrível. — Ele dá outra mordida.

Eu me pergunto se isso é o que nosso normal poderia ser, poderíamos sentar à noite, compartilhando uma refeição juntos - sem preocupações ou medos pairando sobre nossas cabeças, sem cargas de culpa batendo na porta.

Há muito tempo eu esperava poder ter apenas um pedaço desse tipo normal de amor... sim, eu disse isso agora... incondicionalmente, seu nome está escrito profundamente em meu coração. Como esculpir um nome em uma árvore quando adolescente, seu nome está gravado bem dentro de mim.

Então, por que não posso dizer em voz alta?

Estou tão fodida que aceitaria o amor de outra pessoa e não o retribuiria, não compartilharia essas três pequenas palavras, que quando separadas é insignificante, mas inteiras, elas são tudo? Meu problema é simples, quando os hematomas estão desaparecendo e os ossos reparados, as palavras não têm sentido, quando são ditas como uma frase passageira, elas perdem a faísca e se transformam em nada.

Drake usou essas palavras da maneira mais cruel. Isso me convenceu de que eu nunca iria deixá-las fluir dos meus lábios.

Mas eu sinto amor...

Sinta o significado das palavras, as borboletas, meu coração batendo forte contra meu peito quando ele olha para mim, minha pele formigando com seu toque - eu sinto tudo.

— Você não está com fome? — Sou puxada de meus pensamentos profundos por sua voz. Olho para cima e percebo que o prato dele está vazio e estou apenas empurrando a comida com o garfo.

— Na verdade, não. — Coloco o garfo no prato e me levanto, recolhendo o prato vazio e levando para a pia.

— Deixe isso por esta noite. — Ele enrola as mãos em volta de mim por trás, me segurando forte assim como na primeira noite em sua varanda, descansando o queixo no meu ombro, sua respiração quente contra a minha pele.

Descansando minhas mãos nas dele, inclino minha cabeça um pouco para trás, meus olhos fechados, capturando os minúsculos momentos imperturbáveis que compartilhamos juntos, escondendo-os.

— Venha, vamos pegar este vinho e nos aconchegar em frente ao fogo. — Ele pega a garrafa e os copos da mesa e sai para a sala, parando na porta para onde se vira, esperando por mim.

Lentamente sigo seu exemplo, a sala me dando borboletas mais uma vez. Marcus se senta no tapete fofo em frente ao fogo, dando tapinhas no espaço ao lado dele.

Pego o copo que ele estende para mim e, sentando-me, enrolo-me bem perto dele. — Isso é perfeito, Marcus. — Eu olho para ele, sorrindo.

Colocando seu copo na mesa atrás de mim, ele descansa a mão na minha bochecha, olhando intensamente nos meus olhos. — Você é perfeita, Evvie.

As palavras fazem minha pele pegar fogo, minhas mãos tremem um pouco e quase deixo cair a taça.

Ele tira a taça de cima de mim sorrindo e a coloca na mesa ao lado dele. Ambas as mãos seguram meu rosto e lentamente estou sendo empurrada suavemente nas minhas costas, o tapete macio e macio sob a minha pele.

Virando minha cabeça um pouco para o lado, eu olho em seus olhos, estendendo meus dedos para tirar o cabelo de seu rosto. — Eu não

mereço você... — as palavras escapam dos meus lábios antes que eu tivesse tempo de pensar sobre elas.

Ele segura meu pulso, tristeza estampada em seu rosto. — Nunca pense assim.

Prendo minha respiração enquanto ele pressiona lentamente minha mão em seu peito, sua mão segurando a minha no lugar em seu coração. — Você sente isto? — Eu fecho meus olhos, a batida forte de seu coração contra minha palma fazendo meu próprio coração bater mais forte. — Bate tão forte por você... por causa de você.

— Abra os olhos, Evvie... — Ele carinhosamente passa o polegar pela minha bochecha. — Olhe para mim.

Meus olhos se abrem lentamente, minha mão ainda pressionada contra seu peito, um baque constante contra minha mão. — Eu quis dizer o que disse. — Seu lábio se curva um pouco para o lado. — Eu te amo, Evvie...

— Marcus não... por favor. — Eu imploro, tentando desviar o olhar, mas ele levanta meu queixo, virando minha cabeça para olhar para ele novamente.

— Não o quê? Dizer o quão incrível você é, que meu coração dispara quando você olha para mim com aqueles olhos fodidos? — Seu polegar percorre meus lábios. — Ou dizer o quanto eu amo beijar esses lábios carnudos e rosados... — Inclinando-se, seus lábios pressionam contra os meus... mal tocando.

Eu olho para minha mão em seu peito, então volto para ele. — Eu arrastei você para o perigo, Marcus. — Posso sentir seu coração acelerado.

— Não, você não arrastou, Evvie. No momento em que peguei sua mão, fiz minha escolha... e faria tudo de novo. — O único som na sala é o crepitar do fogo. Nossos olhos se olham.

Uma lágrima escapa em cascata pela minha bochecha, dançando na minha pele, eu tento segurar quando seu polegar a afasta, meus lábios tremem quando ele deposita beijos doces onde a lágrima deixou sua marca. Um nó se forma na minha garganta.

— Eu disse a você tudo o que sinto... Eu me sinto bem com você; nunca terá que ficar sozinha. — Sua mão se curva em volta do meu pescoço, puxando-me para seus braços, moldando meu corpo ao dele. Eu pressiono minha cabeça contra seu peito enquanto seus dedos correm pelo meu cabelo. — Deixe de lado tudo isso, Evvie.

Fecho meus olhos, fazendo exatamente o que ele me disse para fazer.

Deixo tudo ir.

Não tenho mais nada a dizer, nenhum segredo enterrado dentro de mim.

Não há mais memórias dolorosas para esconder.

Marcus pegou tudo.

Capítulo Dezesseis

Fiquei acordada a maior parte da noite, a culpa pesando sobre mim como um manto grosso. Eu podia ver a sugestão de decepção em seus olhos quando ele se aninhou em meu pescoço e adormeceu. Sua mão descansou no meu peito a maior parte da noite. Tentei dormir, implorei.

Vejo o sol nascer pela abertura nas cortinas grossas esta manhã, minha mente discutindo amargamente com meu coração.

Virando de lado, eu o observo enquanto empurra o cabelo solto de seu rosto, meu dedo traçando ao longo do lado de seu rosto e ao longo de sua mandíbula, fazendo-o franzir um pouco o nariz.

Eu o vejo dormir feliz, meu coração doendo.

Cuidadosamente jogo as cobertas de cima de mim, silenciosamente saio da cama e caminho para o banheiro, trancando a porta atrás de mim.

Ligando o chuveiro, entro na água quente fumegante, deixando-a molhar minha pele suada. Desejei que meu passado não me assombrasse, rezei para poder viver uma vida normal e feliz, desejando ter conhecido Marcus muito antes de qualquer merda virar meu mundo de cabeça para baixo, mas nada se tornou realidade.

Nada na minha vida agora é fácil, nunca foi. Tento permanecer forte, minha parede construída para resistir a qualquer tempestade que

vier em minha direção. Estou cansada de me sentir tão sozinha, farta de ser a vítima, incapaz de seguir em frente com minha vida.

Solto um pequeno suspiro.

Como nossa vida seria diferente se pudéssemos apenas viver uma vida normal, se ele não precisasse arriscar sua própria vida pela minha. Como seria fácil amar incondicionalmente.

Quero contar muito a ele, revelar tantas esperanças e sentimentos, mas algo ainda me impede. O tempo nunca estará do nosso lado. Passei muito tempo com pessoas que me machucaram e ainda mais tempo me escondendo. E agora, olhando para trás, perdi muito dele... roubado de mim.

Drake é o único horror que nunca poderei superar, a única memória que nunca perderei. Mesmo em meu último suspiro, ele ainda estará em minha mente.

Tenho andado em preto e branco por tanto tempo, agora Marcus injeta um pouco de cor na minha vida. Temo que vou perder isso... perdê-lo.

Desligando o chuveiro, pego uma toalha da grade e a enrolo bem em volta de mim, deixando escapar um suspiro áspero enquanto olho meu reflexo no espelho.

'Apenas relaxe Evvie.' Eu digo a mim mesma, empurrando os medos de lado.

Destrancando a porta, volto para o quarto, sorrindo, pois ele ainda está dormindo onde o deixei. É o mais longo tempo que o vejo dormir. Em todas as nossas noites juntos, sempre acordei com uma cama vazia. Eu sinto que a sombra que paira sobre mim o deixa nervoso, noites sem dormir e se preocupa em mantê-lo acordado à noite.

Eu me visto, tomando cuidado para não acordá-lo para que ele possa dormir mais alguns minutos. Trançando meu cabelo molhado, eu o deixo cair sobre meu ombro.

Inclinando-me sobre ele, pressiono suavemente meus lábios nos dele. — Bom dia, — eu sussurro. E sento-me na beira da cama, tirando o cabelo do rosto, vendo seus olhos se abrirem lentamente.

Ele estende os braços sobre a cabeça, arqueando o corpo todo. — Eu poderia me acostumar com isso.

— O quê? — Eu questiono.

Ele se senta um pouco na cama, puxando o travesseiro para trás. — Vendo esse sorriso quando abro os olhos. — Seu polegar segue meus lábios.

— Foi realmente bom acordar com você ainda dormindo ao meu lado, para variar, em vez de um espaço frio, — eu admito.

Ele enrola minha trança em torno de seus dedos, puxando-a para que eu me incline para baixo, meus lábios pressionando nele. — Algo com o qual poderíamos nos acostumar e algo que devemos praticar mais. — Ele sorri.

Olho para baixo por um momento. — Marcus. — Eu pressiono meus dedos em meu pulso, afastando a ansiedade. — Sobre a noite passada... — Ele percebe meu desconforto e pousa a mão na minha. Me relaxando instantaneamente.

— Não, Evvie. — Ele se senta totalmente, suas mãos segurando as minhas. — Você não precisa dizer nada.

Meu estômago dói para explicar a ele, para fazê-lo entender meus verdadeiros sentimentos, suas palavras apenas intensificando a culpa. — Não é que eu...

Seu dedo pressiona contra meu lábio, me parando. — Eu entendo Evvie, confie em mim.

Eu confio, completa e totalmente com cada fibra do meu corpo, eu confio nele completamente.

Sorrio para ele, sabendo que compartilhamos um entendimento. Não preciso dizer as palavras para senti-las. Na noite em que ele me disse para segui-lo, eu era dele, de corpo e alma, quando ele me segurou em seus braços naquela mesma noite, eu sabia no fundo.

Cada momento que compartilhamos desde então selou nosso destino, a nuvem negra que pairava sobre nós lentamente se aproximando, e temo que, quando tudo acabar, ainda sentiremos o mesmo? Depois que eu não for a donzela em perigo, ele ainda vai querer ficar comigo?

Ele pressiona sua mão contra minha bochecha, quase lendo minha mente. — Sim. — Ele beija minha testa, com as duas mãos agora em cada lado do meu rosto. Ele olha profundamente nos meus olhos. — Não importa o que aconteça, sempre vou querer estar com você. — Sai quase num sussurro.

Não sei como ele sempre sabe o que estou pensando ou como me sinto, mas sempre encontra as palavras certas para dizer, respondendo às perguntas que eu nem sei que tenho. Nunca me dando tempo para pensar.

— Eu disse que não vou deixar você ir. — Ele me puxa para baixo ao lado dele, joga a coberta sobre nós e envolve seus braços em volta de mim, me segurando com força.

Meu telefone vibra na mesa de cabeceira, me trazendo de volta à realidade. Alcançando-o, eu o pego, percorrendo as mensagens, uma de Justin e outra de Jensen.

Justin: apenas verificando mana.

Solto um suspiro e rapidamente digito uma resposta.

Eu: ótimo, está tudo bem aqui. Eu falo com você mais tarde. xx

Ele responde instantaneamente com uma carinha sorridente. Meu irmão nunca gostou de enviar mensagens de texto, ele preferia me irritar por telefone. Clico no nome de Jensen. Ao ler a mensagem, um sentimento estranho toma conta de mim e me sento para lê-la novamente.

Jen: Evvie, me ligue assim que receber esta mensagem, algo estranho está acontecendo com Dec! Me ligue o mais rápido possível.

Eu pulo da cama. — Algo está acontecendo com Jensen e Dec.

— Marcus se senta na cama, passando os dedos pelos cabelos.

— Quem é Dec? — ele pergunta confuso.

— Cara novo no bar, alto e magro? Um pouco emocional? — Eu explico. Pressionando o botão verde de toque do meu telefone, coloco o telefone na orelha, roendo as unhas ansiosamente.

— Oh, você quer dizer o cara que estava interrogando você na porta outro dia? — Ele balança as pernas para fora da cama, esticando os braços no ar.

Algo não parecia certo com Dec. Eu juro que ele estava discutindo ao telefone quando saímos do bar na outra noite.

Eu me levanto andando pela sala esperando Jensen responder. Marcus vem por trás de mim, apoiando as mãos nos meus ombros - massageando-os para acalmar meus nervos. Ele pode sentir a preocupação enquanto mordo a unha. O telefone eventualmente vai para a secretária eletrônica. Jogando-o na cama, esfrego meu rosto com a mão.

— Algo não parece certo Marcus, talvez devêssemos voltar? — Eu descanso minha mão em meus quadris, meu pulso aumentando enquanto penso em tudo.

— Se você estiver realmente preocupada, podemos fazer as malas e voltar, mas eu realmente não acho que haja necessidade. — Marcus dá um passo à minha frente segurando minhas mãos, com um olhar reconfortante no rosto.

Eu sei que algo não está certo. Eu sinto isso na boca do estômago, algo que Daniel disse ressoa em mim. — Você se lembra do que Daniel disse...?

— Ele disse um monte de coisas, Evvie, muito se você me perguntar, porra. — Marcus tinha raiva em seu tom. Posso dizer que ele ainda estava chateado com isso.

— Não, quero dizer quando ele disse que Drake tem alguém lá dentro? — Eu paro antes que o momento da lâmpada acenda. Marcus teve a mesma reação instantânea que eu. Corro pela sala recolhendo meus pertences e os jogo na minha bolsa. No mesmo momento, meu telefone vibra na cama, correndo e eu o pego, o pânico passando por mim.

Eu olho para Marcus antes de responder. — Jensen? — Eu questiono, andando pela sala.

— Vou empacotar tudo lá embaixo e carregar o carro. — Marcus corre, me beijando na testa antes de pegar minha bolsa e descer as escadas.

— Ei, Evvie. — Sua voz carrega um tom preocupado. — Está tudo bem?

Eu o ouço soltar um suspiro. — Não. — e outro. — Algo estranho está acontecendo com Dec.

— O quê? — Eu pergunto. Às vezes, lentamente, você pode sentir as peças do quebra-cabeça se encaixando. As perguntas que ele estava me fazendo, eu pensei que ele era apenas amigável, um pouco fofoqueiro, talvez.

— Ele tem agido de forma estranha desde que você saiu... — Ele faz uma pausa por um minuto. — Como perguntar onde você foi, o endereço...

— Merda! — Eu franzi a testa. Daniel estava certo.

— Sim, mas ontem à noite quando saímos do clube, ele estava falando com alguém no telefone, ele parecia assustado... Então ele tem recebido um monte de mensagens em seu telefone, e quando voltamos para sua casa, eu dei uma olhada rápida. Evvie...

Eu me afasto da janela, meu coração acelerando, esperando por mais. — O quê Jen?

— Evvie, olha, não se preocupe, eu falei com Justin...

— Porra, Jensen, diga-me.

Há uma pausa silenciosa. — Ele tem mandado mensagens de texto para alguém sobre você.

Eu paro no meio da sala; as paredes se fechando sobre mim. Meu coração bate forte contra meu peito.

— Quem? — Tento não gritar com ele, mas minha pergunta sai dura... exigente.

Minhas mãos tremem, esperando sua resposta... — Jensen... Foi Drake?

— Evvie, me desculpe, não fazia ideia...

Meu coração afunda... — Dec estava jogando com todos nós?

Eu ouço uma batida forte na porta lá embaixo... Vozes abafadas, jogo o telefone no chão. Minhas mãos estão suadas enquanto eu lentamente alcanço a maçaneta da porta.

Estou prestes a abrir a porta quando ouço um grande estrondo vindo de baixo.

O vidro se estilhaça. Porra!

Passos lentamente sobem as escadas... Minha cabeça gira, procurando no quarto um lugar para me esconder. Empurro minhas costas contra a porta enquanto o pânico passa por mim. *Marcus!*

Conforme os passos chegam ao topo, eu prendo minha respiração. Olhando para o telefone no chão, tento alcançá-lo com o pé, mas quando a maçaneta começa a girar, empurro a porta o máximo que posso.

Meus pés deslizam no chão de madeira quando a porta é aberta à força, me empurrando pelo chão como uma pena.

O ar escapa dos meus pulmões.

Cubro minha boca quando ele entra na sala lentamente.

Eu posso ouvir a voz fraca de Jensen vindo do telefone ainda caído no chão.

Meu corpo inteiro treme.

— Olá, Evvie. — A voz ressoa em mim, enviando uma onda de medo ressoando pelo meu corpo.

Eu me encolho no canto da sala enquanto ele fica na porta, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Não consigo conter as lágrimas. Tento gritar, mas não consigo encontrar minha voz, sou aquela garota assustada de novo.

Ele caminha até mim, tirando a mão do bolso. Abaixando-se, ele estende a mão para tocar meu cabelo, mas eu recuo, virando minha cabeça para longe dele.

— É ótimo ver você de novo.

Eu coloco minhas pernas perto do meu peito, tremendo furiosamente. Eu quero lutar de volta... — On... onde está Marcus? O que você fez com ele?

Ele sorri para mim. — O quê? Seu namorado lá embaixo? Não se preocupe, ele está apenas tirando uma soneca, meu amor. — Ele agarra meu braço com força, me puxando para cima. — Acho que precisamos ter uma conversinha, você não acha?

Eu grito de dor enquanto ele me arrasta pelo chão. — O que você fez com ele, seu bastardo de merda? — Eu me esquivo de seu aperto e corro para a porta, pulando direto em um cara enorme todo vestido de preto.

Drake rosna em meu ouvido por trás, agarrando meu cabelo com força. — Com quem você pensa que está falando? — Sua mão balança para trás e dá um tapa na minha bochecha, a queimação se fazendo sentir imediatamente. — Leve-a para a porra do carro. — Ele me empurra para o outro cara, um olhar de nojo estampado em seu rosto.

Tento me desvencilhar, mas o cara segura meu braço com força, me arrastando escada abaixo tão rápido que luto para me manter em pé e quase tropeço nos próprios pés.

Uma vez em baixo, meu coração afunda no meu estômago e posso sentir o gosto da bile na minha garganta. — MARCUS!

Um grito horripilante me escapa... Olhando para seu corpo sem vida no chão, sangue em sua testa. Empurro o cara que está me segurando, derrubando seu equilíbrio apenas o suficiente para eu me libertar. Corro para Marcus deitado no chão, a mesa lateral quebrada... vaso quebrado no chão. Acaricio o lado de seu rosto. — Marcus... por favor... por favor... acorde. — Eu imploro, lutando contra minhas lágrimas. Luto para recuperar o fôlego, soluçando enquanto afasto o cabelo de seu rosto, meu coração partido no chão.

— Sua vadia! — Uma mão agarra meu cabelo e me põe de pé, a dor disparando na minha cabeça. Eu grito enquanto ele me arrasta pela porta da frente e desce o caminho.

— Marcus! — Chuto minhas pernas e grito enquanto ele me arrasta para o carro que está esperando.

Eu me lembro deles agora...

Eles são os dois caras de outro dia. Os caras que ficaram parados sorrindo para mim.

Estou prestes a abrir a boca quando ele me pega e me joga no porta-malas aberto.

Minhas costas queimam de dor. O pequeno espaço negro.

Ouço as portas se fecharem uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

O motor dá partida. Os pneus esmagam o cascalho.

Não consigo mais segurar.

Marcus... Eu o imagino deitado lá.

Sem vida.

Meu coração se quebra em um milhão de pedaços.

Tento lutar contra as paredes do carro. Minhas pernas chutam o mais forte que podem, tentando me libertar, mas é inútil. Eu não tenho mais luta em mim. Qual é o ponto? Tudo o que vejo é Marcus.

Tudo que eu quero é Marcus. Em vez disso, estou sendo levada de volta para o inferno... sozinha.

Fecho meus olhos.

Lutei muito, saí tarde demais, perdi tudo.

Capítulo Dezessete

Não sei há quanto tempo meus olhos estão fechados. Tento acordar de volta em seus braços, rezar para que fosse apenas mais um sonho. Mas não foi. Foi real... tudo isso. A dor ardendo em minha bochecha era real. Marcus deitado no chão inconsciente era real.

O carro diminui a velocidade e eu ouço as portas se abrindo uma por uma. Os passos se aproximam e, de repente, a porta abre. Uma mão agarra meus braços, me puxando para fora. Eu fico com as pernas fracas, tentando me equilibrar, enquanto a luz do dia queima meus olhos.

Meu corpo treme enquanto eles amarram minhas mãos, me arrastando para a porta dos fundos de seu clube... um lugar que faz meu sangue gelar. O pânico passa por mim.

Nada mudou. Meus olhos percorrem o grande espaço aberto. Até tem o mesmo cheiro. Charuto, cerveja e vergonha pairam no ar.

Drake não perde tempo em me empurrar para sentar na cadeira que ele puxa na frente dele, minhas costas batendo com força e enviando uma dor aguda pela minha espinha até minha cabeça. Eu olho em seus olhos azuis malignos através dos cílios encharcados de lágrimas. A raiva queima meu estômago. Vejo quando ele remove o paletó, pendurando-o nas costas da cadeira, em seguida, arregaçando as mangas da camisa lentamente, seus olhos nunca deixando os meus.

— Bem, devo dizer, Evvie, senti sua falta. — Sentando-se na minha frente, ele cruza uma perna sobre a outra, sorrindo para mim. Eu o ignoro enquanto observo os outros dois homens agora deixarem a sala principal, fechando a porta dos fundos atrás deles.

Drake estala os dedos no meu rosto, chamando minha atenção de volta para ele. — Olhe para mim quando estou falando com você, Evvie. — Ele atira em mim.

Eu faço uma carranca para ele e o olho diretamente nos olhos. — Eu não tenho nada para dizer para você. — Cuspo nele.

Ele respira com os dentes cerrados. Cravando as pontas dos dedos em minhas coxas, com força, marcando minha pele instantaneamente. — Você vai falar quando mandar! Ou você esqueceu, pequeno beija-flor?

Eu odeio esse nome, odeio ele. — Não me chame assim. Não sou seu pequeno beija-flor, — eu estalo para ele.

Sua mão atinge minha outra bochecha, apenas pegando meu lábio o suficiente para eu sentir o gosto do ferro na minha boca. Cuspo a poça de sangue no chão e rio dele. Eu posso ver que ele está ficando irado comigo; sua raiva transparece facilmente.

— Não há ninguém aqui para te salvar desta vez, Evvie. Sem, Daniel... nenhum cavaleiro de armadura brilhante! — ele se recosta na cadeira rindo de mim. — Onde está, Evvie?

Eu olho para ele confusa por um momento, então me lembro do que Daniel tinha dito... se eu contar a ele agora, ele vai me matar... eu preciso me dar tempo para pensar em um plano.

Não digo nada.

— Onde está nosso filho Evvie? — Sua mão me atinge novamente, desta vez com mais força. Minha cabeça vira para o lado, quase levando meu corpo com ela. — Eu pensei que se eu te observasse por tempo suficiente, você poderia ter me levado ao meu filho... mas não o fez. Tudo isso poderia ser evitado se você apenas me desse o que eu quero.

Ele está tentando me enganar. Conheço os jogos que ele joga. Balanço minha cabeça, me recusando a dizer qualquer coisa.

Ele se levanta, me forçando a ficar de pé. Aperta o punho, me batendo no estômago com tanta força que tira o ar dos meus pulmões. Eu não consigo recuperar o fôlego. Eu me inclino para frente, tentando respirar.

Eu me levanto, a dor clara em meus olhos. Sua mão enrola em volta da minha garganta, apertada. Começo a me sentir tonta, tentando pegar um pouco de ar. Tento lutar, empurrando minhas mãos amarradas contra seu peito.

— Apenas me diga, Evvie, e eu pararei com tudo isso. — Ele me senta de volta na cadeira. — Ou talvez eu devesse dar ao seu irmão Justin uma chamada rápida... Talvez ele me diga?

— Não se atreva! Meu irmão não sabe nada! — Tento puxar a corda da minha mão.

— Oh, isso chamou sua atenção. — Ele se recosta na cadeira, tirando o celular do bolso. — Talvez *meu* irmão saiba. Afinal, foi ele que ajudou você a fugir. — ele me provoca. — Então, ele sabe que não deve mentir para mim de novo... eu me certifiquei disso.

— Você é um monstro do caralho! — Eu salto para a frente nele. Mas ele apenas me empurra para o chão, me chutando nas costas com força. Enviando um tiro de dor pelo meu corpo.

— Cuidado com a porra da boca! — Ele escova a camisa. — Você quer saber a coisa mais decepcionante em toda essa bagunça, Evvie? — Ele se agacha na minha frente. — É a rapidez com que você pulou na cama com seu namorado mergulhador de tubarão. Todo o casal merda... revirou meu estômago, para ser sincero, amor.

Eu grito. — C… como... fez... como você soube... — Eu não consigo encontrar ar suficiente em meus pulmões para perguntar.

— Tenho observado você desde que aquele meu irmão patético me contou tudo. Ele pensou que tinha escapado impune, mas ele nunca vai me enganar de novo. Eu tinha alguém de dentro observando você o tempo todo, Evvie. — Ele desamarra meu cabelo do cacho e o solta da trança agora seca, passando os dedos por ele, fazendo a bile subir novamente... seu toque revira meu estômago.

— Dec? — Questiono, repetindo a conversa com Jensen mais cedo que foi interrompida. Eu sabia... tinha juntado as peças e resolvido isso tarde demais. Se eu tivesse descoberto antes...

Sento-me no chão observando enquanto ele caminha pela sala batendo palmas. — Bingo, amor. Você caiu direto em seu adorável pequeno ato emocional. Oh, como foi patético ouvir todas as baboseiras que você derramou para ele e seu 'namorado'. — Ele ri sarcasticamente.

Meu coração dói por Jensen. Foi tudo por minha causa... eu sinto muita dor por ele agora. É tudo culpa minha. — Seu bastardo sem coração... Como você pôde fazer isso com alguém?

— Oh, você quer dizer o cantor patético. Ele realmente acreditava que havia encontrado sua alma gêmea. É realmente engraçado! — Ele caminha de volta para mim, com as mãos nos bolsos. — Tantas pessoas sofrem apenas pela pobre Evvie. — Ele sorri sarcasticamente para mim.

— Você sabe a única coisa que achei um pouco difícil de engolir? — As costas de sua mão acariciam minha bochecha. — Estava vendo você com ele... Seu pequeno herói. O filho da puta realmente atrapalhou meu caminho naquela primeira noite em que você realmente me pegou observando você.

Ele puxa um maço de cigarros do bolso. Removendo um delicadamente, ele pressiona os lábios contra ele e o acende. — Ele simplesmente ficou no meu caminho.

— Você deixa Marcus fora disso! Não tem nada a ver com ele, — eu estalo para ele.

Ele sopra a fumaça na minha cara. — Tem tudo a ver com ele, Evvie. Veja, ele colocou as mãos em toda a minha propriedade...

— Eu não sou sua propriedade, Drake! — Eu o corto. Gritando com ele. — Nunca serei!

Ele agarra minha perna, me arrastando ao longo do chão de madeira dura até o espelho alto pendurado na parede. Levantando-me, ele agarra minha garganta por trás, me forçando a olhar no espelho. Seu hálito quente queimando em meu ouvido.

Ele puxa a camiseta, revelando a cicatriz em meu quadril. — Eu acho que nós dois sabemos que você pertence a mim, Evvie. — Seu dedo trilha ao longo da cicatriz. Minha pele pega fogo contra seu toque. Tento me desvencilhar de seu aperto enquanto seus lábios pressionam contra minha orelha. Não tenho estômago para sentir seus lábios perto de mim.

Fecho meus olhos, não quero olhar para o reflexo olhando para mim mesma, meu coração se despedaça por ela tão sozinha... tão magoada. Eu luto contra as lágrimas por ela.

— Não fique tão triste, Evvie. Você sempre soube que eu a traria de volta um dia. Era inevitável. Você pertence aqui, neste lugar. É a sua casa. — Eu recuo, seu braço no ar. — Lá em cima, você é a estrela que eu sempre disse que seria! — Ele me vira para olhar para o palco, me forçando a olhar para o meu destino. Ele está atrás de mim, com a mão na

minha barriga, me segurando enquanto ele nos balança de um lado para o outro. — Você sabe que é aí que você ganha vida, na frente de sua multidão de fãs apaixonados. — Ele se aninha no meu pescoço, enviando um arrepio pela minha espinha.

— Você quer dizer dançar no palco seminua para um bando de pervertidos bêbados cobiçarem? — Eu sussurro para ele, a raiva do meu passado à deriva em frente. — Você distorceu meu sonho e me transformou em um objeto... um brinquedo.

Ele me gira e lentamente desamarra minhas mãos, esfregando meu pulso. Seu toque é duro e indiferente. — Você está fazendo isso parecer muito mais sinistro do que eu me lembro, Evvie. — Ele pega minhas mãos e as coloca sobre seu ombro. — Eu me lembro de como você adorava ter tanto poder lá em cima... saboreando a atenção que você ganhou. — Sua mão está em meus quadris.

A realidade me atinge como um tijolo, estou dançando com um monstro na escuridão.

Eu me afasto, mas ele apenas agarra minhas mãos. — Tut tut! — Ele uma vez encosta minhas mãos em seus ombros. Seus dedos tremem na minha frente, me avisando para não desafiá-lo.

— Nunca foi assim, Drake, e você sabe disso. — Solto uma respiração áspera. — No fundo, você conhece o monstro que se tornou; as coisas que fez...

Uma mão se enrola lentamente em volta da minha cintura, descansando na parte inferior das minhas costas. — Agora, quem está inventando o passado à medida que avança? — Eu quero tanto afastá-lo, correr por minha vida... machucá-lo como ele me machucou. Mas sou impotente contra ele.

Eu ignoro sua última declaração. Não tenho resposta para ele.

— Lembro-me daquela menina tímida que mal podia esperar para pular na cama com o namorado mais velho. A família que a odiava porque ela lhes deu as costas. — Eu deixo as lágrimas caírem livremente dos meus olhos enquanto ele conta sua história distorcida. — Lembro-me da rapidez com que ela entrou no carro dele, mal podia esperar para ser uma cantora famosa em sua grande boate chique. Você mal podia esperar para crescer. Foi fácil com você.

Eu não consigo mais segurar, todas as forças deixando meu corpo com cada declaração venenosa. — Por quê eu? — Eu imploro por respostas.

— Porque você tinha uma faísca que eu mal podia esperar para quebrar, Evvie. Um fogo que ardia na boca do estômago. É como quebrar o espírito de um pássaro, cortando suas asas para que não possa voar... nunca conhecendo a liberdade. — Ele inclina a cabeça para trás, rindo.

— Você realmente é um monstro.

— Não, não um monstro, Evvie. Só sei o que quero e vou jogar muito sujo para conseguir. — Ele para de dançar comigo, segurando meu

queixo e levantando meu rosto para olhar para ele. — Agora, você vai jogar bem ou eu terei que te machucar de novo?

Balanço minha cabeça para ele.

— Evvie, me escute com muito cuidado, você não está me dando muita escolha aqui. — Ele agarra meu braço com força. Eu tento dar um passo para trás, puxar contra seu aperto, lutando de volta.

Não me importo mais.

As costas de sua mão atingem minha bochecha com força. — Diga-me, Evvie! — ele rosna para mim, acertando a mesma bochecha novamente, desta vez pegando minha orelha. Eu coloco minha mão contra ele, rezando para que o toque silencie. Meu rosto queima com o impacto de sua mão.

Ele me joga no chão. Eu deslizo pelo chão de madeira frio, batendo a parte de trás da minha cabeça contra a mesa. Pressiono minha mão contra minha cabeça, a dor muito forte para lidar. Meus olhos começam a embaçar um pouco. Luto para ficar de pé, minhas pernas se tornando como gelatina. Meu estômago dói e meu rosto dói.

Tento me levantar com firmeza, lutando contra a dor, mas ele me atinge de novo, me derrubando no chão. Eu limpo o sangue do meu lábio e rio dele. — Não há bebê, seu idiota de merda! — Eu deixo escapar, sorrindo. Lutando para ficar de pé, vejo quando ele dá um passo para trás, apenas ligeiramente, mas o suficiente para provar seu choque.

— O que você quer dizer não há bebê?

Dou um passo à frente, fechando um pouco a distância entre nós. — Quero dizer, naquela noite em que fui embora... lembra que você me deu uma surra e Daniel tirou você de cima de mim? — Eu empurro com força contra seu peito. — Quer dizer... naquela noite eu perdi o SEU bebê! — Uma dor queima meu estômago com a memória. — Você matou seu próprio filho! — Eu inclino minha cabeça para trás, rindo. — Que irônico!

— Você está mentindo. — Ele agarra meu cabelo, me forçando a ficar de joelhos. — Sua vagabunda mentirosa! — Eu observo seus olhos negros, olhando para eles enquanto ele libera toda a sua raiva sobre mim.

— Não, Drake, não estou mentindo... você não passa de um assassino. — É a última coisa que consigo sair da minha boca antes que seu punho me acerte no rosto, me fazendo tropeçar para trás, incapaz de manter o equilíbrio. Minha cabeça cai no chão. Pequenos pontos brancos piscam em volta dos meus olhos antes que tudo comece a ficar preto.

Eu mal consigo abrir um dos meus olhos. E a dor na minha nuca lateja.

Sorrindo para ele, pelo menos eu sei que quando der meu último suspiro, ele não será mais capaz de me machucar - e ele terá que carregar esse conhecimento com ele pelo resto de sua vida, que o sangue está em mãos.

Capítulo Dezoito

Eu me sinto afogando, como uma força me empurrando debaixo de água, segurando-me até eu dar meu último suspiro. Tento mover meus braços, mas não consigo, posso sentir a corda apertada contra meus pulsos. Eu luto para abrir meus olhos, luto contra a dor que desce por um lado do meu rosto, meu corpo inteiro doendo, meu rosto está frio e úmido.

Olho ao redor da sala, o céu noturno agora ondulando através das janelas, o brilho da luz do dia agora apagado. Procurando por ele, meus olhos pousam nos dois capangas parados na minha frente, um balde vazio na mão. A realização me bate. Estou amarrada a uma cadeira, enquanto inconsciente minhas roupas foram trocadas... me sinto violada. Doente do estômago por alguém ter colocado as mãos em mim.

Minhas pernas estão congelando com apenas um minúsculo par de calcinhas pretas cobrindo minha área íntima e uma minúscula renda preta não deixando nada para a imaginação. Posso ver os hematomas nas minhas costelas começando a aparecer.

— Vá dizer ao chefe que ela está acordada. — Um dos homens cutuca o outro. Eu entro e saio, meus olhos desesperados para fechar. Minha cabeça balança para trás.

Exausta.

A porta se abre lentamente e Drake entra, sorrindo. Ele mudou de camisa. — Bem, olhe quem finalmente acordou. — Ele caminha para a frente e se ajoelha na minha frente, forçando meu rosto a olhar para ele. — Que bom que você pôde se juntar a nós novamente, Evvie. — Suas mãos pressionam contra minhas coxas. — Eu vejo você vestida mais apropriadamente para o ambiente.

Não consigo encontrar minha voz, para dizer a ele todo o ódio que quero. Tento, mas não sai nada. Eu vejo quando ele puxa o telefone do bolso, seus olhos em mim enquanto ele disca o número. — É hora de se divertir um pouco. — Ele pressiona o telefone contra o ouvido.

Meu coração bate forte contra meu peito enquanto tento adivinhar seu próximo movimento. Não tenho mais nada para negociar, não tenho mais vantagem para oferecer.

— Ah, Marcus. É bom ouvir que você está de pé.

Não! Por favor, não! Eu imploro... oro a Deus. Posso ouvir o som abafado de gritos do outro lado da linha.

— É muito simples, Marcus. Se você a quer... venha buscá-la.

Ele carrega um sorriso maligno em seu rosto que afirma que isso nunca vai acontecer. Vejo seus ombros se contraírem quando ele solta um suspiro, voltando sua atenção para mim. — Muito bem. — Ele estala.

Dando um passo à frente, pressiona o telefone contra meu ouvido. — Marcus, — eu soluço ao telefone.

— Evvie! Sinto muito, baby... — Sua respiração está pesada no telefone. — Tudo vai ficar bem.

Tento falar de novo, mas o telefone é arrancado de mim. Drake ri de tudo o que Marcus disse ao telefone para ele. — Você tem duas horas. E Marcus... quanto mais tempo você a deixar sozinha na minha presença, menos dela você leva com você.

— Não, Marcus! Não... — Eu luto contra as restrições. Tentando avisá-lo, para não vir... implorando para ele me deixar. — Por favor... — Eu bato a cadeira contra o chão com raiva, mas é tarde demais, Drake desliga o telefone colocando-o de volta no bolso.

Um grito profundo escapa dos meus pulmões. Tento me jogar de volta. — Seu animal de merda! — Eu grito para ele.

Ele se inclina para a frente, agarrando meu queixo com força, cerrando os dentes. — Você sabe que é uma pena, Evvie. — Ele sorri para mim. — Eu esperava recebê-la de volta de braços abertos.

Rio dele por um momento, a raiva ainda correndo em minhas veias. — Você é um idiota delirante se acha que eu gostaria de estar perto de você.

Ele solta meu rosto; desgosto estampado em seu rosto. — Você vai gostar quando não tiver mais nada. Quando eu te tirar tudo...? Você vai implorar aos meus pés para estar de volta em meus braços.

Tento me desvencilhar das cordas, afastando minhas mãos o máximo que posso, mas não adianta. Não consigo libertá-las. Solto um

suspiro, jogando minha cabeça para trás. Eu vejo quando ele silenciosamente acena com a mão no ar. Assustada quando a máquina de fumaça dispara no palco... O enorme poste de ouro no meio rodeado por nuvens de fumaça. Uma batida fraca começa no fundo, enquanto os holofotes brilham fortemente atrás dela. A música fica mais alta, posso sentir a batida sob meus pés.

Drake se volta para mim. — Se eu desamarrar você, você vai dançar bem? — ele se inclina em meu ouvido. Lentamente, suas mãos me libertaram das restrições. — Vamos nos divertir um pouco antes que o namorado chegue.

Eu esfrego meu pulso onde as marcas vermelhas estão queimando. Ele estende a mão para mim, mas eu apenas fico sentada, minhas pernas ainda trêmulas. Ele respira fundo antes de agarrar meu braço e me colocar de pé. Cambaleio, quase perdendo o equilíbrio, mas ele me mantém firme.

— Por que você não me dá um show privado enquanto esperamos? — Ele me empurra para os degraus, fazendo-me cair sobre eles. Agarro minhas costelas, imediatamente me encolhendo com a dor aguda.

Olho para ele... olhos suplicantes fixando nele. — Por favor, não me faça fazer isso, Drake... — eu imploro. Me odiando por isso instantaneamente. Tento me puxar para cima, segurando os degraus duros para me apoiar.

Ele tira as mãos dos bolsos, pega uma cadeira e a coloca na frente do palco, bem no centro do mastro.

Sentado; suas pernas ligeiramente afastadas, suas mãos se juntam na frente dele, equilibrando os cotovelos sobre os joelhos... Sentado, esperando um show. Ele olha para mim por um momento, que me avisa... meu corpo estremece com aquele olhar... Eu luto contra a agonia e me puxo para meus pés, dando cada passo pesado. Meu coração se parte com cada um quando chego ao chão do palco.

Fecho meus olhos por um momento, congelada no lugar. Respirando fundo, concentro-me na batida da música. Abro meus olhos novamente e olho em sua direção, cavando o mais fundo que posso por um pouco de força... Lutando contra toda a dor e as lágrimas. Segurando minha cabeça erguida, me inclino para o mastro, envolvendo-o com as mãos, agarrando-me a ele para obter apoio e coragem.

Inclino minhas costas contra o poste, olhando em seus olhos enquanto ele assiste. Deslizando minhas costas para baixo, eu jogo com sua fraqueza.

Levantando-me lentamente, agarro o braço alto e com cada fibra de força do meu corpo envolvo minha perna, levantando todo o meu corpo de cabeça para baixo, enrolando minhas pernas em torno dele para me apoiar... Estendo meus braços para o lado. Meu corpo grita para eu parar, mas não consigo.

As luzes ao fundo tornam difícil me concentrar em sua reação. Agarrando-me rapidamente, giro-me ao redor e abaixo no poste até ficar em pé. Eu respiro contra a dor, deixando a música de fundo ser minha fuga fraca, voltando para as aulas tão duramente ensinadas, torcendo e voando no ar enquanto a batida assume.

O problema com a dança do poste é que geralmente requer uma grande quantidade de força na parte superior do corpo. Levei muito tempo para me aperfeiçoar. Mesmo tendo sido forçada, tive que admitir que ganhava uma sensação de poder. É uma forma de arte que exige muito trabalho e dedicação. Naquela época, eu tinha que me manter em forma e saudável, tendo aulas extras de ginástica com uma das garotas, e quando Drake me deixava sozinha em casa, eu malhava em sua academia para ganhar força. Por mais que eu odiasse, fui dedicada a isso... apenas para fazê-lo feliz.

Terminando a dança, paro no palco enquanto ele se levanta, batendo palmas lentamente. — Muito bem... veja, é como se você nunca tivesse se afastado.

O suor escorre do meu corpo e minha respiração é rápida... a dor nas minhas costelas é mais intensa agora, eu lentamente caminho de volta para os degraus, cada passo mais agonizante que o anterior. Ele espera por mim no fundo, estendendo a mão para a minha.

Empurro sua mão para fora do caminho, virando minhas costas para ele, e lentamente volto para a cadeira. — Isto não muda nada, Drake. — Cruzo meus braços sobre o peito, sentando-me.

— E o que você exatamente acha que aconteceria aqui, Evvie? — Ele olha para mim com curiosidade enquanto puxa a outra cadeira para trás na minha frente.

— Nós dois sabemos que vou sair daqui esta noite. — Eu cruzo uma perna sobre a outra lentamente, ainda sem fôlego, mas segurando meu queixo bem alto. Eu sei que mostrar confiança a ele vai irritá-lo.

— Acha mesmo? E o que te dá essa impressão?

Estudo sua reação por um momento. Tomando meu tempo. — Você sabe que nunca vou ficar com você... Eu nunca fui sua propriedade. Esse era o problema, não era? Você simplesmente não conseguia me controlar.

Seus braços se cruzam sobre o peito enquanto ele se inclina para trás na cadeira. — Acha que sim?

— Sim. Não importa quantas vezes você me trancou, me bateu... me puniu. Eu apenas continuei voltando. — Eu paro por um momento, acalmando meu coração errático. — Levei muito tempo para perceber isso e aprendi da maneira mais difícil.

Ele está sem palavras, sem resposta inteligente, sem punição por eu me defender. Nada.

Enquanto estava no palco momentos atrás e observei seu rosto enquanto dançava, ele era exatamente como todo mundo... Liderado por uma coisa, sua mente fica negra quando uma mulher está no controle. É exatamente como me sinto agora.

Eu me agarro ao minúsculo fio de esperança. Rezando para que meu pesadelo acabe.

Passei tanto tempo me escondendo dele, com medo que ele me encontrasse, mas aqui estou eu, de qualquer maneira. Espancada, degradada e trancada em sua companhia. Enquanto o homem que amo... Sinto as lágrimas rastejando mais uma vez.

O homem que amo está correndo contra o relógio para me salvar... sem saber o perigo que está correndo.

Eu sinto meu lábio tremer ao pensar em Marcus. Meu coração dói por ele. Para segurar sua cabeça mais uma vez, para sentir seus braços fortes em volta de mim me mantendo segura... a visão dele fresca em minha mente, deitado de bruços no chão, minha palavra inteira quebrada naquele momento - o tempo parou enquanto eu era arrastada, passou por ele, deixando-o para trás.

Eu repasso esses momentos na minha cabeça. Estava falando com Jensen ao telefone e o joguei no chão... talvez ele tenha ouvido o que aconteceu... talvez ele tenha contatado alguém... a polícia talvez. Eu agarro-me à esperança de que meu inferno aqui acabe logo, mas a que

custo? Meu corpo já está quebrado; quanto tempo minha mente pode suportar sua tortura?

— Você está errada, Evvie. Sua luta é a única coisa que sempre admirei em você. — Eu interrompo meus pensamentos com suas palavras, confusa. — Foi fácil fazer seu corpo se submeter a mim instantaneamente, mas sua mente... isso demorou um pouco mais. Para te convencer de quão inútil sua vida foi; isso levou tempo e dedicação, mas não importa o quanto eu tentasse, simplesmente não conseguia quebrar esse espírito.

Sua admissão envia uma onda de medo por mim, as memórias de como facilmente me entreguei, o quão desesperada por atenção eu estava. Fecho meus olhos, deixando as lágrimas acumuladas rolarem pelo meu rosto, meu corpo doendo e quase exaurido. Não tenho mais palavras para ele... não resta mais luta.

Ele se levanta, dando um passo em minha direção e segura meu queixo com força, me forçando a olhá-lo nos olhos. — Eu sei exatamente como quebrar esse seu espírito. — Ele sorri para mim com um olhar diabólico em seu rosto, tortuoso e sombrio.

Eu apenas olho em seus olhos, não dando a ele a satisfação. Não vou implorar por nada dele.

— Assim que o adorável Marcus chegar, eu provarei o quão duro um coração pode ser partido... — Ele solta meu rosto e ri.

— Não! — Solto um grito profundo, que irrompe da boca do meu estômago. — Seu bastardo de merda. — Eu pulo da cadeira, avançando

para ele, a dor latejando em meus ossos, mas não adianta. Ele agarra meus braços antes que eu tenha tempo de sequer tocá-lo. Forçando-me a voltar para a cadeira. Sorrindo para si mesmo enquanto puxa meus braços em volta da cadeira, segurando-os no lugar enquanto se inclina, sua respiração queimando a pele do meu pescoço.

— Eu disse a você, Evvie. Eu sei exatamente como quebrar você. — Seus lábios tocam minha pele, como punhais no coração, estremeço com o toque.

Sua atenção está quebrada; sua cabeça dispara em direção à porta.

Meus olhos disparam na mesma direção e me concentro na figura abrindo lentamente a porta, minha visão embaçada em um olho, mas eu sei quem é...

Posso sentir meu coração disparado.

Minha respiração engata enquanto eu olho em seus olhos.

Um peso desce sobre mim enquanto Drake coloca as mãos nos meus ombros, me segurando no lugar.

Meu coração se parte.

Lágrimas escorrem de meus olhos como lava quente, queimando minhas bochechas.

— Não! — Eu peço à figura... implorando.

— Marcus! — Eu grito com a garganta áspera, as palavras queimando.

Capítulo Dezenove

Assisto em câmera lenta enquanto ele entra na sala, a porta bate me fazendo pular. Sentando na cadeira, grito para ele, imploro com meus olhos. Eu vejo a dor em sua... sua expressão angustiante.

O ar fica mais espesso em torno de nós três quando Marcus dá mais um passo à frente, vindo totalmente para a luz, com o punho cerrado ao lado do corpo, um olhar amargo espalhado em seu rosto. Percebo a mancha de sangue na gola de sua camiseta. — Deixe-a ir! — ele exige com os dentes cerrados. Nunca ouvi tanta raiva em seu tom. Ele parece capaz de partir qualquer homem em dois.

Meu batimento cardíaco martelando é o único som que posso ouvir, gritando ao redor da sala enquanto Marcus olha além de Drake para mim, meu corpo afundando na cadeira quando ele sussurra um profundo arrependimento com os olhos.

— Eu disse para deixá-la ir! — Ele dá mais um passo à frente, seu peito subindo e descendo lentamente... calmo, mas profundo.

Sinto Drake segurar meus ombros relaxando enquanto ele as remove e dá um passo na minha frente, calmamente colocando as mãos no fundo dos bolsos. — Não, acho que ainda não quero, — ele brinca.

Marcus dá mais um passo à frente, sua respiração dura contra o peito. Drake imita seus movimentos e meu coração acelera quando os

dois se encaram em silêncio. Em um piscar de olhos Marcus se lança para a frente, correndo em direção a Drake com uma escuridão queimando seus olhos. Eu assisto com horror quando ele agarra Drake pela camisa, puxando-o para mais perto dele. — E o que te faz pensar que você tem uma escolha? — Ele puxa a mão para trás, jogando-a para a frente na mandíbula de Drake.

Eu pulo com o som de seus dedos conectando-se com seu rosto, seu aperto solto o suficiente para enviar Drake um passo para trás. Segurando o queixo, Drake se levanta com firmeza, rindo.

— Patético. — Drake sorri, cuspindo o sangue no chão na frente dele. Marcus, agora parado a centímetros de mim, se afasta lentamente em minha direção, segurando sua mão atrás dele para mim, seus olhos não deixando Drakes enquanto ele se arrasta para a frente.

Uma vez que sua pele toca a minha, ele se vira, me colocando de pé, e eu seguro firme em sua camiseta. Ele me puxa para perto de seu peito, me segurando por um momento antes de seus lábios pressionarem minha testa. — Sinto muito, baby. — Seu tom implora por mim. Como se tudo isso fosse culpa dele. O fato é que ele não estaria aqui se não fosse pela minha bagunça.

— Aaaww, isso não é doce? O reencontro dos amantes, — Drake interrompe o momento. — Pena que não vai durar. — Ele lentamente enfia a mão no bolso, sorrindo para nós dois. — Nunca subestime seus inimigos, Evvie, você deve saber disso.

Tropeço um pouco para trás quando ele tira a mão do bolso, agora segurando uma arma. Um grito apavorado escapa dos meus pulmões conforme seguro mais forte em Marcus enquanto ele me empurra para trás dele, me protegendo.

Ele aponta entre nós dois, quase como se ele estivesse escolhendo em qual atirar primeiro, meu coração bate contra meu peito como ondas nas rochas. A adrenalina corre em minhas veias e eu dou um passo à frente, me liberando do controle que Marcus tem sobre mim. Posso ouvir meu coração batendo forte contra meu peito.

— Vamos, Drake. — Eu o provoco, levantando meus braços.

Ele volta sua atenção para mim, apontando a arma à distância. — Agora, Evvie, você me conhece melhor do que isso. — Ele bufa para mim. — Por que eu desperdiçaria uma bala perfeitamente boa com você? Mas se eu atirar nele...

A arma agora está apontando para Marcus. Eu sigo sua direção e agora sou eu parada no meio dos dois. — Então, atire nele, e daí? Você acha que vou correr para os seus braços? Você está delirando. — Eu rio dele. Olhando por cima do ombro por um momento, entrelaçando meus dedos nos de Marcus, a sensação de calor deixando minha pele em chamas, tento dar a ele um sorriso tranquilizador, silenciosamente dizendo a ele que sei o que estou fazendo.

— Eu já estou morta por dentro graças a você Drake, não há mais nada para você danificar. — Eu seguro com mais força a mão que segura a minha. — Não tenho mais medo de você!

Estou confiante, fria e em agonia, mas ainda confiante contra seu aperto.

Drake respira fundo e se preocupa, e tudo corre em câmera lenta. Movendo a arma lentamente de volta para mim, eu observo... esperando.

Observo a bala sair do cano da arma, o eco do tiro ressoando no ar enquanto mãos firmes empurram com força contra meu lado, me jogando no chão. Ouço o som de um baque forte ao meu lado.

Respiro fundo conforme o tempo acelera. Não sinto dor. Percebo que fui empurrada para fora antes de a bala atingir. Sentando-me, me viro para olhar, confusa.

— NÃO!! — Um grito horripilante me escapa enquanto observo Marcus no chão, de costas para mim... sua camiseta branca agora ficando vermelha.

— Marcus, — eu corro para o lado dele, puxando-o para o meu colo. — Marcus, por favor... por favor. — Eu inspeciono a fonte do sangue e pressiono minha mão firmemente em seu ombro. Ainda bem que não foi um tiro fatal e apenas no ombro, sua mão se estende e pressiona contra minha bochecha.

— Porque você fez isso? — Eu pergunto a ele através dos cílios encharcados de lágrimas. O pânico se espalha.

Ele me puxa para mais perto dele, seus lábios tocando os meus. — Porque eu amo você.

— Eu também te amo, — eu sussurro em seu ouvido, meu coração batendo forte contra o meu peito enquanto as palavras ecoam por nós dois. Eu o amo. Essas palavras fúteis sussurradas nos ouvidos de tantos amantes, mas aqui e agora é uma declaração eterna.

O que deveria ter sido um momento de felicidade é escurecido pela sombra que agora está atrás de mim. Eu me viro e olho por cima do ombro para ele. A raiva cresce dentro de mim com o sorriso que se espalhou em seu rosto. O homem diante de mim assombrou minha vida, arruinou a pessoa que eu era e quase matou o homem que amo.

Lentamente, olho Marcus, levantando sua mão livre sobre o ferimento. O sangue cobre minhas mãos e pernas e enquanto fico de pé, todo o meu corpo treme de raiva. Eu não falo quando meus punhos cerram e em um piscar de olhos eu salto para a frente, empurrando com força contra o peito de Drake, jogando-o para trás.

— Seu monstro fodido! — Eu cerro os dentes, observando-o tropeçar para manter o equilíbrio, sorrindo para mim mesma quando a arma voa de sua mão no chão.

Nossos olhos se encontram por uma fração de segundo e eu sei que ambos estamos pensando a mesma coisa. Meu peito dói, meu

coração está batendo tão rápido, posso sentir meu pulso subindo contra a minha pele.

Eu olho para a arma rapidamente e depois volto para Drake. O tempo está parado.

Com uma respiração aguda, corro para a frente, mergulhando no chão, orando aos deuses para ser mais rápida do que ele enquanto ele faz o mesmo. Eu peço e agarro com força a pequena arma preta. Rolando de costas, aponto para Drake, que para de repente.

Solto um suspiro profundo enquanto o choque lava seu rosto.

— O que você vai fazer, Evvie? Atirar em mim? — Ele levanta as mãos e solta uma risada, mas posso dizer que ele está nervoso, olhando por cima do ombro para ver se alguém viria ajudá-lo.

Eu olho para Marcus sentado no chão, e ele balança a cabeça para mim. — Não, Evvie, não. — Um olhar implorante em seu rosto. Eu lentamente me levanto, a arma apontando para Drake a cada movimento que faço. É mais pesada do que eu pensei que seria e minhas mãos começam a suar contra o cabo. De pé na frente do homem que arruinou minha vida, sinto uma sensação de bravura segurando sua vida em minhas mãos.

Marcus tropeça e dá um passo atrás de mim. Eu sinto seu calor contra minha pele trêmula, sua mão ainda pressionada firmemente contra sua ferida. — Dê-me a arma, Evvie, — ele sussurra em meu ouvido. Meus

braços estão ficando tensos com a pressão de segurar a arma bem na minha frente, meus ombros doendo.

— Sim, Evvie, ouça o seu amante, — Drake zomba de mim e meu sangue ferve de novo.

Dou um passo à frente, aumentando meu aperto e firmando minha mão com a outra. Meus olhos queimam nos dele. Minha respiração fica mais lenta enquanto tento me concentrar, cavando fundo por todas as razões pelas quais eu não deveria. No momento, não consigo pensar em nenhuma.

Olho por cima do ombro para Marcus novamente e ele balança a cabeça... me implorando. É tarde demais. Cada memória dolorosa inunda o meu pensamento e minha mão aperta com mais força.

— Dê-me uma razão pela qual eu não deveria. — Dou um passo à frente, um tom ameaçador em minha voz.

Abafo todos os sons ao meu redor, focando apenas em sua voz, esperando por sua resposta. Eu vejo quando ele inclina a cabeça para o lado, examinando meus dedos que descansam no gatilho. Minhas entranhas gritam comigo para acabar com tudo agora.

— Você não tem isso em você, Evvie. Você nasceu fraca e vai morrer fraca! — Eu estremeço quando suas palavras me cortam. — Você é apenas uma menina patética que está gritando por atenção.

Ele enfia a mão nos bolsos, com um sorriso malicioso no rosto.

— Você não pode me machucar mais, Drake. — Meu dedo aperta o gatilho um pouco e um senso de propriedade acende dentro de mim.

Esta noite, pensei que minha vida havia acabado. Eu pensei que tinha perdido o homem que amo... todo o meu ódio e dor agora frescos e buscando vingança. Cada osso do meu corpo dói, e meu ombro começa a se queixar por segurar a arma por tanto tempo. Fecho meus olhos respirando fundo e lentamente começo a abaixar minha mão, apenas ligeiramente, mas o suficiente para Drake dar um passo à frente.

— Eu te disse! — Ele está a centímetros de mim, quase me tocando. — Você é patética.

Eu respiro novamente, olhando para minhas mãos tremendo e cobertas de sangue e solto um suspiro. Apertando com força contra o gatilho, sinto a liberação.

Tudo fica escuro quando meu ombro se sacode para trás.

Não ouço o estrondo alto desta vez; não ouço Marcus gritando para mim.

Eu vejo enquanto o corpo de Drake cai no chão.

Tudo que ouço é o último suspiro de Drake... desaparecendo. Observo a poça de sangue encharcar sua camisa, sua mão pressionada contra o coração. Seu peito sobe uma última vez.

Prendo a respiração, esperando, meu coração doendo de desespero.

Pulo quando Marcus pressiona sua mão no meu ombro; ele estremece de dor quando eu envolvo meus braços em volta de seus ombros.

— Está tudo bem, Evvie. — Ele passa a mão nas minhas costas.

Eu olho para Drake, ainda deitado no chão. — Ele está...? — Eu não consigo dizer a palavra. Estou me afogando em emoções.

Ele me libera de seu aperto e caminha até onde Drake está deitado imóvel no chão. Pressionando dois dedos em seu pescoço, ele espera em silêncio por um momento antes de olhar nos meus olhos e acenar com a cabeça.

Um pequeno grito me escapa. O que eu fiz?

Como eu pude tirar a vida de outra pessoa? Uma única lágrima escorre pela minha bochecha.

Meus olhos vão para a porta enquanto ela se abre lentamente, passos ecoando no ar. Marcus corre para o meu lado, me segurando com força enquanto a figura vem à luz.

A raiva passa por mim mais uma vez, eu seguro a arma bem na minha frente, respirando fundo.

— Daniel. — Sussurro do outro lado da sala.

Capítulo Vinte

— Daniel. — Meus olhos encaram-no. Uma mistura de emoções me atravessa enquanto ele caminha em nossa direção, com as mãos erguidas no ar de forma submissa.

Ele para na frente do corpo sem vida de Drake, olhando para baixo por um momento e depois de volta para nós. — Acho que ele está...?

— Morto! — Eu deixo escapar, interrompendo-o. — Sim, está!

Eu vejo quando ele solta um suspiro de alívio. Um pequeno sorriso em seu rosto.

— Dê-me a arma, Eveline. — Ele estende a mão, mas não confio nele. Não mais. Ele quebrou minha confiança quando disse a Drake sobre tudo, esmagando minha liberdade e fazendo com que tudo isso acontecesse esta noite.

— Dar a você a arma? Isso é tudo culpa sua, Daniel. — Eu rio dele. — E meu nome é Evvie! Não Eveline! — Grito com ele, zangada por ele ainda insistir em me chamar por esse nome.

Ele olha para seu irmão no chão. — Deixe-me consertar isso, Evvie. — A culpa estampada em seu rosto.

Marcus coloca sua mão na minha, tentando abaixar a arma. — Está tudo bem, baby, você pode largar agora. — Ele sussurra em meu ouvido: — Você está segura.

Eu quero tanto acreditar nele. Meu lábio treme quando me viro e olho em seus olhos. — Eu não posso, Marcus.

Sua mão pousa suavemente na minha bochecha. — Sim, você pode, bebê. Apenas abaixe.

Estou me afogando.

— Isso é tudo culpa dele, Marcus! — Eu aponto a arma bruscamente de volta para Daniel. — Tudo o que aconteceu é sua culpa! — Eu aponto minha resposta a ele.

Daniel fica me examinando por um momento, posso ver isso escrito em seu rosto, a maneira como estou vestida, os hematomas no meu corpo e rosto, meu cabelo uma bagunça furiosa. — Evvie, deixe-me consertar... por favor, me dê a arma.

— O quê, para que você possa atirar em mim e em Marcus? Então, você pode assumir o controle? — Eu permaneço firme em meu lugar.

Ele respira fundo, seus olhos passando entre Marcus e eu. — Não. Para poder dizer à polícia que atirei no meu irmão.

Eu dou um passo para trás, chocada. — O que você acabou de dizer? — Questionando-o, precisando ouvir mais uma vez.

— Você está certa, Evvie, isso *é* tudo minha culpa. Não apenas esta noite, mas em tudo que eu sentei e observei meu irmão colocá-la no inferno e não fiz nada. — Ele puxa uma cadeira de debaixo da mesa e se senta, juntando as mãos. — Eu estava muito fraco para lutar contra meu irmão, muito assustado para tomar uma posição, e você sofreu por isso. Eu sabia que estava tudo errado e deixei acontecer, de qualquer maneira.

Sinto uma pontada de culpa por ele, posso ver a dor que carregava. Minha mão começa a abaixar e Marcus tira a arma da minha mão, deixando-a cair no chão. Eu imediatamente derreti em seu aperto, chorando incontrolavelmente com o que tinha acontecido, não apenas no momento, mas todo o evento. Olho ao redor da sala lentamente, a cadeira e a corda descartadas no chão na briga, o palco agora vazio e escuro quando as luzes se apagaram.

Eu disse a Drake que sairia daqui esta noite e estava certa. Só não imaginei que seria eu quem tiraria a vida dele. Eu queria por tanto tempo, sonhei com o dia em que ele daria seu último suspiro, rezei para que eu não precisasse mais correr e me esconder dele.

— Vou ligar para a polícia agora, Evvie. — Daniel dá outra olhada para mim e puxa o telefone do bolso. — Vou dizer-lhes que *eu* matei meu irmão.

Ele se levanta e vai até onde Marcus colocou a arma no chão, pegando-a, ele vai até à mesa e abre o pente, removendo as balas e as colocando todas na mesa.

De repente, meu corpo fica pesado, a noite cobrando meu preço fisicamente. Posso deixar outra pessoa assumir a culpa por minhas ações? Eu matei alguém - roubei sua vida. Posso me livrar dessa culpa?

Marcus me puxa para seus braços, me segurando com força, e eu o solto. Derramando cada sentimento que tenho nas lágrimas que fluem. — Shhhh, está tudo bem, Evvie. Tudo vai ficar bem! — ele tenta me tranquilizar. — Sinto muito não ter sido capaz de impedi-la, baby. — Eu ouço sua própria culpa em seu tom.

Eu me afasto, enxugando as lágrimas dos meus olhos e pressiono minhas mãos contra sua bochecha. — Isso não é sua culpa, Marcus.

— Se eu pudesse tê-la impedido...

Eu o interrompo, meus lábios lentamente provocando os dele, uma onda de sangue bombeando em minhas veias. O beijo é de saudade... amoroso. — Não se culpe por nada disso.

Ele descansa sua testa na minha. — Eu prometi que iria mantê-la segura. — Ele respira fundo. Seus olhos fecham lentamente e abrem novamente. — Eu te decepcionei e quase custou sua vida.

— Não! Drake teria me atingido de qualquer maneira, não importava. Você me deu um motivo para lutar! — Soltei um suspiro lento. — Você me deu algo pelo qual viver.

— Quando eu entrei e vi o que ele tinha feito com você... Não pude me controlar, — ele admite com uma respiração instável.

— Marcus, você quase morreu por minha causa. — Eu olho para sua mão pressionada contra seu ombro mais uma vez.

— Não! — ele tira a mão manchada de sangue e segura meu queixo. — Não por causa de você. Para você.

— Marcus. — Seu nome dança em meus lábios. Ele sorri para mim. — Eu te amo, Evvie.

— E eu te amo, Marcus. — Nossos lábios se tocam, selando o momento. Nosso momento é interrompido quando ouço o som fraco de sirenes ficando cada vez mais alto a cada segundo.

Lanço um olhar para Daniel que está sentado na cadeira, uma perna cruzada sobre a outra, um sorriso no rosto. — Seja feliz, Evvie. — Ele acena para mim.

Eu olho para trás, para Marcus, e minhas pernas ficam fracas de pânico quando a porta é aberta e a polícia entra, armada, logo seguida por dois paramédicos.

A polícia imediatamente segura os braços de Daniel e o coloca de pé, algemando suas mãos atrás das costas.

Tento avançar, mas um oficial me puxa de volta. — Por favor, não é culpa dele. — Eu imploro, olhando para Marcus por ajuda.

Não adianta me dar uma última piscadela. Daniel é puxado para fora e sou forçada a sentar em uma cadeira, uma luz brilhante aponta em meus olhos enquanto tento acompanhar todas as perguntas que são lançadas para mim.

Palavras e frases são lançadas entre os dois paramédicos e minha mente fica em branco e a adrenalina desaparece. Meu corpo inteiro dói contra mim.

— Marcus. — Tento alcançá-lo enquanto eles remendam seu ombro, ouvindo-o gemer de dor com os dentes cerrados.

— Está tudo bem senhorita, nós vamos levar vocês dois para o hospital. Você pode andar? — a paramédica me pergunta, com preocupação em seu rosto.

Eu concordo. É tudo que posso dizer enquanto ela me ajuda a ficar de pé e me guia para fora da porta, seguida de perto por Marcus.

Escuto as mensagens transmitidas entre o motorista e o rádio, tentando entender o que está sendo dito, mas não consigo me concentrar o suficiente. Depois de tudo, meu corpo está muito cansado e meus olhos começam a ficar pesados.

Deitada na parte de trás da ambulância, uma dor aguda sobe pelo meu braço, minha cabeça dispara em busca da fonte da dor.

— Está tudo bem, vai ajudar com a dor, — a enfermeira me tranquiliza enquanto segura meu pulso e pressiona dois dedos contra a veia. Verificando seu relógio, ela faz uma anotação.

Eu deixo minha cabeça cair para o lado, meus olhos lutando para ficar abertos. De repente, meu corpo fica mais leve, como se estivesse flutuando no ar. Meus olhos se fecham e eu viro para o nada. Sentindo alívio porque a dor não me seguiu.

Sentindo-me contente por não sonhar com nada. Esperando que quando eu acordar tudo finalmente acabe.

Capítulo Vinte e Um

Dormi a noite toda, pegando no sono antes dos médicos e enfermeiras entrarem para me cutucar e cuidar. Tudo que eu queria era que Marcus entrasse pela porta. Eu assistia cada vez que abria meus olhos, esperando e rezando para que fosse ele. Enquanto a luz do sol espreitava pelas cortinas finas, tentei rolar para o lado e dormir um pouco mais. Sinto como se pudesse dormir para sempre. O médico me atualizou sobre como Marcus estava e prometeu deixá-lo vir me ver quando pudesse, mas meu coração dói por ele agora... saber que ele está seguro... Eu só quero abraçá-lo.

Ignorando a enfermeira alegre que irrompeu em meu quarto, abrindo as cortinas e deixando uma bandeja sobre a mesa para mim, me permiti voltar para ele, de volta a sonhar com nossos momentos juntos.

Eu fracamente sinto sua mão pressionando contra a minha, ouço sua voz à distância, me acalmando. Luto para abrir meus olhos apenas por um segundo antes que eles fechem novamente. A dor que percorre todo o meu corpo me faz sentir como se tivesse sido atropelada por um ônibus. Se eu mantiver meus olhos fechados, não terei que lidar com a realidade que me espera. Fui de uma vítima indefesa a uma assassina, e outra pessoa está levando a culpa por minhas ações - como vou viver comigo mesma? Não me arrependo do que fiz, nem um pouco. Drake era um monstro e ele poderia... não teria machucado tantos outros. Seus

crimes são muito piores do que os meus, mas não posso deixar de sentir a culpa por tirar uma vida, não importa o quão louco ele seja.

— Evvie. — Uma voz suave ecoa através de mim, puxando minha mente adormecida de seu devaneio, atraindo-me para o doce som de sua voz. O que começou como estranhos e terminou em uma declaração de amor eterno. Passei muito tempo com ele escondendo a mim mesma e meus sentimentos - com muito medo de admitir a verdade. Com muito medo de lhe dizer como um único toque dele lava tudo, com muito medo de lhe mostrar como meu coração bate rápido contra o meu peito quando ele me beija.

Escondendo meu verdadeiro eu dele.

No momento em que ele pegou minha mão e me disse para respirar, eu era dele. Eu luto para abrir minhas pálpebras pesadas, piscando por um momento e ajustando meus olhos às luzes ao meu redor. Um dos meus olhos arde cada vez que tento piscar. A visão ainda turva nele, causando uma distorção em um lado da sala. Meus lábios estão secos como o inferno enquanto tento lambê-los. Não me importo quando a dor nas minhas costelas dispara do meu lado ou o fato de meu pulso queimar por ter sido amarrada... nada disso importa quando meus olhos focalizam os dele.

Ver aquele brilho em seus lindos olhos verdes me dá força suficiente para levantar minha mão e pousá-la em sua bochecha. Seu braço esquerdo está amarrado a uma tipoia.

Ele se inclina, sorrindo para mim. — Minha linda Evvie. — Sua mão tira os cabelos do meu rosto.

Tento me sentar, mas a dor na lateral do corpo é quase insuportável. Em vez disso, Marcus cuidadosamente me senta apenas o suficiente para me deixar confortável.

— O médico me disse que eles tiveram que operar para remover a bala? — Minha garganta coça enquanto tento pegar o copo d'água. Ele me passa o copo, levando-o aos lábios enquanto tomo goles lentos.

Ele se senta novamente na cadeira, puxando-a para mais perto da cama com a mão boa. — Sim, felizmente não atingiu algo importante, apenas um ferimento superficial e outra cicatriz legal. — Ele brinca, tentando aliviar o clima.

— Justin? — Eu questiono onde meu irmão está. Não pude encará-lo quando acordei, depois que me limparam e trocaram de roupa. Meu coração se partiu por ele me ver... por ele se sentir impotente.

Ele solta um suspiro. — Na cantina para um café. Ele esteve aqui dia e noite. Ele estava muito preocupado com você - nós dois estávamos.

— Eles disseram que eu tive sorte. Apenas algumas costelas quebradas, cortes e hematomas e um ovo preto muito brilhante acima do meu olho. — Eu tento rir com a dor.

Marcus segura minha mão, levando-a aos lábios. — Evvie, ele poderia ter matado você... ele tinha toda a intenção de fazer isso!

O tempo parecia diferente enquanto eu estava com Drake. Minutos pareciam horas e horas pareciam segundos. Aparentemente, ele me trancou no clube por 17 horas antes de Marcus aparecer. Mas não parecia mais do que duas. Todo o tempo que estive com ele, ele me deu pontapés e socos, amarrou-me a uma cadeira, tirou-me a roupa - tirou-me a dignidade e deixou-me o corpo a roncar de dor.

— O que aconteceu... Por que seus dois bandidos não vieram e ajudaram quando você apareceu? Não entendo.

Marcus respira fundo novamente, parando por um momento. — Quando estacionei no clube, eles estavam esperando por mim do lado de fora, mas Daniel apareceu do nada. Ele me disse que uma vez que eu estivesse lá dentro, seríamos apenas eu e Drake. Ele caminhou até os dois e apertou uma de suas mãos. Assim que entrei, não vi o que aconteceu.

Seu homem infiltrado, na noite em que veio me ver, ele disse que havia alguém internado retransmitindo informações para ele.

— Você ouviu alguma coisa da polícia? Sobre ele.

Marcus balança a cabeça para mim. — Não, nada, mas eles querem falar com nós dois, eles querem uma declaração.

— O que vamos dizer a eles? — Eu repito as palavras de Daniel na minha cabeça sobre assumir a culpa pela morte de seu irmão. Não tivemos tempo para inventar uma história. Como posso simplesmente deixá-lo levar a culpa quando fui eu quem tirou a vida de Drake?

— Contamos a eles o que Daniel nos disse para contar.

Ouço uma leve batida na porta. Lentamente ele se abre e eu encontro os olhos preocupados do meu irmão. Dou-lhe um pequeno sorriso, lutando muito para conter as lágrimas, meu coração batendo forte.

Marcus se levanta, inclinando-se e beija minha testa. — Estarei de volta em pouco tempo. Acho que vocês dois precisam conversar, — ele sussurra em meu ouvido.

Respiro fundo quando Marcus se aproxima de Justin. Parando, ele coloca a mão em seu ombro. Ambos os homens compartilham um momento de compreensão antes que ele saia pela porta.

Embaralho na cama um pouco mais quando Justin se aproxima e coloca seu café na mesa de cabeceira. Ele fica em silêncio por um momento, passando a mão pelo cabelo.

Tento conter as lágrimas, mas quando se trata do meu irmão, não consigo. Eu inclino minha cabeça para o lado enquanto toda a emoção explode por dentro e em um piscar de olhos ele se inclina, seus braços me envolvem suavemente, e sua mão passa pelo meu cabelo.

— Está tudo bem, Evvie. — Ele murmura baixinho no meu ouvido. — Shhhh.

De alguma forma, ele se arrasta na cama ao meu lado, com as pernas esticadas ao lado das minhas, e eu choro em seu ombro até não conseguir mais chorar.

Eu sobrecarreguei meu irmão com tanto nos últimos anos, mas também escondi muito mais dele - escondi minha dor mais profunda. Em todos os contos de fadas - quando o monstro está morto, a cidade celebra a liberdade, quando a bruxa é vencida, todos se curam de suas maldições malignas. Posso me curar? Como faço para comemorar?

Tanto meu irmão quanto Marcus se sacrificaram muito por mim. Sem hesitar, Marcus arriscou sua vida por mim, e Justin colocou toda a sua vida em espera para cuidar de mim, para cuidar de minhas asas quebradas, permitindo-me voar novamente.

— Sinto muito, Justin. — Eu peço perdão, meus gritos agora se transformando em quase um gemido.

— Por que você tem que se desculpar, Evvie? — Ele olha para mim. Limpo as lágrimas do meu rosto. — Tudo... Todas as preocupações e cuidando de mim, você não deveria ter feito nada disso.

— Não seja tola! É o meu trabalho. — Ambas as mãos quentes pressionam minhas bochechas. — É para isso que servem os irmãos mais velhos.

— A maioria das irmãzinhas não passou pelo que eu passei, Justin, e elas não causaram a seu irmão tanta dor quanto eu causei a você. — Eu fecho meus olhos por um momento, abrindo-os para seu sorriso simpático.

— E eu faria tudo de novo, você não escolheu este caminho, Evvie. Ele foi imposto a você. Eu faria tudo de novo em um piscar de olhos se isso significasse que você estaria segura.

Meu coração se enche com as palavras.

— Só sinto muito por não ter podido protegê-la no único lugar que pensei que seria o mais seguro. Eu deveria ter sido mais cauteloso. — Ele carrega um tom de culpa em sua voz.

— O que você quer dizer, Justin? — Eu questiono.

Ele solta um suspiro profundo. — Dec.

Eu tinha me esquecido completamente do pequeno espião. Jensen... Muitas pessoas foram feridas na missão de Drake, tantas vidas viradas de cabeça para baixo por suas ações.

— O que aconteceu? Em um minuto, Jensen estava no telefone comigo e no seguinte a porta da frente foi aberta e Marcus estava no chão.

— Jensen me ligou preocupado, disse que Dec estava agindo de forma suspeita, fazendo perguntas sobre você, então ele checou seu telefone. Para encurtar a história, ele encontrou mensagens para Drake. Infelizmente, Dec conseguiu o telefone de Jensen e encontrou o endereço de onde você estava hospedada e já tinha enviado para Drake. Foi quando ele me ligou.

Ele toma um gole de seu café antes de continuar. — Tentei avisar o Marcus, mas o telefone dele estava desligado. Ao mesmo tempo, Jensen ligou para você e, quando o telefone ficou mudo, ele me ligou dizendo que o que percebeu foi uma briga e o telefone silenciou. — Ele faz uma pausa para respirar. — Eu puxei a bunda o mais rápido que pude e encontrei Marcus no chão.

— Você falou com Jensen? Como ele está? Por favor, diga a ele para não se culpar. — Eu franzo a testa para ele. Pobre Jensen, meu coração dói por ele.

— Ele está bem. Sente-se um pouco estúpido, mas acredite em mim, ele está bem. Eu o deixei no comando. — Ele solta uma gargalhada.

— Eu estava com tanto medo, Justin, — eu admito. — Eu vi minha vida vagando pedaço por pedaço por sua mão.

Justin balança a cabeça para mim. — Você não tem que me dizer Evvie, eu só estou grato que Marcus chegou a você a tempo.

— Mas eu quero, Justin, eu pensei que precisava protegê-lo da verdade, mas não deveria. Marcus me disse algo que me fez perceber que preciso que você saiba tudo. — Não foi até momentos atrás, quando ele beijou minha testa, eu percebi o que ele estava tentando me dizer. Ele não pôde salvar sua irmã porque ela manteve seus demônios escondidos dele. Não sou uma vítima do meu passado, sou uma porra de uma sobrevivente dele e se algum dia vou seguir em frente com minha vida, preciso agarrar essa merda, não me afogar nela.

— Tanto da minha dor você já sabe, Justin, mas há uma escuridão que eu escondi de você. — Respiro fundo, preparando-me para levar meu irmão por um caminho escuro e doloroso ao longo da história.

Revivendo o momento que mais doeu.

Depois ele me abraça mais e mais forte do que nunca.

Tomando minha dor e compartilhando o fardo.

Capítulo Vinte e Dois

— Vou sentir sua falta um pouco demais! — Justin joga seu braço por cima do meu ombro, puxando-me para um abraço.

Estremeço com a dor que ainda persiste em minhas costelas. — Ai, cuidado. — Eu rio dando um tapa no braço dele.

— Ah, merda. Desculpa! — Ele pressiona a mão sobre a boca se desculpando. — Estou falando sério, eu vou sentir falta de ter você por perto, sabe. Eu sei que você queria se mudar e, honestamente, estou feliz que você não esteja sozinha. Marcus é um dos mocinhos, e eu sei que ele vai cuidar de você.

— Sim, ele realmente é e eu vou sentir sua falta também. — Eu caminho até à janela de corpo inteiro olhando para a vista à minha frente, respirando fundo e relato tudo o que aconteceu nas últimas quatro semanas. A história de Daniel para a polícia era crível e parcialmente verdadeira e, embora eles ainda estejam investigando, com as declarações minhas e de Marcus mais seu cara infiltrado - parece que ele pode estar bem. Espero que ele esteja em paz com sua própria culpa. Só nós três sabemos o que realmente aconteceu naquela noite, um segredo que carregaremos conosco até darmos nosso último suspiro.

Eu ainda tenho pesadelos... na maioria das noites acordo suando. Depois que eu disse tudo a Justin, algo mudou - não sou mais

frágil, e ele entende perfeitamente que não preciso mais de um salvador. Vou carregar minhas cicatrizes comigo pelo resto da minha vida, todos nós vamos, mas pelo menos não vamos carregá-las sozinhos.

— Você vai ficar bem, Evvie? De verdade? — Justin se aproxima e me cutuca suavemente com o ombro, as mãos enfiadas no bolso.

A porta da frente se abre e meu coração pula uma batida, não posso deixar de sorrir. — Sim, finalmente acho que estou. — Eu caminho até Marcus envolvendo meus braços em volta de sua cintura enquanto ele me puxa para mais perto, seu braço apoiado no meu ombro.

Justin balança a cabeça para nós. — Sim! Eu aposto. — Ele pega sua jaqueta das costas da cadeira e começa a caminhar em direção à porta. — Oh! Não se esqueça que você está trabalhando hoje à noite, primeira noite de volta! — Ele me dá um sorriso atrevido e dá um tapinha no ombro de Marcus, dando-lhe uma piscadela suspeita antes de se inclinar e me beijar na bochecha.

Meus olhos disparam entre os dois. — Ok, o que está acontecendo?

Eu cruzo meus braços sobre o peito, meu pé batendo no chão frio de ladrilhos, esperando que eles respondam.

— Nada, mana! — Justin levanta as mãos no ar em defesa.

Eu olho para ele. — Você sabe que ele vai ter que me dizer quando você sair, certo? — Dou a ele um sorriso atrevido antes de voltar minha atenção para Marcus. — Você também pode me dizer agora.

— Ela está certa, Jus! Não posso esconder nada dela - sem segredos! — Marcus encolhe os ombros para Justin.

— Você está realmente me denunciando para minha própria irmã? Cara, isso é duro. Eu pensei que eramos amigos. — Eu rio quando Justin coloca a mão no peito, fingindo estar com o coração partido.

— Vocês dois são tão fofos! — Eu os provoco.

Justin balança a cabeça para Marcus. — Bem! Temos uma pequena surpresa de boas-vindas para você. OK? E não é fofo, se chama amizade!

Eu fico rindo e o vejo sair pela porta de mau humor, Marcus seguindo atrás. Eu nunca teria imaginado a amizade que floresceria entre eles, e mesmo que às vezes eu possa ter um pouco de ciúme, isso enche meu coração.

Embora o estado em que ambos voltaram para casa na outra noite tenha sido um pouco frustrante, mas engraçado, quando Justin, bêbado, tentou explicar que Marcus é seu braço direito e tentou encontrar um *'pássaro'*[4] para ele.

Então, essa é uma vida normal? Eu respiro fundo e caminho para a cozinha, colocando duas xícaras no balcão e sorrio para mim. Escuto quando a porta abre e fecha novamente. De costas para ele eu posso ouvir Marcus tirando seus tênis, seus pés descalços batendo no azulejo enviando um arrepio na minha espinha e minha mente corre quando suas

[4] Aqui pássaro significa 'garota'. Gíria britânica.

mãos suaves enrolam em volta da minha cintura e descansam no meu estômago. Eu me inclino para ele.

— Sozinhos, finalmente, — ele sussurra quente contra minha orelha, enviando uma onda de calor correndo pelo meu corpo, arrepios disparando pelo meu pescoço.

Abro minhas mãos na bancada para me apoiar enquanto seus lábios acariciam meu pescoço, arrastando a clavícula. O calor aumentando entre nós faz minha respiração engatar. Minhas entranhas gritam por ele.

— Marcus, — escapa dos meus lábios, implorando.

Sua mão sobe pelo meu estômago, gentilmente... mal tocando a roupa fina que estou usando, mas ainda posso sentir, parando logo abaixo do meu seio, seus dentes beliscando meu pescoço.

Ele para e me solta, lentamente me virando para olhar para ele com um sorriso no rosto e um brilho nos olhos. Olhando para o meu cabelo, ele pega a presilha e a remove, deixando meus cachos selvagens caírem sobre meus ombros, sua mão descansando suavemente em minhas bochechas.

— Como estão as costelas? — ele questiona.

Nossa intimidade foi limitada, em parte para nossa própria recuperação e em parte, porque acho que precisava de tempo para me curar por dentro também. Por tudo isso, Marcus nunca me pressionou, segurando-me durante a noite quando eu não conseguia dormir. Não nos separamos por um único momento desde aquela noite.

Eu não respondo a ele. Não preciso. Ficando na ponta dos pés, trilho meus lábios em sua mandíbula, as cerdas fazendo cócegas, enquanto meus lábios encontram os seus algo desperta dentro de mim. Minhas mãos percorrem suas costas, arrastando sua camiseta para cima e sobre sua cabeça, caindo no chão. Sua mão pressiona a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto, nossos lábios não se separam nem por um segundo.

Meus dedos acariciam levemente seu torso, eu paro em seu ombro e me afasto. A memória assustadora ainda fresca em minha mente, em um piscar de olhos estou de volta lá... Temendo tê-lo perdido.

Descanso minha mão em sua ferida por um momento olhando profundamente em seus olhos através dos meus cílios, fecho meus olhos e pressiono meus lábios contra ele, beijando ternamente antes de olhar de volta para ele.

— Como está o ombro? — Eu questiono, passando minhas mãos por seu cabelo despenteado.

Meu coração dispara enquanto ele rapidamente me leva para seus braços, beijando-me suavemente. — Curado o suficiente para levar minha linda namorada para a cama.

Meu estômago dói enquanto eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço. Ele m carrega para o quarto, chuta a porta atrás de si e cautelosamente me coloca na cama.

Pairando sobre mim, sua mão acaricia minha bochecha e ao longo do meu queixo.

Acariciando minhas coxas, ele puxa meu short minúsculo e o joga no chão. Seus olhos nunca deixam os meus.

Ele se levanta e desabotoa a calça jeans, ficando apenas com sua cueca boxer preta.

Aninhando-se entre minhas pernas, sua mão alcança minhas costas e abre meu sutiã suavemente e o joga lentamente.

— Eu te amo, Evvie! — Seu corpo se eleva sobre o meu, eu trilho meus dedos sobre seus ombros parando em sua ferida, sentindo seu coração selvagem acelerado contra o meu toque.

— Eu também te amo Marcus, com tudo o que tenho. — Seus lábios encontram os meus.

Sua mão desce pelo meu estômago e ele se inclina na outra, olhando no fundo dos meus olhos. Um sorriso se espalha em seu rosto com a minha reação. Jogo minha cabeça para trás nos travesseiros enquanto seus dedos circulam minha boceta, me empurrando, me possuindo. Tento recuperar o fôlego contra seu toque, mas não consigo...

— Marcus... — imploro, minha voz rouca.

Eu vejo quando ele se inclina para a mesa de cabeceira, abrindo-a lentamente, e puxa uma camisinha sorrindo. Meus lábios acariciam seu ombro enquanto eu puxo o pacote de preservativo dele, meus lábios

percorrem seu pescoço enquanto ele puxa sua boxer, descartando-a no chão, enquanto eu alcanço e empurro lentamente o preservativo em seu comprimento. Deitando na cama ao meu lado, ele passa a mão pela minha barriga. — Tem certeza que está bem...?

— Sim... — ecoa em meus lábios enquanto envolvo minhas mãos em volta de seu pescoço, puxando-o de volta para cima de mim, envolvendo minhas pernas em redor de sua cintura.

Minha mente fica em branco quando ele empurra lentamente dentro de mim... Ele rouba minha respiração. Eu grito de prazer enquanto ele empurra lentamente mais e mais fundo.

Ele para por um momento, preocupação em seus olhos. — Você está bem? Estou machucando você?

Eu balanço minha cabeça, agarrando-me, cravando minhas unhas profundamente em suas costas, empurrando a dor de lado, não querendo que o momento acabasse. — Marcus... — Eu fico olhando profundamente em seus olhos, implorando para que ele me dê o que eu preciso.

Grito quando ele vai mais fundo... Não sei quanto tempo mais eu posso aguentar... jogo minhas mãos acima da cabeça, agarrando a madeira fria... agarrando-me à realidade.

— Evvie... — Ele estende a mão, entrelaçando os dedos nos meus e eu suspiro por ar quando o prazer assume. Ele bate contra o meu interior com um último impulso... Uma respiração longa e áspera escapa de nós dois.

Capítulo Vinte e Três

Após da nossa diversão Marcus e eu quebramos de exaustão e eu dei as boas-vindas ao sono. Estar nua em seus braços é um lugar do qual eu nunca quero sair. Algumas horas depois, sou acordada pelo alarme do meu telefone indicando que tenho uma hora até o trabalho, então na verdadeira forma de Marcus, tomamos banho juntos - o que inclui uma nova experiência para mim, um orgasmo alucinante na porra do chuveiro! Eu considerei seu comentário sobre nós 'batizarmos todos os cômodos' como uma piada, mas agora não tenho certeza.

— Você está quase pronta? — Eu ouço sua voz baixa na sala de estar. Eu fico na frente do espelho e verifico meu reflexo uma última vez, sorrindo para mim mesma. Estou animada para voltar ao trabalho. Mal posso esperar para ver todos de novo e recuperar um pouco da normalidade, mas uma parte de mim ainda está nervosa. — Evvie? — sua voz está mais perto quando ele empurra a porta do quarto.

Parado na porta com sua camiseta preta e calça jeans, seu cabelo mais domado agora do que estou acostumada. Eu sorrio quando ele está na porta, seus braços cruzados sobre o peito me observando prender meu cabelo, eu deixo vários cachos caírem e prendo o resto no lugar.

— Eu gosto do seu cabelo assim. — Ele caminha atrás de mim, uma mão no meu quadril enquanto seus lábios acariciam minha orelha. — Você está deslumbrante.

Eu me inclino para ele, desfrutando de suas mãos correndo para cima e para baixo em minhas costas nuas. Escolhi uma blusa aberta que, definitivamente, faz seu sangue ferver um pouco e sorrio para mim mesma. Ele saber que não estou usando sutiã era a cereja do bolo.

— Achei que faria um esforço para minha primeira noite de volta. — Eu me viro em seus braços.

Sua mão segura minha bochecha. — Você está incrível, não importa o que você vista. — Borboletas dançam em volta do meu estômago com suas palavras. — Você vai se atrasar se não nos movermos agora. — Ele coloca um pequeno beijo em meus lábios e começa a sair do quarto. Mordo meu lábio.

A viagem de carro é rápida e, para ser honesta, meus nervos começam a afundar enquanto ele desce a rua de trás. Estrelando pela janela, noto que não havia ninguém na fila do lado de fora do clube, o que para uma noite de sexta-feira é estranho, geralmente está estourando nas costuras na noite da banda ao vivo.

— Parece tranquilo esta noite, não? — Eu questiono soltando meu cinto de segurança e abro a porta do carro, pegando minha bolsa antes de bater a porta novamente.

Marcus aparece rapidamente ao meu lado, ligando meu braço ao dele. — Pelo menos será uma noite fácil para você, então. — Ele sorri. Ele está tramando algo, posso ver em seu rosto e tenho a sensação de que a pequena distração esta tarde foi apenas isso - a 'pequena surpresa' que meu irmão admitiu para mim foi empurrada para o fundo da minha mente.

Enquanto cruzamos a rua, respiro fundo e aceno com a cabeça para o segurança parado na porta. Enquanto Marcus me leva para dentro, todo o lugar fica escuro.

— O que está acontecendo? — Eu paro na entrada, meus pés congelados no lugar enquanto meus olhos correm ao redor da sala.

Solto um suspiro de alívio quando Marcus pega minha mão, pressionando-a contra seus lábios. Eu posso ver o sorriso. De repente, o palco se ilumina em roxo e eu vejo Jensen parado no centro com um microfone na mão, uma batida suave de bateria ecoando atrás dele, aperto meus olhos apenas percebendo a banda que ele criou atrás dele.

Eu pulo quando o bar se acende ao meu lado, Justin fica com os braços cruzados sobre o peito, sorrindo para mim. A fumaça rasteja pela pista de dança e posso ver alguns rostos familiares se aglomerando ao redor.

Olho para Marcus.

— Bem-vinda de volta, Evvie! — A voz de Jensen é carregada pelo clube enquanto o restante das luzes se acendem. Ele acena do palco para mim antes de pular e correr em minha direção.

Eu jogo meus braços em volta do pescoço dele, agarrando-me com força ao abraço. — Senti sua falta, Jen! — Eu luto contra as lágrimas emocionais.

Ele se afasta, com as mãos pressionadas em minhas bochechas. — Sinto muito, Evvie! — sua voz carrega um tom culpado.

— Por favor, não Jensen! Estou bem! — Eu o tranquilizo beijando-o na bochecha.

Ele sorri para mim antes de voltar para o palco, eu o vejo pegar o microfone, piscando para mim antes de sinalizar para a banda começar a tocar.

Marcus passa o braço por cima do meu ombro enquanto caminhamos até Justin de pé no bar, um sorriso atrevido no rosto.

— Então, essa é a pequena surpresa que você planejou? — Eu cruzo meus braços sobre o peito, esperando que ele pare de rir e me responda.

Ele pega dois copos da prateleira servindo Marcus e eu. — Não foi tudo ideia minha, você sabe. Jen e Marcus também tiveram um papel nisso! — Ele levanta as mãos no ar.

— Então, suponho que não estou trabalhando hoje à noite para eles? — Coloco minha bolsa no bar, puxando a cadeira atrás de mim.

— Nenhum de nós está, irmã! Fechei o clube esta noite - festa privada! — Sua atenção é roubada pela mulher loira alta parada no bar, obviamente esperando por sua atenção. — Agora, se você não se importa...

— Você não vai me apresentar a sua amiga...? — Eu dou a ele um olhar sério.

Ele solta um suspiro e joga a cabeça para trás por um momento. — Bem! — Ele acena com a mão para as mulheres, sinalizando para ela vir e ficar conosco. — Maddie, esta é minha irmã Evvie. Evvie, esta é Maddie.

Estendo minha mão para apertar a dela. — Prazer em conhecê-la, Maddie. — Ela sorri suavemente, olhando para Justin e depois de volta para mim. — Este é meu namorado, Marcus. — Eu pressiono minha mão em seu peito enquanto ele enrola sua mão em volta da minha cintura.

— Nós nos conhecemos, e Evvie, é um prazer conhecê-la. — Eu curiosamente olho por cima do ombro para Marcus, que ela obviamente percebeu e corrige seu comentário anterior. — Desculpe, o que eu quis dizer é que Marcus me apresentou a Justin na semana passada.

— Ah, sim, Marcus tem brincado de 'casamenteiro' para meu irmão! — Eu rio, observando seus rostos caírem no chão. — Bem, espero que meu irmão te trate bem, ele pode ser um pouco idiota às vezes, mas não é de todo mau!

— Eu aposto nisso! — ela deixa escapar e nós rimos quando seu queixo cai no chão.

Seguro a mão de Marcus. — Vamos, devo uma dança a você. — Eu giro rápido nos meus calcanhares e o levo para a pista de dança.

— E por que você me deve uma dança? — Marcus para na minha frente, apoiando as mãos nos meus quadris.

— Você me convidou para dançar naquela primeira noite. Eu não era exatamente a pessoa mais fácil de tentar! — Aceno minha cabeça para Jensen no palco, que termina sua música e muda o ritmo para uma música mais lenta, a banda tocando suavemente no fundo enquanto ele pega sua guitarra. Eu adoro ouvi-lo tocar. Fecho meus olhos e descanso minha cabeça no peito de Marcus, sua mão pressionada contra minhas costas e nós balançamos no ritmo da batida enquanto Jensen dedilha.

Marcus inclina sua cabeça levemente na minha. — Eu não teria você de outra maneira, amor.

Eu poderia ficar assim pelo resto da minha vida com ele, meu coração se enche de felicidade e amor por todas as pessoas ao meu redor e olho para ele sorrindo.

— Eu amo esse olhar em você. — Ele segura meu queixo.

Nossos lábios se tocam por um momento. — E que olhar é esse? — Eu o provoco... já estivemos aqui antes.

— Feliz. — Ele solta a mão, girando-me de volta em seus braços.

Dançamos assim pelo que pareceram horas, Jensen cantou, música após música - algumas eu já tinha ouvido, outras completamente novas. Sua voz enchendo a sala enquanto nos sentamos no bar, conversando com Justin. Amigos se aproximaram, conversando antes de voltar para a pista de dança.

Fiquei sentada observando os minutos se transformarem em horas lentamente, o tempo passando e eu apenas me sentei sorrindo, observando tudo.

Não preciso mais me agarrar ao tempo - não estou vivendo uma bomba-relógio, não preciso colocar nada em espera. Desde os 17 anos sou uma sombra, nunca realmente vivi minha vida, mas agora... com Marcus eu quero tudo. Estou finalmente pronta para sair na chuva, respirar fundo e viver a vida...

Eu sou puxada da minha distração quando Jensen termina sua música, me chamando do palco. Eu me viro para ele, Marcus pressiona seu corpo contra minhas costas, inclinando-se em meu ouvido, — Uma última surpresa. Então eu vou te levar para casa. — Meu coração bate contra meu peito como ondas na rocha.

— Vamos, Evvie! — Jensen acena para mim, encorajando-me a me juntar a ele no palco, eu me viro para olhar para Marcus, em seguida, de volta ao palco, minhas palmas começando a suar de emoção e nervosismo.

Passo a passo, vou ficando mais perto dos degraus do palco, subindo-os um por um. Eu não estive no palco desde aquela primeira noite - olhar para a multidão e ver o rosto de Drake enviou medo através de mim, me paralisando por dentro. Mas agora, ao lado de Jen enquanto ele me passa o microfone, sorrio.

Eu me viro para ele, cobrindo o microfone por um momento. — Eu vou matar vocês. — Rio quando a batida começa, a bateria atrás de mim, o baixo à esquerda e Jensen dedilhando ao meu lado. Fechando meus olhos, as palavras fluem de meus lábios. Contos de encontrar o amor, fugir dos perigos e da paixão ecoam na pequena multidão.

Abrindo os olhos, procuro por ele, nosso olhar se encontra em um momento quente e necessário, estou cantando nossa história, conto a história de como dois estranhos curaram velhas feridas e encontraram um amor tão forte que derrotou o monstro.

Eu fico olhando em seus olhos, parado no bar assistindo.

Protetor.

Meu coração dispara com a necessidade de correr para seus braços enquanto termino a música. Devolvo o microfone para Jensen e sigo em direção à borda do palco, lentamente.

A cada passo que dou, ele também se aproxima de mim.

Parando na borda, ele fica na minha frente, colocando as mãos nos meus quadris, ele me levanta e em seus braços, beijando-me com força antes de me colocar de pé.

— Leve-me para casa, Marcus. — Eu imploro, palavras quentes contra sua pele, eu sinto sua mão apertar em volta da minha cintura, seu coração acelerado tanto quanto o meu.

E assim como na primeira noite, ele me leva para fora. Eu o seguirei em qualquer lugar.

Por toda a parte.

Com todo meu coração.

Epílogo

O sol quente beija minha pele enquanto a brisa salgada dança ao redor. Fecho meus olhos e inclino-me para trás, absorvendo toda a paz celestial. Seis meses se passaram e nossa vida juntos agora é contente e feliz, juntos como sempre deveria ter sido.

Devíamos nos encontrar naquela noite, destinados a ficar juntos.

Ele foi feito para me conduzir das trevas e eu para iluminar sua vida.

Toda a operação do clube de Drake foi encerrada. Acontece que a polícia estava reunindo evidências há muito tempo. Lamento não ter ido até eles antes com minha história, mas naquele momento eu estava com medo.

Eu me levantei no tribunal e disse a eles toda a verdade - cada momento doloroso que passei com Drake e disse a eles como Daniel tinha me salvado não uma, mas duas vezes.

Eu o perdoei por sua parte.

Saindo das sombras, você se sente renascida, encontrando-se depois de tanto tempo escondido... Eu não acho que me encontrei, eu acredito que isso é quem eu sempre fui destinada a ser, apenas alguém me parou há muito tempo.

Nada mudou em nossas vidas. Eu ainda trabalho no clube; meu irmão ainda é um pé no saco - apenas um pouco amado agora com Maddie. Ela é a melhor coisa que aconteceu com ele.

E Marcus... ainda está... Quente, protetor e completamente meu.

E, claro, a razão pela qual estou sentada no meio do oceano em um biquíni no sol quente? Consegui fazer com que ele se comprometesse comigo. Quando ele se ajoelhou, pedindo-me para ser sua esposa, eu disse a ele que me casaria com ele se ele voltasse para o oceano. Claro, ele reservou o casamento e os voos no mesmo dia. Uma vez ele disse que não conseguiria voltar para cá, a culpa pesando muito seu coração. Mas é aqui que seu coração fica totalmente feliz. Meu também.

Ambos carregamos cicatrizes; um fardo pesa sobre nossos ombros, mas juntos nos curamos.

Marcus Reid é meu herói, meu marido e um mergulhador de tubarões! Eu sou a mulher mais sortuda.

Sento-me, observando em antecipação enquanto ele se aproxima da água, tirando meus óculos de sol para ver melhor. Ele joga sua câmera no convés e puxa seu corpo para fora d'água. Porra! Minha vida está incrível agora!

Eu lambo meus lábios, observando-o remover o pesado tanque de suas costas e abrir o zíper de sua roupa, puxando seus braços e deixando-o pendurado em seus quadris. Ele se abaixa, tira as nadadeiras dos pés e passa as mãos pelo cabelo molhado. Jogo a toalha nele, rindo.

— Admirando a vista? — ele brinca. Olhando ao redor para o espaço aberto ao nosso redor.

Eu olho para o seu corpo quente brilhando à luz do sol, molhado e tonificado. A cicatriz em seu ombro é um lembrete constante de que eu poderia tê-lo perdido. Desde aquela noite, nunca mais pensamos em nada, nunca tomamos nada como garantido, e agora não é diferente.

Quando ele caminha lentamente até mim, sinto um frio na boca do estômago, uma necessidade que me queima.

Ele se senta ao meu lado no deck, uma toalha em volta do pescoço. — Você está bem, baby? — Sua mão segura minha bochecha.

— Eu tenho algo que preciso lhe dizer. — Desvio o olhar por um momento. Estou esperando o momento perfeito para contar a ele, aguardando com a notícia há duas semanas - nervosa com a reação dele, preocupada.

— O que é, Evvie? — Ele vira meu rosto para olhar para ele, tranquilizador. Eu lambo meus lábios, recuperando o fôlego.

— Estou grávida.

Um silêncio percorre nós dois por um momento, observo sua reação tentando ler sua mente através de seus olhos.

— Grávida? — ele me questiona, segurando minha mão trêmula. — Você está falando sério?

Meu coração bate como um tambor pesado contra meu peito. — Sim. — Respondo nervosamente.

Ele se levanta, passando as mãos pelos cabelos, sorrindo antes de se inclinar e agarrar minhas mãos. Me colocando de pé. — Você está falando sério? — Ele ri com um grande sorriso no rosto.

— Você não está bravo? — Eu fico na frente dele, minhas mãos ainda tremendo nas dele.

Me soltando, ele me levanta em seus braços. — Bravo porra? Baby, estou em êxtase. — Ele me gira antes de me colocar de volta no chão, ele segura meu rosto em suas mãos e me beija com força.

— Vamos ter um bebê? — Ele encosta a testa na minha, posso sentir seu coração batendo forte contra o peito.

Eu sorrio, — Sim.

— Eu te amo, Evvie, porra! — ele me levanta mais uma vez, girando-me em seus braços novamente.

— Eu também te amo, Marcus.

Fim